ANNO II — BELEM Outubro 1918 — FASC. II

REVISTA
DO
Instituto Historico e Geographico
DO PARÁ

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Americo Campos
Dr. Luiz Barreiros
Dr. Emmanuel Sodré

SUMMARIO

BERNARDO PEREIRA DE BERREDO

Annaes Historicos do Estado do Maranhão

Reflexões de PALMA MUNIZ

1.º Secretario do «Instituto Historico e Geographico do Pará»

(Continuação (*)

§ 36—A Cidade de Nossa Senhora de Belem (48) he a capital Povoação da Capitania do Grão Pará, e a principal do commercio do Estado (49). Tem mais de quinhentos visinhos de luzido trato (50): Igreja Episcopal monu-

(*)—Continuado do Fasciculo I da REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO PARÁ, pg. 15 a 37; 1917.

(48)—Aliás Santa Maria de Belem.

(49)—«As grandes cidades não são uma creação artificial do homem» «Na America do Sul, verifica-se, ao primeiro lañce de olhos, que só ha logar para duas dessas situações geographicas.» «Na bacia do Prata, Buenos Aires, e a cidade da bacia do Amazonas, Pará (Belem) serão, evidentemente, dentro de um seculo as duas cidades preponderantes da America do Sul.» —*H. Coudreau. L'avenir de la Capitale du Pará.* Annaes da Bibl. e Arch. do Pará Tomo VII, 1913.

(50)—Segundo dados estatisticos conhecidos, a população de Belem teve o crescimento seguinte: Em 1637, segundo a *relação* de Bento Maciel Parente, apud Doc. para a Hist. da Conq. e Col. da costa leste-oeste do Brasil (Bibl. Nac.

mental erecta (51), e alem de outras as de hum Collegio da Companhia de Jesus (52); e qua-

---

1905). tinha 80 moradores e 50 soldados; em 1749 6.574 habitantes; em 1788, 10.620; em 1801, 12.500; em 1820, 12.400; em 1822, 12.411; em 1825, 13.247; em 1830, 12.467; em 1868, segundo o Conego Francisco Bernardino, 21.916; pelo recenseamento de 1872, 34.644; em 1884, segundo Manoel Baena, 70.000; em 1886, segundo a estimativa do *Diario do Gram-Pará*, 100.000; pelo recenseamento de 1896, 60.128; em 1906, segundo o calculo do *Boletim de Estatistica Demographo-Sanitario de Belem*, 177.000; pela estimativa actual (1917), 200.000.

51)—Pela bulla de 4 de Março de 1719 o Papa Clemente XI creou o bispado do Grão-Pará, suffraganeo do arcebispado de Lisboa. Na mesma data a igreja matriz de N. S. da Graça foi elevada a cathedral. Ainda na mesma data teve logar a creação do cabido, constituido por 4 dignidades, 10 conegos presbyteros, 6 conegos diaconos, 4 conegos subdiaconos, 16 beneficiados, 16 capellães, 9 capellães musicos, 8 moços de côro, 2 mestres de ceremonias, 4 penitenciarios menores; alem de 1 altareiro, 1 organista, 3 sacristães, 1 porteiro da maça, 3 varredores e 1 sineiro. ANTONIO RODRIGUES DE ALMEIDA PINTO—*O Bispado do Pará*. Tomo V dos Annaes da Bibl. e Arch. do Pará (1906).

A primitiva igreja matriz era de taipa e estava edificada no mesmo logar em que está a Sé actual, havendo a sua construcção sido iniciada em 1617.

A Cathedral de hoje foi mandada edificar pela ordem real de 17 de Fevereiro de 1743, tendo sido a primeira pedra collocada a 13 de Maio de 1748. Em 23 de Dezembro de 1755 as obras da capella-mór, com 10 altares e 2 collateraes, achavam-se concluidas, dando o bispo D. Fr. Miguel de Bulhões a primeira benção ao edificio, 19 annos depois de acabada a obra do cruzeiro e corpo da igreja, nas kalendas de Fevereiro de 1774, o bispo D. Fr. João Evangelista Pereira, benzeu a capella-mór e no mesmo dia fez trasladar para ella o antigo painel de N. S. da Graça. (Vide ALVES DA CUNHA, artigos publicados nos ns. 645 a 648 da *A Palavra*, de Belem do mez de Novembro de 1917).

Por iniciativa de D. Antonio de Macedo Costa, o artista italiano De Angelis, como responsavel pelo trabalho, remodelou a sua decoração interna para a que está actualmente. O seu altar-mór, de marmore riquissimo é uma dadiva do Papa Pio IX, comprovada pela inscripção nelle existente.

52)—Em Dezembro de 1652 chegaram a Belem os Padres João de Souto Maior e Gaspar Fragoso, da Companhia de Jesus, iniciando o primeiro a construcção do *Collegio* de S. Alexandre, em 1653.

Esta igreja é um especimen bem caracteristico do esylo que PAUL LECORNU, na sua obra *Les Styles à la portée de tous* (Pariz, Albin, Michel, ed.), chama de *estylo jesuita*, da crea-

tro Conventos de Religiosos, de Nossa Senhora do Monte do Carmo (53), de Mercenarios Calçados (54), e de Capuchos de Santo Antonio (55),

ção do P. Martellange S. J. que "tornou-se o architecto geral para as provincias Lyon, Tolosa, Pariz, tendo com este titulo fornecido os projectos de quasi todos os edificios, principalmente capellas e igrejas construidas pelos jesuitas até o fim do XVII seculo." As linhas geraes da sua fachada lembram, embora com toda a pobreza decorativa de uma igreja colonial, a da igreja dos jesuitas de Antuerpia. Contem as linhas classicas da divisão em andares e as rosaceas caracteristicas, embora feitas de massa. Na parte interna tambem presidem as mesmas idéas do estylo: grandes naves, capellas lateraes baixas, communicando-se como por uma galeria e uma profusão exhuberante de decoração, de ornamentos esculpidos e de dourados, estes ineptamente recobertos actualmente por uma grossa pintura branca, que tirou todo o effeito da belleza da esculptura, que era realçada com o dourado.

53)—Em 1626, o capitão-mór Bento Maciel Parente concedeu aos religiosos Carmelitas calçados, para a fundação do convento da ordem, uma sua casa, situada na extremidade da rua do Norte, hoje Siqueira Mendes.

Construiram logo aquelles frades uma pequena igreja de taipa, que conservou-se até 1690, quando foi demolida, para dar logar a novo templo, que, comquanto mais amplo, ainda manteve a feição provisoria. Sob plano mais grandioso, e, com caracter definitivo, em 1708, os religiosos resolveram edificar a actual igreja que é um dos grandes templos de Belem.

De Lisboa veiu a cantaria necessaria para o seu frontal e torres.

Não ficou essa igreja concluida, segundo o projecto primitivo, pois que, ainda hoje pode-se verificar que a sua capella-mór não está correspondendo, em altura e largura, com as paredes que vinham do corpo. Ou o plano primitivo foi modificado, ou a capella-mór era provisoria, como o parecem demonstrar as paredes que se observam começadas pelo lado de fóra.

Annexa á igreja do Carmo, do lado do rio, está a bella capella da Ordem 3.ª, ampla e bem conservada mas sem fachada.

54)—Data de 1640 o inicio da construcção da igreja de N. S. das Mercez e do convento a ella junto, por iniciativa dos religiosos mercenarios Fr. Pedro de La Rue Cirné e Fr. João da Mercê. Occupam ambos um vasto quarteirão da cidade, com frente para a antiga rua do Açougue, depois da Industria. A igreja é de grandes proporções e possue a mais bella fachada de todas as igrejas de Belem do tempo colonial. Os altares mór e collateraes eram de bellissima obra de talha em cedro, toda dourada. Sequestrados os bens dos Religiosos Mercenarios e expulsos estes, passou o templo á Irmandade do Santo Christo,

e da Piedade (56). Acha-se situada em huma Peninsula (57), hum grão, e trinta e cincominutos ao Sul da Linha (58), com tão errada planta na escolha do terreno, tanto por pantanoso (59), como pela sua irregularidade para

ficando o convento nas mãos do governo. O convento é vasto: dispunha de andar terreo e andar superior; de dois pateos, separados por uma passagem em arcadas. Do lado opposto á igreja das Mercez apresenta para a face do rio um frontão, ao qual corresponde uma larga porta, parecendo que, em tempos idos, foi alli uma grande capella. Hoje está servindo de Alfandega, projectando o Governo Federal remodelar a sua fachada do lado do rio. A igreja das Mercez soffreu grandes vicissitudes. Depois de constituir um centro de piedade e ter florescido, entrou em um periodo de decadencia, que accentuou-se mais com a creação da parochia de Sant'Anna, á qual serviu de matriz em 1852. Descurada na sua conservação, foi fechada no episcopado de D. Antonio de Macedo Costa. As suas bellas obras de talha foram minadas pelos vermes, a tal ponto que, no episcopado actual de D. Santino Maria Coutinho, achavam-se em completa ruina. Si do que restava aproveitavel, nada se guardou, certamente não nos cabe responsabilidade, embora, como profissional tenhamos sido ouvido sobre a parte pura de resistencia de materiaes, no reparo geral do templo.

55)—Convento fundado em 1626. ALMEIDA PINTO—*O Bispado do Pará*. Annaes da Bibl. e Arch. do Pará. Vol. V pag. 34.

56)—Os religiosos da Piedade começaram, em 1749, um convento sob a invocação de S. José, na cidade de Belem, proximo ao igarapé da comedia dos Peixes-bois, (ALMEIDA PINTO, obr. cit. pag. 51), onde hoje (1918) está installada a Cadeia de S. José, conservando a invocação primitiva.

57)—A cidade de Belem está situada em uma ponta de terra, com maxima saliencia no antigo Forte do Castello, o ponto inicial da sua fundação, da qual o territorio se vae abrindo, banhado ao sul pelo rio Guajará (formado pelos rios Guamá e Capim), e do outro lado pela bahia do Guajará. A legua patrimonial de Belem, dentro da qual está a cidade, tem o formato de um leque, com a forma ligeiramente concava para o lado da bahia do Guajará. A expressão *peninsula*, empregada por Berredo é inapplicavel.

58)—A situação geographica de Belem é (na Igreja da Sé) 1° 27' 11'' de latitude sul e 5° 19' 59'' a oeste do meridiano do Rio de Janeiro.

59)—«Belem, edificada sobre um sólo alluvial e tendo mais da metade de seu perimetro á borda de um rio, cujas aguas, ainda mais, a invadem ao longo de quasi toda a peripheria restante, limitando consideravelmente a area utilisavel, ainda que de baixa altitude, do patrimonio municipal é o que technicamente chama Fonsaggrives uma cidade fluviatil, partecipando

as defensas da disciplina Militar, que ainda tendo algumas, assim interiores, como exteriores, em que se conta huma mais capaz na entrada do rio da invocação de Santo Antonio (60); a mais forte de todas he a dos perigos

mesmo dos inconvenientes das cidades palustres, em que se dão os transbordamentos periodicos ou accidentaes dos rios.

Do igarapé de Val-de-Cães ao de Tocunduba, em cujas fózes foram collocados os marcos de delimitação da legua patrimonial, tendo por pião o Forte do Castello, varios cursos d'agua e numerosos corregos se desenvolvem, mais ou menos extensamente, atravez da area municipal, rodeados de vastas baixadas, em que o fluxo e refluxo das marés manifestam a sua acção continua.

Alem daquelles igarapés extremos, e deixando de lado os corregos, muitos dos quaes pela sua importancia são apontados com denominações especiaes, poderemos indicar: O Una, com o seu affluente, o igarapé do Engenho, o qual se estende atravez de uma vasta superficie alagadiça, dominando quasi toda a parte septentrional da cidade; o igarapé das Almas, ou da Doca Souza Franco, que, embora de reduzido thalweg natural, merece consideração especial por aquella applicação a que fôra ha tempos destinado, e em virtude da bacia não pequena a que dá escoamento, e que constitue uma vasta depressão natural, restringindo a area mais elevada e melhor reputada para a habitação; o igarapé do Reducto, em condições identicas, inutilisando uma extensa superficie situada no coração da cidade, entre a Avenida S. Jeronymo, Travessas Benjamin Constant e Piedade; e os igarapés S. José, Larangeiras ou Chermont e outros serpenteando atravez de enorme alagado, que fórma a zona oriental, inaproveitada em sua quasi totalidade.»

Esta exposição, que transcrevo do importante RELATORIO do DR. HENRIQUE A. SANTA ROSA—*O litoral de Belem e pantanos circumjacentes*, apresentado á Intendencia Municipal de Belem, em 30 de Dezembro de 1912, pode permittir ter uma idéa do que era a Capital do Pará no tempo de Berredo.

60)—Existiram na defeza de Belem, no periodo colonial:

O *Forte do Castello*, erigido por Francisco Caldeira de Castello Branco, como fundação da cidade de Belem, em Janeiro de 1616, com a denominação de *Forte do Presepio*, depois substituido por uma construcção de taipa, demolida para dar logar á uma fortaleza regular. Hoje (1918), não possue valor militar algum, por estar abandonado. Ostenta alguns canhões antiquados e nas suas dependencias possue, atiradas ao tempo, velhas peças dos tempos coloniaes, portuguezas, inglezas e hollandezas, alem de morteiros, tambem da mesma epocha.

O Instituto Historico e Geographico do Pará, nos seus estatutos, creou um artigo, pelo qual obriga-se a estabelecer a

da sua barra, que lhe fica na distancia de mais de seis leguas.

§ 37—O clima foy nocivo (61); porem depois

---

sua séde no antigo *forte*, afim de guardar essa reliquia historica;

O *Forte de S. Pedro Nolasco*, situado á beir a d'agua, nos fundos do Convento dos Mercenarios, mandado construir pelo governador e capitão-general Ruy Vaz de Siqueira, em 1665, foi demolido em virtude do aviso do Ministerio da Guerra do Imperio, datado de 16 de Dezembro de 1841;

A Fortaleza de N. S. das Mercez da Barra, construida a requerimento feito em 1685, por Antonio Lameira da França, em uma ilha raza de pedras, no meio do canal de entrada da cidade. Hoje está desguarnecida, servindo de deposito alfandegario, e é conhecida com a denominação simples de *Barra*;

O *Fortim*, situado na ponta septentrional da ilha do mesmo nome, construido para cruzar fogos com a *Barra*, antes de 1729; possuiu uma bateria de seis peças;

O *Reducto de S. José*, mandado construir em 1771 por Fernando da Costa de Athayde Teive, montado com quatro canhões de grosso calibre;

A *Bateria de S. Antonio*, construida mais de 20 annos depois do precedente, por D. Francisco de Souza Coutinho, entre o Reducto de S. José e o Forte de S. Pedro Nolasco. Em 1793 montaram-se nella cinco canhões de grosso calibre, alem de outros menores;

O governador José Narciso de Magalhães de Menezes, em 1807 reuniu as duas obras do Reducto de S. José e Bateria de Santo Antonio com um semi-baluarte e uma muralha em angulo reintrante;

A *Bateria da Ilha dos Periquitos* era constituida por quatro canhões e situada em uma ilhota, chamada dos Periquitos, que demorava abaixo do Forte da Barra, defronte do sitio Tapanã. Foi construida no governo de Fernando da Costa de Athayde Teive (1773);

A *Bateria de Val-de-Cans*, construida de fachina, no tempo do governador das armas José Maria de Moura, nas terras daquelle nome, servia de apoio á *Barra*, e montava quatro obuzes de 6 e 9 pollegadas. Sobre o assumpto leia-se ARTHUR VIANNA. *As fortificações na Amazonia*. Tom. IV, Annaes da Bibl. e Arch. do Pará.

61)—«A situação de Belem (como a de todo o Estado) a barlavento e baixo como é o litoral, banhado pelas aguas da bahia, baixas tambem as ilhas que lhe ficam em frente até o Atlantico, os ventos, predominando de N. E. e de E., penetram facilmente por toda a cidade; ha uma corrente continua do mar para a terra, ou da terra para o mar, conforme as horas do dia, suavisando o effeito solar; demais, Belem está sob *a cinta de nuvens* (Cloud ring, pot-au-noir), o que equivale a

que se mete o gado vacúm, está saudavel; padece alguma falta de peixe fresco, que não deixa sentir huma abundancia de tartarugas, que entre a desproporção de maior vulto se seme-

---

um larguissimo guarda-sol, aberto quasi todos os dias sobre a cidade.

Deste concurso de condições particulares resulta um clima excepcional para Belem que, se não é tonificante, como de facto não é, nada tem todavia, de anemiante e exhaustivo; se, pelo lado do bem-estar physico, não o quizerem, em rigor, considerar como delicioso (o que é para muitos e para mim), não poderão tambem, de modo algum, classifical-o como pesado, desagradavel, oppressivo, sem contrariar a verdade» (Dr. Americo Campos—*Clima do Pará*).

Fallando em geral, diz o Barão de Marajó (*O Pará em 1900*—Geographia Physica. Pg. 11): «O clima do Pará, assim como o de toda a região amazonica, tem sido calumniado, fazendo que ella seja olhada quasi como inhabitavel; entretanto, não se encontra ahi nem a temperatura de 35° e 40° que em parte do anno se encontra em Madrid, Lisboa, Nova-York, e mesmo na Italia, nem tão pouco as frias de—18° e—20° que algumas das mesmas localidades, assim como S. Petersburg, Londres, a Suecia, a Noruega offerecem durante mezes aos seus habitantes.»

O Dr. Gonçalo Lagos (*O Pará em 1900*—Noticia sobre a Meteorologia e Climatologia Medicas do Estado do Pará), em uma das suas conclusões, assim se expressa: «A simples e breve exposição que temos feito até aqui das condições e constituição climaticas do Pará, enriquecida por observações de auctoridades insuspeitas, prova-nos á saciedade a benignidade e excellencia desse clima sem igual em outra qualquer região situada no Equador.» Pg. 77.

Ainda o Dr. Americo Campos, no bellissimo e valioso capitulo—Noticia sobre a Pathologia medica do Pará, no mesmo trabalho *O Pará em 1900*, diz: «Não fosse a incuria humana, neste solo abençoado gozar-se-ia o paraiso da terra. As tempestades violentas, que desmantelam e afundam navios, não chegam ás nossas praias; os furacões devastadores, que destroem cidades, não nos visitam nunca; o *simoun* potente, coveiro de caravanas, não encontra aqui deserto,—espojeiro infindo, onde estuante se revolva. Firme o solo permanece sempre e jamais sentiu repercussão alguma de qualquer terremoto que haja sacudido a terra. O nosso sol não fulmina; o nosso frio não congela. E' perenne a primavera: sempre arvores enfolhadas, verdes e floridas. Perdida a força, doce e suavemente, aqui chegam os restos dos furacões cosmicos. O solo é fertil; flora e fauna são apontados como imcomparaveis.» Pag. 121. «O nosso clima é ameno: não receiamos que a temperatura suba

lhão bem aos nossos cágados; e de todas frutas do Paiz, em que entra o cacao, a que chamão cultivado (62); não he tambem menos soccorrida de plantas de café (63) de boa qualidade.

§ 38 — As suas terras, na visinhança da Cidade, são pouco proveitosas para plantas de

ao par da de Pondichery, nem que desça ao nivel da de Fort Elizabeth.» Pag. 122.

62)—«O cacau (*caa-caû-ua* dos indios) era a principio colhido nas mattas onde nascia espontaneamente, e chamavam-no bravo. A sua cultura mandada fazer pela ordem regia de 1 de Novembro de 1677, começou em 1678, e desde então chamado cacau manso. Pelo alvará do 30 de Março de 1680 foram declarados livres de todos os direitos, por tempo de seis annos, o cacau cultivado, a baunilha e o anil, que nos quatro annos seguintes pagariam metade dos direitos; como tambem, ficou pagando meios direitos, o cacau bravo, por tempo de quatro annos. Em carta de 24 de Abril de 1665, escripta da Bahia a Paulo Martins Garro, capitão-mór da capitania do Pará, o vice-rei de Brasil, D. Vasco Marcarenhas, conde de Obidos, "affeiçoado ao chocolate" recommendou "com todo o encarecimento" áquelle capitão-mór que lhe enviasse "garfos nascidos ou sementes de cacau, para que se pudesse plantar ou semear na Bahia, por ser util ao Brasil transplantar-se a elle aquella fructa: que como se dão nessa Provincia parece que se darão aquellas plantas tão bem neste clima, como nesse" (*Cod. da Bibl. Nac.*).

Passou então o cacau do Pará a ser plantado e cultivado na Bahia, que nelle tem hoje um dos seus principaes productos de exportação. Em 1730 havia no Pará cerca de milhão e meio de pés de cacau cultivado; e em 1740, mais de setecentos mil pés."—MANUEL BARATA. *A Antiga Producção e Exportação do Pará*. Pag. 11.

63)—"O café, como é sabido, foi o Pará o primeiro Estado do Brasil que o plantou em 1727. Em Maio desse anno, o sargento-mór (major) Francisco de Mello Palheta, que tinha ido a Cayena no desempenho de uma commissão do governador e capitão-general do Pará, de lá trouxe «mil e tantos fructos de cinco plantas» de café, segundo declara o mesmo Palheta. «Somente uns vinte e tantos annos depois, segundo Varnhagen (*Hist. Geral do Brasil*, T. 2.º pg. 870), passaram do Pará ao Rio de Janeiro as primeiras sementes de café. Do Rio de Janeiro passou elle para Minas-Geraes, e, successivamente, para a Bahia, S. Paulo e Ceará». MANUEL BARATA. Obr. cit. pags. 13 e 18.

As estatisticas antigas de exportação dos dois generos, cacau e café, dadas pelo DR. MANUEL BARATA (obr. cit.) podem ser reunidas no quadro seguinte.

assucar (64); porque as que hum anno se fabricão, servem só para outro: com tudo ha nel-

Annos	Cacau		Café	
	Arrobas	Libras	Arrobas	Libras
1773	58.784	26	4.273	24
1774	4.112	3 1/2	141	2 5/8
1775	72.908	—	4.408	12
1776	58.407	5	5.792	4
1777	6.907	—	3.542	31
1778	60.152	29	6.579	3
1779	57.884	16 1/2	4.513	18 1/2
1780	60.395	27	3.122	15
1781	40.490	25	2.838	6
1784	100.776	28	1.796	14
1785	34.877	21	1.083	20
1786	84.128	19	1.282	10
1794	79.721	30	2.811	19
1796	48.116	—	4.042	—
1797	120.995	—	3.576	—
1798	64.367	—	5.019	—
1799	84.302	—	3.224	—
1880	127.181	—	4.903	—
1801	64.475	—	2.562	—
1802	145.669	—	4.793	—
1808	16.465	—	—	—
1810	105.213	1/2	2.498	—
1811	65.266	—	4.174	—
1812	97.834	—	1.544	—
1813	85.533	—	—	—
1814	177.643	—	—	—
1815	145.275	—	—	—
1816	123.827	—	1.074	—
1817	125.956	—	4.531	—

64)—«A canna de assucar ou canna doce era tambem de producção espontanea nas vargens e margens baixas dos rios. Muito antes de Francisco Caldeira de Castello Branco chegar ao Pará (1616) já os hollandezes tinham nas suas feitorias do rio Xingú dois engenhos de assucar, «de que carregaram alguns navios, com o mais que a terra dava». Um desses engenhos estava na feitoria de *Maturú* (actual cidade de Porto de Mós), defendida pelo fórte de *Orange*, á margem direita daquelle rio; o outro, na feitoria de Guiaminá, á margem esquerda, protegida pelo fórte de Nassau, dez leguas acima da primei-

las desanove engenhos (65); e se aos seus lavradores lhes não atasse as mãos a falta de servos, he tanta a sua actividade para esta cultura, que até sentiria a mesma natureza na abundancia das safras, ainda não buscando sitios mais apartados da Povoação, o que facilmente descobririão igual commodidade dos transportes de agua.

---

ra». «Os primeiros engenhos que se estabeleceram, pouco depois da occupação dos colonizadores portuguezes, nas circumvisinhanças de Belém, como o de Feliciano Coelho, por elle montado, em 1634, na sua Capitania do Camutá, moiam a canna indigena».

«Em 1667 é que foi aqui plantada, por parecer de melhor qualidade, a canna da ilha da Madeira, transplantada daquella ilha por ordem do ministro e secretario de Estado, Conde de Castello Melhor. Em 1740, o assucar era moeda e dinheiro corrente na terra, como o cravo, o cacau e os novellos de fio de algodão».

«Pelo aviso de 16 de junho de 1761, ao governador do Pará, a fabricação do assucar foi reduzida somente para o consumo local, tendendo os colonos para a fabricação da aguardente». Em 1797 introduziu-se a cultura da canna de Cayena, trazida daquella possessão franceza. DR. MANUEL BARATA. obr. cit. pg. 21 e seg.

65)—«E' tradicional que um plantio de canna, no Pará, prestava-se a successivos e continuos córtes, por espaço de trinta e mais annos, sem diminuição do seu producto saccharino. Dr. MANUEL BARATA. Obr. cit. pg. 24.

O Tenente-coronel AGOSTINHO MONTEIRO GONÇALVES DE OLIVEIRA, na sua *Chronica do Igarapé-miry*, diz que conheceu cannaviaes com trinta e quarenta annos, nesse municipio, e que são verdadeiros bens de raiz, repetindo a expressão do celebre *Carambola*, Sebastião Freire da Fonseca.

Na zona da Estrada de Ferro de Bragança, dão os cannaviaes tres córtes, o primeiro, a *socca* e a *resocca*.

O DR. MANUEL BARATA (obr. cit. pg. 24) accrescenta, sobre os engenhos do tempo passado: «Foram prosperos e opulentos, em tempos idos, os engenhos: de *Val de Caens*, na Bahia do Guajará; o de *S. Matheus*, no rio Barcarena; de *Mucajuba*, de *Guaramucú*, do *Jardim*, de *N. S. da Estrella do Monte Libano* ou *Pernambuco*, no rio Guajará, vulgo Guamá; de *Guajará-miri*, no rio deste nome; de *Utinga e de Murutucú*, nos igarapés dos mesmos nomes; de *Itacuan*, de *Ibirajuba* ou *Burajuba*, de *Carambaba*, de *Itaboca*, de *Juquiri*, no rio Mujú; de *Taperuçú* e de *Apuruaga*, no rio Capim; de *Tauaú* e de *Itapicurú*, no rio Acará; de *Marapatá*, na bahia deste nome; de *Guruçambaba*, no rio Tucantins; de *Maranarú*, junto a bocca do Canaticú».

§ 34 — Confina esta Capitania (66) com a do Maranhão pelo rumo de Leste, com a declinação ao Sueste (67) pela parte do Norte com a Colonia de Cayena, dominio da França: pela do Noroeste com a de Suriname, conquista hollandeza (68):e Leste, Oeste, subindo o grande rio das Amazonas, com o reino do Perú nas Indias Castelhanas (69).

§ 40 — Pertence-lhe a Capitania do Caytė, (70) de que he Donatario o Porteiro mór Joseph de Mello de Souza (71):

66) — A capitania do Grão-Pará, que então comprehendia uma parte do actual Estado do Maranhão e os Estados do Pará e do Amazonas.

67) — O limite com a Capitania do Maranhão era o rio Tury-assú, conservado até 1852, quando o decreto imperial n. 639 de 12 de junho annexou á Provincia do Maranhão a zona comprehendida entre os rios Gurupy e Tury-assú.

68) — Essas duas referencias correspondem actualmente com a linha norte do Estado do Pará, limitando-se com a Guyana Franceza pelo *thalweg* do rio Ovapock e *divortium aquarum* das serras de Tumucumaque, com a Guyana Hollandeza, ainda pela linha divisoria de aguas das serras de Tumucumaque e Acaray.

69) — A expressão final — Leste-Oeste — não está muito correcta. Na epoca, o autor não possuia conhecimentos dessa parte da Amazonia, então no dominio portuguez; sabia apenas que lá para essas bandas longinquas os dominios de Portugal entestavam com os de Castella, designados genericamente pela denominação de Reino do Perú, abrangendo os actuaes paizes sul-americanos, Venezuela, Colombia, Equador, Perú, Bolivia e Chile.

70) — Doada por Felippe III de Hespanha a Gaspar de Souza, antigo governador geral do Brasil, em 9 de Fevereiro de 1822, estendia-se do rio Tury-assú ao rio Maracanã, com vinte leguas de fundo.

71) — Gaspar de Souza não procurou tomar posse, muito menos beneficiar a sua capitania. Seu filho Alvaro de Souza somente apercebeu-se da doação de 1622, quando o capitão-mór do Grão-Pará Francisco Coelho de Carvalho, a doou a seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, conseguindo do rei a annulação do acto de Coelho e Carvalho. Fundou então a villa de Suoza do Caeté. A Alvaro de Souza succedeu seu filho Manoel de Mello e Souza. Passou em seguida a capitania ao porteiro-mór José de Mello e Souza. Em 1730, dizia a carta regia de 11 de Fevereiro que «a villa de Caythé se acha hoje toda destruida e arruinada, só com quatro ou cinco moradores, sem fórma de villa...» A falta de meios dos donatarios e o abandono em que a deixaram levou Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a in-

a villa da Vigia, do Senhorio Regio (72); a Ilha grande, chamada de Joannes (73), de que he Barão e Donatario Antonio de Souza de Macedo (74): e a Capitania do Camutá (75), de

---

tervir na respectiva jurisdicção desde 1753, abandonando a antiga villa, hoje conhecida com o nome de Villa-coera, e fazendo fundar a actual cidade de Bragança com 30 casaes das ilhas dos Açores.

72) — A Vigia estava situada dentro da Capitania do Grão-Pará, do dominio da Corôa, razão pela qual o autor a chamou *do senhorio regio*. A origem da Vigia remonta aos indios Tupinambás, que no local possuiam uma aldeia, denominada Uruitá. O governo colonial instituiu no local um posto fiscal, não só para proteger as embarcações que demandavam o porto de Belem, como para prevenir o contrabando. Desta utilidade de *vigiar* lhe adveiu o nome actual. Em 1693 teve o foro de villa. Vide PALMA MUNIZ, TOMO IX dos ANN. DA BIBL. E ARCH. doPará — O Municipio da Vigia.

73) — Ultima capitania concedida nas terras do Grão-Pará em juro e herdade por D. Affonso VI ao seu secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo (Vide carta da doação, TOMO I. *Ann. da Bibl. e Archivo*, do Pará, pag. 46 seg.), por carta de doação de 23 de Dezembro de 1665, comprehendia toda a actual ilha de Marajó. Os donatarios preoccuparam-se somente com a parte NE da grande ilha, constituida na generalidade de vastas campinas, nas quaes desenvolveu-se a industria pastoril que ainda perdura.

Nella foi fundada a Villa Nova de Marajó, á margem esquerda do rio Arary (1747), por André Fernandes Gavinho, que durante varios annos exerceu o cargo de capitão-mór, logar-tenente e governador geral da Ilha grande de Joannes, por delegação dos donatarios, expedindo nesse caracter grande numero de cartas de data e sesmaria, fundamentos hoje de uma grande parte do direito de propriedade de terras da região das campinas de Marajó. Por decreto de 20 de Abril de 1754 o governo de D. José I extinguiu a donataria, incorporando a capitania aos dominios da Corôa, dando ao ultimo barão donatario, em troca, o titulo de Visconde de Mesquitella e uma renda de 3.000 cruzados. Por aviso de 6 de Junho ainda de 1754 mandou o governo de Lisboa que fosse tomada posse da ilha, sendo nomeado para seu inspector geral Florentino da Silveira Frade (Vide MANUEL BARATA, *A Antiga Producção e Exportação do Pará*, pg. 38, nota 14).

74) — Parece que o autor, quanto ao titulo de barão, quer referir-se ao terceiro donatario da capitania da Ilha grande de Joannes, de nome igual ao primeiro e delle possuidor.

MANUEL BARATA (obr. cit. pg. 38 nota 14) estudando a questão do titulo de barão, conclue pela forma seguinte: "Ao filho de An-

que é Donatario Francisco de Albuquerque Co-

tonio de Souza de Macedo, Luiz Gonçalo de Souza de Macedo, deu o mesmo D. Affonso VI o titulo de barão da Ilha grande de Joannes, por carta de mercê de 27 de Setembro de 1666 (Fr. Claudio da Conceição, *Gabinete Historico*, t. IV, pg. 349: Sanches de Baena, *Resenha das familias e grandes de Portugal*, t. II).

Equivocadamente dizem, porém, alguns escriptores que esse titulo fôra dado ao mesmo Antonio de Souza de Macedo, quando, antes mesmo dos autores citados, o proprio Antonio de Souza de Macedo, que só tivera a doação da capitania, sem o titulo de Barão, diz expressamente, em uma memoria por elle escripta em 1675: "No Gram Pará, Estado do Maranhão, sou Senhor e capitão geral da Ilha grande de Joannes (onde meu filho tem o titulo de Barão)... "(Cod. CCXC 17/78 da *Bibl. Nac.*)".

Diz o mesmo auctor que a successão na donataria foi a seguinte: A Antonio de Souza de Macedo, fallecido em 1 de Novembro de 1682, succedeu seu filho Luiz Gonçalo de Souza Macedo, 1.° Barão da Ilha grande de Joannes, que falleceu a 10 de Agosto de 1727. A este succedeu no titulo e na donataria seu filho Antonio de Souza de Macedo 2.° Barão e 3.° donatario. O 4.° donatario e 3.° barão, ultimo na donataria e na baronia, foi Luiz de Souza de Macedo.

75) — A terceira capitania creada no Grão-Pará o foi por Francisco Coelho de Carvalho, doada a seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, por carta de data de 14 de Dezembro de 1634. Os seus limites, o PADRE JOSÉ DE MORAES (apud. *Historia da comp. de Jesus, no extincto Est. do Maranhão*) assim os indica: «... passando pelo rio Limoeiro, fazendo-se uma linha imaginaria até o rio das Areias, tudo o que fica á mão direita era pertencente ao Barão da Ilha grande, e o que fica á mão esquerda tocara ao donatario de Camutá, Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, cujas terras começam da boca do rio Tocantins até o rio das Areias, por costa, com algumas ilhas e quarenta leguas para o sertão».

Em trabalho especial estudarei qual o rio que tinha a denominação de — rio das Areias. Parece ser o mesmo que com identico nome se lança no rio Amazonas abaixo da cidade de Gurupá, pela margem direita, antes da bocca do furo do Tajapurú.

Em 1635 Feliciano Coelho de Carvalho fundou a Villa Viçosa de Santa Cruz do Camutá.

Na posse da capitania succederam-se Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho e D. Luiza Antonia de Mendonça, viuva deste ultimo, que reuniu em sua herança as capitanias do Camutá e de Cumá. Ainda não está bem averiguado como passou a Capitania do Camutá ao dominio da corôa.

Deve-se notar que esta capitania constituia uma conces-

elho de Carvalho, todas com poucos moradores (76).

§ 41 — A grande bahia de Belem do Pará não se fórma do rio das Amazonas, como vulgarmente se presume (77); mas sim das bocas do Mojú (78).

---

são do capitão-mór, que não póde ser comparada ás de juro e herdade, doadas pelo rei.

76) — Deixa Berredo, neste paragrapho, de mencionar a capitania do Cabo do Norte, doada a Bento Maciel Parente, por acto regio do rei de Hespanha de 14 de Junho de 1637 e confirmado por D. João IV, de Portugal, datado de 9 de Julho de 1645, talvez pelo mallogro da concessão. Abrangia essa capitania o territorio — «que tem pelas costas do mar trinta até quarenta leguas de districto, que se contão do dito cabo do Norte até o rio de Vicente Pinçon, onde entra a repartição das Indias do Reino de Castella, e pela terra a dentro Rio das Amazonas arriba, da ponta do canal que vai sahir ao mar oitenta por cem leguas, até o rio de Tapuyussús». Reverteu esta capitania á Corôa, por falta de legitima successão, como diz o P. JOÃO DE SOUZA FERRERA, *America Abreviada*. Rev. do Int. Hist. e Geog. do R. de J. Tom. LVII, part. 1.ª pg. 26.

77) — A bahia do Guajará, chamada, é o grande estuario dos rios Guajará, Acará e Mojú, comprehendido, em sentido longitudinal, da fóz desses rios até as ilhas Caratateua, Tatuoca e Cutijuba, e, no sentido de largura, entre a terra firme da cidade de Belem e villa do Pinheiro e as ilhas que lhes ficam fronteiras. Contem as ilhas seguintes: Fortim; Auxaú-assú, concedida por carta de sesmaria de 13 de Julho de 1809 a Felix José dos Santos; Periquitos; Preguiça; da Barra; Redonda; Longa-Urubuoca, concedida por carta de sesmaria de 3 de Novembro de 1821 a Fraacisco Ferreira de Souza; Paquetá e Jutuba, concedidas por carta de sesmaria de 20 de Agosto de 1785 a João Pereira da Cunha Queiroz, sendo, actualmente a Jutuba pertencente ao Estado, por compra feita pelo general Soares de Andréa a Benjamin Upton, conjunctamente com as terras do Pinheiro, do Redemptor e do terreno *40 horas*; Cutijuba; Tatuoca, concedida por carta de sesmaria de 16 de Junho de 1732 a Manoel de Goes, e tornada a conceder por carta de 17 de Agosto de 1822 a Luiz Vicente Dias Leal; Ilha Nova, defronte do Pinheiro; Arapiranga; alem da ilha das Onças em frente a cidade, que serve de limite por esse lado á bahia do Guajará.

78) — *Da Chronica de Igarapé-miry*, 3.ª Parte, do Tenente-coronel AGOSTINHO MONTEIRO GONÇALVES DE OLIVEIRA, são tomados os apontamentos que se seguem, sobre o rio Mojú: «O rio Mojú é um dos mais bellos e ricos do Estado do Pará, por ser formado de innumeros e pitorescos estirões, que se encadêam em fórma de zig-zags, de um curso superior a 1.200 kilometros e de largura maxima variavel entre 280 a 300 metros

Acará (79), e Guamá (80), rios tambem mui-

---

e minima de 150 a 250, com excepção da sua fóz que tem aquella primeira largura, e fica a 14 ou 15 kilometros da cidade de Belem do Pará». «Observa-se tambem no Mojú o phenomeno da pororóca, que póde ser melhor visto do estirão Carioca e do porto Itapeua. Recebe o Mojú os affluentes principaes: pela margem direita subindo: Jambu-assú, com os braços Jacundahy-miry, Ipitinga, Tracuateua e Serraria; Aratimungo; Piacé; Ubá, com diversos affluentes, entre os quaês o Ipetinga; Jupuhuba; Tapera; Araraim; Maratininga; Aranahy; Mirityteua; Caranandeua; Fabrica; Assacuteua; Sucurijú; Curuperé; Deserto-Araçateua; Pae João; Sucurijú de cima; Bacury-assú; Tayassuhy, além do qual o Mojú se divide em dois, não havendo sido explorado para cima. Pela margem esquerda subindo contam-se os seguintes: Cabresto, que serve de limite ao municipio da Capital; Guajarauna, com um braço denominado Caeté; Agua-pé; Camarituba; Urubuputaba; Apihy; Jupuhubinha; Sapucira; Cayrary, que é o maior affluente do Mojú, com os seus afluentes Tambahy-assú e Tambahy-miry; Igarapé das Almas; Igarapé-assú; Arraia; Tabocal; Camaianateua; Mamorana; Sem none; Ipitinga, importante na historia da cabanagem, depois do qual vem o repartimento. O rio Mojú possue as cachoeiras seguintes, já conhecidas indo de baixo para cima: Itapeua, Tracamby; Jararacuera; Santo Antonio; Mares; Jararaca; Bacury-assú; e Vira Sebo ou Mucura. O rio Mojú é rico de tradições historicas e de lendas, entre as quaes a de um celebre thesouro nelle escondido, e a de Santo Antonio na 4.ª cachoeira.

79)—O rio Acará, com a sua bacia inteira, constitue o Municipio do Acará, do Estado do Pará, e é uma importante arteria da vida economica do Estado, pela facilidade de navegação que offerece e pela sua exportação de madeiras.

Encaixa-se o seu valle entre o dos dois rios Capim a leste e Mojú a oeste.

Corre em territorio de varzeas altas sem ondulações importantes, cobertas de virentes florestas, desdobrando-se sinuoso, sobre um terreno em geral argilo-silicoso, com afflorações numerosas de grés ferruginoso, que por vezes é encontrado no leito do rio, cerceando no tempo de verão a sua navegabilidade, sem obstruil-o a não ser na primeira cachoeira, existente no alto Miritypitanga.

A direcçãe geral de seu curso é SW—NE, com approximação pronunciada par a linha SN, até unir-se com rio Mojú.

As suas nascentes approximam-se do parallelo 4º S, descendo do mesmo territorio de onde dimanam o Ararandeua, um dos formadores do Capim, e o rio Mojú, terras cobertas de densas florestas e grandes capoeirões, nas quaes as madeiras reaes são abundantissimas.

Reune-se o rio Acará ao rio Mojú na latitude sul de 1º 46' 30'', tendo uma largura de foz de 500 metros approximada-

mente, largura que se vae progressivamente estreitando, á medida que remonta, sendo de 200 a 250 metros na juncção do Acará Pequeno, de 70 a 80 metros ao receber o Ahy-assú, reduzindo-se a 25 metros na primeira cachoeira, e dahi estreitando-se até suas nascentes.

E' um rio que soffre a influencia das marés.

No periodo do inverno, a maré chega até o logar Sapucaya, onde desagua um affluente pela margem esquerda com o mesmo nome, e a entumescencia é sentida até o logar denominado Caruara, onde tambem desagua no rio pela margem esquerda um affluente com o mesmo nome.

No periodo da estiagem a maré attinge o repartimento com o rio Ahy-assú, e a entumescencia é sentida até quasi o igarapé Inajateua, seu affluente pela magem direita.

Redunda isto em dizer que o rio é navegavel pelos vapores e lanchas da nossa navegação fluvial, quér de inverno, quer de estiagem até o repartimento com o rio Ahy-assú.

As suas aguas possuem uma côr parda escura, que se conserva até na sua arte alta, tornando-se cada vez mais limpa e transparente, mas sem perdel-a.

Com aguas da mesma côr apresentam-se os seus principaes ramos ou affluentes, Acará Pequeno e Ahy-assú, bem como os seus mais pequenos affluentes, alguns dos quaes possuem aguas mais escuras, como o Sapucaya.

E' o rio Acará dividido em tres trechos: o Baixo Acará, comprehendido entre a sua foz e a sua juncção com o Acará Pequeno, na situação geographica do 2° 11' 30" de latitude sul e 5° 12' 2" de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro, em frente á villa do Acará; o rio Miritypitanga, ou alto Acará, comprehendido entre a foz do Acará Pequeno e a juncção com o rio Ahy-assú, affluente da margem esquerda; e o alto Miritypitanga, comprehendido entre a foz do Ahy-assú e as cabeceiras.

Tres são os principaes elementos formadores do rio Acará: o Miritypitanga, como mãe do rio, na linguagem do indio que o habita; o Ahy-assú (Preguiça Real), seu affluente pela margem esquerda; e Acará Pequeno, affluente pela margem direita.

Possue o rio apenas duas cachoeiras, ambas constituidas de pedras de gres ferruginoso, a de cima chamada Emilio Leão e a de baixo Palma Muniz, nomes estes dados em 1918, na primeira excursão de levantamento do rio, feita por esses dois profissionaes.

Na epocha da estiagem essas duas cachoeiras obstruem o rio, Emilio Leão, com uma queda de quasi um metro e a Palma Muniz com uma queda approximada de tres metros.

Acima da cachoeira Palma Muniz recebe o rio Miritypitanga os affluentes seguintes:

pela margem direita, descendo, Tucajateua, S. José-miry, S. José, Taperendeua e Carrapateua:

pela margem esquerda, Pajurauaua, Ubimteua, Assahyteua, Capinateua e Cariateua.

Da cachoeira Palma Muniz, para baixo, pela margem direita, Cachoeira, Bacuryteua, Inajateua, Jurarindaua e Acarateua; pela margem esquerda, Tucumandeuazinho, Sarapoteua e Jaracareteua.

O Inajateua recebe pela margem esquerda o Arumateua e o Jacareteua, pela margem direita, o Jacareteuazinho.

O ultimo terreno occupado com bemfeitorias e titulo legal de terras é o S. ANTONIO DO BARROS, junto á foz do affluente Inajateua, á margem direita do rio.

Na foz do Jurarindaua, abaixo do precedente está a SERRARIA DO ANNIBAL, ainda sobre a margem direita.

Recebe em seguida o Miritypitanga, pela margem esquerda o seu formador do alto, o rio Ahy-assú (Preguiça Real,) com uma foz de 50 a 60 metros de largura, formando um angulo approximado de 70° para SW.

Este affluente é quasi tão extenso de curso como o Alto Miritipytanga, e recebe, pela margem direita o Cipoteua, e, pela esquerda, descendo, o Taperendeua, o Jacareteua e o Assahyteua.

As suas nascentes estão situadas em terrenos de mattas virgens, que, conjunctamente com as cabeceiras do Miritipytanga, sao percorridos e transitados pelos indios da tribu dos Turyuaras, que fazem correrias no territorio comprehendido entre os rios Acará e Mojú, até os campos das cabeceiras dos igarapés Tury-miry e Curuara. Esses indios mantêm relações com os habitantes do Alto Miritipytanga.

Acima do Ahy-assú o rio Miritipytanga offerece um estirão bastante largo, denominado Chapeu Virado, no qual abre-se com mais de 200 metros.

Abaixo do Ahy-assú recebe o Miritipytanga os affluentes seguintes:

pela margem direita, Curumateua, Acarateua, central e habitado, com um pequeno affluente: Urucuré Grande, central, com os affluentes á margem direita, Pitinga, Arrayateua, e Acarateua, e pela margem esquerda o Urucurézinho; Arumateua; Ipitinga, com um affluente á margem esquerda; Turé, bastante central, barrado logo na entrada, para aproveitamento da energia hydraulica, facto que deu logar á formação de um grande lago no seu leito, impedindo a habitação das suas margens; Trindade; Xavier, muito central e bastante habitado; Maracatim; Cabocá; Igarapé-assú de Cima; e Acará Pequeno.

pela margem esquerda, abaixo do Ahy-assú, tres pequenos affluentes, depois dos quaes succedem-se o Natal; o Saraquara; Tury-assú, central, com suas nascentes nos campos do Cajual e do Humiry, recebendo pela margem esquerda, descendo os affluente Ajuá, Castanhal, Cupiuba, Sapucaya, Tripudo e Tapayunaquara; Tury-miry, central, indo aos campos existentes entre o Acará e Mójú, e recebendo pela margem di-

reita os affluentes, descendo, Campinarana, Jucaréuna, Mucuimsaua, Anahy e Maracajá, e, pela esquerda, o Pataca e o Timboassuteua; Agua Boa; Caruara, que vae tambem aos campos do Tury-assú e Tury-miry; Remanso; Mojuim; Paraiso; Sapucaya; Miangaua; Arumã-pucú; Itaucú; Jussarateua; Tabocal; Curucampina; Itapicurú; Mayuarú-assú; S. Bento; e Asshyteua.

O rio Acará Pequeno vai dividir aguas com o medio rio Capim e é extenso; conflue com o Miritipytanga em um angulo quasi de 90°.

Descendo das suas cabeceiras, recebe pela margem direita os affluentes Thomé-assú, Tucumandeua, Marupahuba, Mocoões, Mocoõesinho, Jupuhuba (central).; e pela margem esquerda, Mariquita Grande, Uxyteua e S. Maria.

O Ahy-assú e o Acará Pequeno não possuem cachoeiras.

Nas cabeceiras do Acará Pequeno existem tribus de indios Tembés, já com relações com os habitantes de baixo, apparecendo tambem por ellas os indios Urubús, nas correrias depredantes que costumam fazer por lá, pelo Capim e Guamá.

Em frente á foz do Acará Pequeno, sobre a margem esquerda do rio Acará, está situada a villa do Acará, séde do Municipio do mesmo nome.

Abaixo do rio Acará Pequeno, recebe o rio Acará pela margem direita os affluentes seguintes, Piracatinga; Mariquita de Baixo, com os subaffluentes Belem pela margem direita e Timboateua pela margem esquerda; Bocaya; Araçateua, com dois braços; Castanhal Grande onde foi preso o tenente-c[el]. Felix Ant. Clemente Malcher em 1834 e Araçary; e pela margem esquerda, e Assú de Baixo; o Tapiocaba; e o Juruparyteua e Itapicurú. -

Em riquezas florestaes o Acará é um dos mais importantes das proximidades da capital do Estado do Pará.

Alem da seringueira, possue vastos castanhaes nativos; madeiras de lei importantes, tanto para a construcção civil, como para a naval, podendo-se mencionar como as principaes o acapú, a massaranduba,. o piquiá, o pau amarello, a itauba, o angelim, a cupiuba, o pau roxo, o louro, o taxy, etc.

A bacia possue anida vastos campos, apropriados para a criação de gado, na região das .cabeceiras dos affluentes Caruara, Tury-miry e Tury-assú, campos semeados de ilhotas de mattas, nas quaes abundam as caças. PALMA MUNIZ. Rel. sobre as terras do rio Acará—1918

80)—O concurso dos rios Guamá e Capim, que unem-se em frente á villa de S. Domingos da Boa Vista, fórma segundo algumas opiniões,o rio Guajará, que se costuma chamar Guamá. Si se devesse dar o nome de um dos rios formadores á parte que reune as aguas dos dois rios, a denominação de Capim seria a adequada, por ser este ultimo a verdadeira *mãe do rio*, como mais extenso e mais caudaloso,o BARÃO DE MARAJÓ (REVISTA AMAZONICA) quer que se donomine Capim e chame de rio

Guajará á juncção das tres aguas (Mojú, Acará e Guamá), excluindo a denominação *bahia do Guajará*. O illustre titular, entretanto, no seu bellissimo artigo *Geographia Physica*, escripto no *Pará em 1900*, diz que «o Guajará é uma parte do rio que é a continuação do Capim e Guamá e passa em frente da cidade de Belem» (pag. 30). Admittindo esta ultima opinião (vide a n. 79), podem ser citados os affluentes seguintes do Guajará: á margem esquerda geographica subindo: igarapés Jacaréguara, Samaumapara, Curuçambaba, Mocajuba, Guajará-assú, Guajará-miry, Bom Intento e rio Bujarú: pela margem direita geographica, subindo o rio: igarapés, Larangeira, Tucunduba, Murutucú, Catú, Agua Preta, Aurá, Oriboquinha, Oriboca, Tayassuhy, Caraparú, Jandiahy, rio Inhangapy, igarapé Tapiuá, alem de outros menores, todos dentro do Municipio de Belem (capital).

O rio Guamá nasce nos contrafortes paraenses da serra dos Coroados, e depois de correr em direção de Sul a Norte, inflecte para o lado de Este, até reunir-se ao Capim. O seu curso é superior a 300 kilometros. Ainda não está todo regularmente explorado. Possue dois braços iniciaes, e os affluentes seguintes: á margem direita, Puraquecoara, S. José, Lazaro, João Alves, Cafeteua, Colonia, Ponto, Tininga, Cupichaua, Porco, Jutahy, Acaracuara, Tracuateua, Pitomba, Cachoeira, S. Pedro, Tauary, Gipuhuba, Araçá, Anoyrá, Castanhal, Paixão, Tapera, Furo, e os grandes rios Mururé, Urucury e Carauateua, alem de igarapés, como o S. Miguel e outros; pela margem esquerda, Pacuhy-miry, Pacuhy-assú, Ajará, Jaquery, Fazenda, Prato, Boa Vista, Maria Thereza, Riacho, Apuhy, Igarapé-assú, Jauaryteua, Quaxinguiá, Jararaca, Cachoeira, Tauary-miry, Cajoeirinho, Poço, Induá, Lago, Pery, Tucumanzal, Sapupyra, Saubeiro, Irituia, Jurujaia, que é referencia de limites municipaes, e Jupatyoca.

O rio Capim tem como formadores o Surubiú, a direita, e, o Ararandeua á esquerda. Recebe pela margem direita, abaixo da cachoeira do Capim: os igarapés do Marinheiro, Tauiry, Pindobal, Piry-Piry, S. Romualdo, Matamatá, Sem nome, Tambá-assú; o rio Canachy; os igarapés, Pirocaua, Saraua, Purgatorio, Inferno; rio Putirytá; igarapés, Carrapatinho, Cupijó, Arraial, Puraquecoara, Louro, Janaroca, Curupira, José da Costa, Icanhuera; os rios Candirú-assú e Candirú-miry; igarapés, Caetano, Jaboty-maior, Caratateua, Jauará. Pela margem esquerda, abaixo da cachoeira do Capim, acima citada, os igarapés, Itaquiteua-miry, Tabocal, Tapuyo, Loendeira, Cachoeirinha, S. Maria grande, S. Mariasinha, Tambáahy, Puraquecoara, Carauatá-assú, Carauatá-miry, Acaputeua, Timboteua, Abbadinho, Julio, Lauriana, Juruparycoara; rio Bacury, igarapés Paupuranga, Pacateua, Taboada, Jauary, Ananahy, Goiobal, Janiry, Quiandeua; rio Tuyuyú; igarapés, Cajueiro, Antonio, Marecaxy.

As indicações acima são tiradas do mappa do rio Capim'

to caudalosos, e povoados da mayor parte dos engenhos de assucar, (81) e mais lavouras da Capitania (82); e na descridção della não com-

levantado pelo DR. VICENTE CHERMONT DE MIRANDA, e publicado pela *Revista do Museu Paraense*, e comprehende o trecho entre S. Anna e a cachoeira do Capim.

81)—Vide nota 65

82)—Não obstante não possuir o Archivo Publico do Estado do Pará todos os livros de registro de cartas de data e sesmaria, pois faltam os livros de 1616 a 1700, podem-se ainda indicar numerosas sesmarias nos rios citados por Berredo, na ordem seguinte: *Rio Guamá*, 1725, Luiz de Moura; 1726, Caetano Cunha; 1727, José Paulino Ferreira, Leandro Gemaque de Albuquerque, Luiz da Silva de Azevedo e Sebastião Roiz; 1728, Lourenço Silva, Manoel Barbosa Martins, Manoel Franco Duarte; 1729, Vicente da Silva; 1730, Catharina de Castello Branco; 1732, Athanazio Ferreira Vaz, Manoel de Affonseca Lopes, Manoel da Fonseca Lopes, Mario Henriques de Medeiros, Paulo de Oliveira, Romão de Oliveira; 1733, Thimoteo Frócs; 1734, Agostinho Monteiro, Antonio Pacheco, Caetano Eleuterio de Barros, José Matheus de Souza, José Rodrigues de Affonseca, Manoel Corrêa Madeira, Manoel Monteiro de Carvalho; 1735, Manoel de Lira de Barros, Marcos de Bitancort Muniz, Mathias da Silva; 1736, Caetana Maria Josepha de Carvalho, Manoel de Souza Alvares; 1737, Antonio Baldes Silva, Antonio Luiz Coutinho; 1738, Angelica Maria, Angelico Onofre, Manoel da Silva Franco; 1739, Theobaldo da Silva Roiz; 1751, Antonio Gomes Cordeiro, Lourenço de Souza; 1742, Agostinho Domingues de Siqueira, Manoel da Silva; 1744, José de Souza Delgado; 1745, Manoel de Payva; 1746, Caetana Thereza; 1747, Bartholomeu Guerreyro; 1749, Caetana Thereza; 1763, Xavier Siqueira; 1777, Miguel José Lopes; 1789, Bento de Figueiredo Tenreiro.

Rio Acará: 1707, João Ferreira Ribeiro; 1718, Xavier de Souza e Athaide; 1740, Antonio Rodrigues; 1721, Manoel de Moraes Bitancur; 1722, Manoel Francisco de Miranda; 1725, Francisco Agostinho de Miranda, João Ferreira Ribeiro; 1729, Domingos Serrão de Castro; 1731, Manoel Bitancurt; 1732, Antonio Marques; 1735, Manoel da Costa Couto; 1737, Antonio Marques; 1732, Vicente Xavier de Castro; 1745, Domingos Serrão de Castro; 1757, Lina Rita Sufia de Amaral ;1780, João Fernandes Meirelles, Mathias Ribeiro Torres; 1789, João de Almeida; 1792, Antonio José Malcher; 1795, Miguel Antonio Domingues; 1796, Antonio da Costa Valle, Antonio José de Lima; 1797, Antonio Manoel da Guerra; 1823, Valentim Antonio; 1824, Anna da Soledade e Vasconcellos.

Rio Mojú: 1718, Manoel de Oliveira Pantoja; 1721, Manoel da Motta de Siqueira, Sebastião Pastana de Vasconcellos; 1713, Caetano José de Castello, Domingos de Araujo, José de Oliveira Pantoja; 1725, Domingos Monteiro de Noronha, Sebas-

prehendendo com a de outros rios, a do Monarca de todos os do Mundo descoberto, por reserva'la para lugar mais proprio.

§ 42—Depois que Vicente Yanez Pinçon e Ayres Pinçon descobrirão pela parte Norte hum tão illustre rio, ou mar de agua doce, dezejarão muitos aventureiros semelhante fortuna no trabalhoso exame dos vastos Certões: e persuadido das esperanças mais lisongeiras, o intentou com effeito no anno de 1531 Diogo de Sordas (83) já com o titulo de governador; mas quando assegurava a felicidade do successo na força de tres naos, que conduzião a seu bordo para o desembarque seiscentos Soldados, e trinta e seis Cavallos, se lhe malogrou no meyo da viagem com a perda da vida.

§ 43—Passado pouco tempo segiuo tambem a mesma expedição Jeronymo Furtado com cento e trinta Companheiros; mas não a chegou a concluir, ou fosse por falta de praticos, ou por novo projecto; por que sem ver o rio

lião Pinto de Mattos; 1727, Balthazar do Rego Barbosa, Luiz de Oliveira Pantoja; 1728, Domingos Serrão de Castro; 1730, Manoel de Oliveira Pantoja, Miguel da Costa do Valle; 1732, José Rodrigues; 1733, Manoel Caetano de Azevedo; 1734, Belchior Mendes de Moraes, Francisco Xavier Lobato, Francisco Xavier de Moraes, João de Freytas, João Pedro de Oliveira Barros, Manoel Jorge; 1737, João de Mattos, José de Mattos, Matheus Marques; 1738, Ignacio Vas Chaves, João da Costa Jordão, José da Costa Jardim, José da Veiga Tenorio, Sebastião de Oliveira Pantoja; 1739, João Coelho da Silva; 1742, Alexandre da Costa Freire, Amador Loureiro da Costa; 1743, Henriques Sanches de Brito; 1745, Hilario Gomes Pereira; 1746; José Antunes Viegas; 1737, Antonio dos Santos Aula, João Fernandes Passos, Manoel Borges de Goés; 1754, Antonio Gonçalves, João Baptista de Oliveira; 1792, Manoel Simões da Costa, Pedro Antonio de Siqueira Pantoja; 1821, Antonio Pereira Lima, José Xavier de Azevedo.

Outros muitos poderiam ser citados, nos rios Irituia, Capim, Miritypitanga e Cayrary. (Vide TOMO III, *An. da Bibl. e Arch. Publ.* do Pará, catalogo nominal das sesmarias).

83)—Vicente Pinson, em 1500; Diogo de Lepe, em 1500; João Coelho, em 1502 ou 1503; João de Lisboa, Diogo Ribeiro, Fernán Fróes, Francisco Carro e Pero Carro, de 1503 a 1513; Diogo Leite (Gurupy), em 1531; Daniel de La Touche, em 1604; alem de inglezes e hollandezes. Vide ARTHUR VIANNA—*O Pará em 1900*—Noticia historica. HENRIQUE A. SANTA ROSA—*Os exploradores da Amazonia*, in Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro, 1915—Tomo Especial. 2.ª Parte.

Maranhão se empregou na Fundação, e Povoação de S. Miguel de Neviry, e na de outros lugares, como tudo escreve Antonio Galvão *(anno 1531)* nos seus DESCOBRIMENTOS DO MUNDO.

§ 44—Por estes mesmos annos dispoz o Senhor Rey D. João III, a Povoação da grande Provincia de Santa Cruz, que a vulgaridade chama de Brasil; (descobrimento a que a força dos ventos venturosamente conduzio (84) ao tão illustre, como famoso Capitão mór Pedro Alvares Cabral, na viagem da India Oriental do anno de 1500) e para melhor facilitar a custosa pratica de tamanho projecto, repartiu o Paiz em doze Capitanias (85), que acertadamente

---

84)—Si por acaso ou propositadamente descobriu o almirante portuguez o Brasil—é uma these que varios illustres historiographos discutiram, em brilhantes estudos—Vide FAUSTINO DA FONSECA—*A descoberta do Brazil*. CANDIDO COSTA. *As duas Americas*. Na vasta collecção da Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro, existe copioso material de estudo sobre este assumpto, em ambas as hypotheses.

A opinião mais defendida é a da *descoberta por acaso*. Será a que mais se coaduna com a documentação indiscutivel?

85)—Segundo Varnhagen, a superficie das donatarias, emquanto limitadas pelo meridiano de Tordesilhos, devia ser, pouco mais ou menos, a seguinte:

Duarte da Costa..................	12.000	leguas
Pero Lopes de Souza..............	7.500	»
Francisco Pereira Coutinho........	7.000	»
Jorge de Figueiredo Corrêa........	7.000	»
Pero de Campo Tourinho...........	6.500	»
João de Barros e Ayres da Cunha..	6.500	»
Vasco Fernandes Coutinho.........	5.500	»
Martim Affonso...................	2.500	»
Pero de Góes.....................	2.000	»
Fernand' Alvares de Andrade......	1.500	»
Antonio Cardoso de Barros........	600	»
Total.....	58.600	»

Segundo Rocha Pombo;

João de Barros e Ayres da Cunha..	22.000	leguas
Duarte Coelho....................	18.000	»
Jorge de Figueiredo Corrêa........	11.000	»
Francisco Pereira Coutinho........	12.500	»
Pero Lopes de Souza..............	10.500	»
Pero de Campo Tourinho...........	10.000	»
Vasco Fernandes Coutinho.........	9.000	»

distribuiu por homens de merecimento com o titulo de Donatarios de juro, e herdade (86).

Ao celebre Historiador João de Barros coube a do Maranhão: (que conhecido já este famoso rio pela banda do Norte, tambem se reputarão os Certões delle, e mais terras, que se lhes seguissem, por huma parte do mesmo Brasil, na verdadeira arrumação da linha imaginaria) e ponderando com maduro juizo as muitas despezas, de que necessitava huma tal empreza, se resolveo a interessar nella a Aires da Cunha, e a Fernando Alvares de Andrada, Thesoureiro

---

Pero de Góes....................	5.500	»
Fernand' Alvares de Andrade......	4.200	»
Martin Affonso...................	4.000	»
Antonio Cardoso de Barros.......	1.250	»
Total.....	106.950	»

Vide. Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio de Janeiro, 1.º Congr. de Historia do Brasil, Tom. I. Part. 1.ª Pg. 199 e 200.

Calculando a legua quadrada a 4.356 hectares, tem-se, no primeiro caso 2.552.616 Km. q. e no segundo calculo o total de 4.658.742 Km. q.

86)—«Os donatarios seriam de juro e herdade senhores das suas teraas; teriam jurisdicção civil e criminal, com alçada até 100$000 na primeira, com alçada no crime até morte natural para escravos, indios, peões e homens livres; para pessoas de mór qualidade até dez annos de degredo ou 100 cruzados de pena: na heresia (si o herege fosse entregue pelo ecclesiastico), traição, sodomia, a alçada iria até morte natural, qualquer que fosse a qualidade do reu, dando-se appellação ou aggravo somente si a pena não fosse capital. Os donatarios poderiam fundar villas, com termo, jurisdicção, insignias, ao longo das costas e rios navegaveis; seriam senhores das ilhas adjacentes até distancia de 10 leguas da costa; os ouvidores, os tabelliães do publico e judicial seriam nomeados pelos respectivos donatarios, que poderiam livremente dar terras de sesmarias, excepto á propria mulher ou ao filho herdeiro... Representantes do poder real, só havia feitores, almoxarifes, e escrivães, incumbidos de arrecadar as rendas da corôa.

Nas terras dos donatarios não pederiam entrar em tempo algum corregedor, alçada ou outras algumas justiças reaes, para exercer jurisdicção, nem haveria direitos de siza, nem imposições, nem saboarias, nem imposto de sal." Capistrano de Abreu. *Capitulos de Historia Colonial*, pag. 36 e 37.

Essas disposições, como varias outras sobre diversos assumptos, constituiam o *foral*, documento de concessão, de organisação de definição e estabelecimento de relações e direitos, entre o rei e o donatario, e entre este e os colonos.

mór do Reino, (pay de Francisco de Andrada, Chronista mór) offerta, que ambos acceitarão, persuadidos das mais alegres esperanças de importantes forturas.

§ 45—Erão ricos os socios desta Companhia: e querendo todos authorisar tambem a nobreza do sangue nas ostentações da grandeza dos animos, fizerão os mayores esforços, que até aquelle tempo se tinhão visto, não entrando nelles braço soberano; porque armarão em guerra dez navios com novecentos homens, e cento e treze cavallos, (Antonio Galvão diz cento e trinta) e amigavelmente conferidó o governo da Armada a Aires da Cunha, se fez elle a vela do rio de Lisboa no anno de 1535, acompanhado dous filhos do mesmo João de Barros (*Decad. 1, livro 6, cap. 1 in fin.*).

§ 46—Com prospera viagem chegou este Fidalgo á chamada barra do Maranhão, que he hoje a principial entrada da Ilha deste nome; mas como sendo desconhecida de todos os os Pilotos, lhes faltou a sciencia para os acautelar daquelles perigos, que prudentemente devião suppor-lhe, já como ordinarios na mayor parte dellas, naufragou nos seus baixos com toda a Armada; e ainda que na pequena Ilha do Boqueirão, (conhecida tambem pela do Medo) que lhe fica na bocca, se salvou a nado alguma da gente, que logo contrahio amisade com os Tapuyas seus habitadores, como não bastava para a Povoação, principalmente na total falta de meyos necessarios, passado algum tempo, voltou a Portugal, a bordo dos navios piratas, que navegavão aquella Costa.

§ 47—Assim refere todos os successos desta expedição o Chantre da Sé de Evora Manoel Severim de Faria (*pg. 30*) na Vida, que escreveu de João de Barros; e sendo tão exacta a indagação das suas memorias, que não necessita de outra authoridade (87), para que fique

87)—O Dr. Jonathas Serrano, na sua memoria *A Colonisação-Capitanias* (Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio de Janeiro, 1915, Tom. esp. 1.ª parte, pag. 204), assim historia o facto: «João de Barros, o auctor das *Decadas*, era, ao receber a regia mercê, feitor da casa da India: para não deixar o Reino, associou-se a Ayres da Cunha, homem viajado e de valor, e a Fernand' Alvares de Andrade, do Conselho d' El-Rei e grande enthuziasta da colonização do Brasil. Organizaram os trez socios uma imponente expedição de dez navios e cerca de mil homens,

sem disputa a verdade dellas, a comprova tambem com o traslado de Antonio Galvão, (*Descobrimentos do Mundo, anno de 1531*) nas formaes palavras, que se seguem: *Foy tambem a este rio Maranhão hum Fidalgo Portuguez, que se chamava Aires da Cunha; levou dez navios, novecentos Portuguezes, cento e trinta cavallos; fez grandes gastos, em que se perderão os que armarão; e o que mais perdeo nisso foy João de Barros, Feitor da casa da India, que por ser nobre, e de condição larga, pagou por Aires da Cunha, e outros que lá fallecerão, com piedade de mulheres, e filhos, que lhe ficarão, etc.*

§ 48—Fr. Marcos de Guadalaxara, inteiramente trasladando a Simão Estacio da Silveira faz tambem esta relação no lugar já citado da sua *Historia Pontifical;* a que accrescentão ambos as circumstancias, de que a gente, que escapou do naufragio, fabricara na Ilha de São Luiz (onde dizem se chama o Boqueirão) huma Fortaleza, de que ainda alli havia vestigios, em que se conheciam pedras brancas de Alcantara: mas de nenhuma destas taes pessoas se achavam memorias: e só sim os indicios, de que o seu trato com a gentilidade daquelle Paiz, seria producto huma Nação muito bellicosa, que de novo se tinha descoberto entre os rios Mony, e Itapicurú; porque alem de se destinguir de todas as outras, no valor, e nas armas, criava barbas como os Portuguezes, a que chamavam

---

tão apparatosa, que chegou a provocar sustos e protestos da Hespanha. Vinham, alem de Ayres da Cunha, dous filhos de João de Barros e um representante de Fernand' Alvares.

A expedição partida de Lisboa em fins de 1535, chegou sem novidade a Pernambuco, onde Duarte Coelho lhe deu linguas e uma fusta de remos. Esta, dahi a pouco, se desgarrou e perdeu, sendo os tripulantes recolhidos por um navio hespanhol, que os levou a S. Domingos.

A expedição, tendo tocado no Ceará-mirim, tentou fundar uma colonia, mas foi atacada pelos potyguares, açulados pelos francezes. Nove embarcações conseguiram escapar do terrivel temporal que salteou a frota perto de Maranhão; mas a decima, onde ia Ayres da Cunha, nunca mais appareceu nem della houve noticia. Os colonos começaram uma povoação, com o nome de Nazareth, na actual ilha de S. Luiz ou Maranhão (1536); mas breve foram obrigados á retirada.

A custa de pesados sacrificios foi que João de Barros conseguiu rehaver seus filhos".

os seus Perós, (que significa Pedros) pela razão sem duvida de se sinalar mais na sua estimação algum do mesmo nome.

§ 49—Porém examinando eu estas mesmas noticias com a sinceridade de verdadeiro Historiador, as acho fabulosas nas partes principaes: porque o Boqueirão he Ilha chamada deste nome, como já ficou referido, e como tal absolutamente separada da de S. Luiz; e nem da Fortaleza, nem das pedras de Alcantara, com que o Capitão Simão Estacio a dá por fabricada, ha tradição alguma no Estado do Maranhão, quando mal póde crer-se que no espaço só de oitenta annos (que se não contão mais desde o de 1535, em que foy o naufragio de Aires da Cunha até o de 1615, em que Jeronymo de Albuquerque se estabeleceo na Ilha de S. Luiz) tivesse já o tempo consumido huma obra de tanta duração, e com tamanho estrago, que nem lhe deixasse os fundamentos para memoria della.

§ 50—Por esta mesma chronologia se condemna tambem, como discurso menos attendivel, o do mesmo Escritor emquanto a ascendencia do Gentio Barbado; e só sim se faz crivel na continuada tradição de differentes memorias, que dos Portuguezes, que salvarão as vidas deste fatal naufragio, ficou hum entre aquelles barbaros naturaes, que se chamava Pedro; que tendo o officio de Ferreiro, grangeou por elle grandes estimações, fabricando da muita ferragem, que se tirava dos navios, que derão á costa, os instrumentos de que necessitavão, que para todos he a mayor riqueza; até que extincto já este material, accrescentou muito a sua fama no nobre exercicio de Soldado; porque contando sempre pelas occasiões as suas vitorias, chegou a conseguir huns taes respeitos de Senhor na veneração de tanto gentilismo, que os seus Principaes (titulo dos Soberanos de todos os Tapuyas (88) lhe offerecião as filhas para mulheres proprias; e escolhendo huma, de que deixou dous filhos herdeiros do seu nome, entendendo elles, que era

88)—Com a expressão—tapuyas—o autor engloba os indigenas todos. E' incorrecta, e, mesmo, errada, como teremos opportunidade de verificar no decurso das notas que mais para adiante serão feitas.

universal dos Portuguezes, daqui nasceo chamaram-lhes Perós.

§ 51—Do mesmo naufragio teve tambem o seu principio na chamada Ilha de S. Luiz o apellido de Maranhão (89); porque as reliquias delle, querendo empobrecer a sua desgraça, espalharão de sorte as erradas noticias de se haverem perdido na formidavel boca do rio deste nome, ficando na distancia de mais de cem leguas, que por nenhum outro se conhece hoje toda aquella vastissima Região Portugueza (90).

§ 52—Foy sem duvida grande a infelicidade de Ayres da Cunha: mas erão ellas no descobrimento do Maranhão tão apressadamente repetidas, que ao mesmo tempo que se chorava esta pela parte de Portugal, já se dispunha outra pela das indias Castelhanas; porque o Marquez D. Francisco Pissarro (91), Conquista-

---

89)—«E' de notar, que este nome foi dado no principio ao Amazonas, e não a esta provincia, para onde seguramente passou em virtude de algum engano ou falsa supposição dos primeiros exploradores, confirmado depois pelo uso». CEZAR AUGUSTO MARQUES. *Apontamentos para o Dicc. Hist. Geogr. Top. e Est. da Provincia do Maranhão*. Verb. Maranhão. Pag. 214.

90)—Diz CEZAR AUGUSTO MARQUES. Op. cit. verb. Maranhão. «El-Rei D. João III em 1532, segundo se deprehende da carta dirigida a Martim Affonso em 28 de Setembro do mesmo anno, teve o pensamento de dividir em 12 capitanias o Brasil, então chamado *provincia de Santa Cruz*: a que comprehendia esta provincia (do Maranhão) foi dada por carta regia de 18 de Junho de 1534 ao historiador João de Barros, o qual associado a João Ayres da Cunha, valente maritimo, que se distinguira como capitão-mór do mar em Malaca, segundo diz Barros nos Vols. 3.º e 4.º das suas *Decadas d'Asia*, e a Fernão Alvares d'Andrade, thesoureiro-mór de Portugal, apparelharam elles algumas embarcações. Com um plano de conquista e colonisação e em escala muito maior do que nenhuma das outras, então feitas para a America Portugeza, soltaram as velas com destino a esta provincia (do Maranhão) em Outubro de 1535, e quando julgavam quasi finda a navegação, deram em baixo, hoje inteiramente desconhecido, e ahi se perderam muitas vidas, em cujo numero entrou a de Ayres da Cunha, e *muita substancia de fazenda*, como diz Barros em sua *Decada* 1.ª. Desgostoso João de Barros com este prejuizo, desistio da posse da capitania, e então el-rei fez della mercê em 1539 a Luiz de Mello e Silva».

91)—Em Panamá associaram-se para a conquista do Imperio dos Incas o Padre Fernando de Luque, Francisco Pizarro e Diego Almagro. Em Novembro de 1524 partiu Francisco Pi-

com a morte do seu companheiro e competidor D. Diego de Almagro (93) se vio senhor pacifico do governo de hum tão vasto paiz, parece que temendo os fataes effeitos da oci-

zarro, seguindo mez e meio depois de Panamá Diego de Almagro, que logo regressou, obtendo depois o titulo de capitão da expedição, o que descontentou Pizarro. Desavieram-se os tres e somente em 10 de Março de 1526 o P. Luque conseguiu assignar com elles o celebre contracto religioso-civil, para effectivamente intentarem a conquista do Imperio Inca, sobre o qual já havia melhores informações. Entretanto ainda dessa vez nada foi feito, havendo Pizarro ido á Hespanha, em 1528, onde foi preso e solto por ordem de Carlos V. Por influencia da rainha, em 26 de Julho de 1529, foi assignada a *capitulação*, pela qual Pizarro poderia conquistar o Perú, desde Santiago até o povoado de Chincha (200 leguas). Por essa capitulação Almagro teve o titulo de tenente de Tumbez, o P. Luque o de protector universal dos indios do Perú e Pizarro os de capitão-general do Perú, de *adelantado* e de Aguazil-mór. Em Janeiro de 1531 sahiu Pizarro de Panamá para a conquista; em 16 de Novembro de 1532 aprisionou Athualpa. PADRE RICARDO CAPPA (S. J.) *Estudios criticos acerca de la dominación española en America*. 3.ª ed. Vols. II e III.

dor famoso do Reino do Perú (92), depois que

92)—Segundo o DR DOMINGOS JAGUARIBE, na importante obra *O Imperio dos Incas no Perú e no Mexico*, a dynastia Inca data de 1118 da nossa era, tendo os soberanos se succedido na ordem seguinte: Manco-Capac, Inca I (1118-1147); Sinchi-Roca, Inca II (1147-1178); Lloqui-Iupanqui-Capac, Inca III (1178-1215); Mayta-Capac, Inca IV (1215-1256); Capac-Yupanqui, Inca V (1256-1296); Inca-Roca, Inca VI (1296-1337); Yahuar-Huacac, Inca VII (1337-1370); Vitracocha-Inca, Inca VIII (1370—1410); Pochacutec, Inca IX (1410-1450); Yupanqui, Inca X (1450-1480); Tupac-Yupanqui, Inca XI (1480-1496); Huayna-Capac, Inca XII (1496-1515); Inti-hualpa, Inca XIII (1510-1519) (Ataualpa) que foi o ultimo soberano indigena. Depois destes os soberanos hespanhoes decoraram-se com o titulo de imperadores do Perú, do qual usaram Carlos V, XV; Felippe II, XVI; Felippe III, XVII; Felippe IV, XVIII; Carlos II, XIX; Felippe V, XX; Luiz I, XXI; Fernando XI, XXII.

93)—Almagro sahiu de Panamá, para reunir-se a Pizarro, em 15 de Setembro de 1532, entrou em Cajamarca em 14 de Abril de 1534 como marechal, sendo muito bem recebido por Francisco Pizarro e desfeiteado por Fernando Pizarro, que volveu á Hespanha. Desavieram-se Francisco Pizarro e Diego de Almagro que foi preso e mandado enforcar na sua prizão em 8 de Julho de 1538, sendo depois o seu cadaver decapitado na praça publica, e seus bens confiscados. PADRE RICARDO CAPPA (S. J.) Op. cit. Vol. III.

osidade entre tantos espiritos bellicosos, ou não cabendo ainda o seu no dilatado ambito de mais de setecentas leguas, (que se não contão menos Norte, Sul das Charcas a Quito) entrou no projecto de outra nova Conquista além destes limites tão espaçosos; e querendo melhor assegurar o desempenho das suas esperanças, chamou ao Cusco (Côrte do seu governo, e antiga dos Reys Incas) a seu irmão Gonçalo Pissarro, que se achava fundando a Cidade da Prata, então com titulo de Villa.

§ 53 — Tinha noticias o Marquez, (sem duvida tambem pelas que deixaria do rio Maranhão o seu primeiro descobridor) de que fóra dos dominios de Quito, e de todos os mais que senhorearão os Reys Incas, havia outros nam menos avultados com muita canella; e dando logo este mesmo nome á sua Conquista, a encarregou ao grande valor de Gonçalo Pissarro com a renuncia daquelle governo, que sendo a porta para a sua entrada, acertadamente lha quiz facilitar na jurisdicção independente para as assistencias dos socorros; empreza, que elle acceitou menos ambicioso dos interesses que lhe promettia, que da gloria do nome; porque generosamente dispendendo dos cabedaes proprios mais de noventa mil cruzados, formou hum Corpo de duzentos homens, em que os cem erão de cavallo; e marchando com elles da mesma Cidade do Cusco, chegou á de Quito, cabeça deste Reino, com quinhentas leguas de caminho, depois de conseguir repetidas victorias na forte opposição de Exercitos de Indios levantados.

§ 54 — Pedro de Puelles, soldado valeroso, que tinha a seu cargo aquelle governo, lho entregou logo; e assistido elle do seu poder, e actividade, adiantou de sorte a expedição, que dentro em pouco tempo, reforçadas as suas Tropas de novos soccorros, sahiu de Quito no Natal de 1530 com trezentos e quarenta Soldados, dos quaes erão montados cento e cincoenta, e mayor numero de quatro mil Indios, deixando por seu Lugar Tenente o mesmo Puelles.

§ 55 — Os Indios, além das suas armas, não só carregavam sobre os hombros muitas munições de guerra, e bóca, mas tambem ferro, machados, cordas, e pregaria de differentes bitollas, para a fabrica de embarcações, quando

fossem precisas; e para subsistencia mais segura de toda esta gente, a seguião perto de quatro mil porcos, e ovelhas; que sendo ellas das mayores daquelle Paiz, onde são ordinariamente de corpos avultados, não ajudarão pouco a mesma conducção.

§ 56 — Em quanto caminhou Gonçalo Pissarro por aquellas terras, que obedecerão aos Reys Incas, não sentio accidente, que o embaraçasse; mas logo que passou os seus limites, entrando na Provincia a que chamão dos Quixos (94), se vio já acomettido dos barbaros Tapuyas seus habitadores (95), quando pasmados elles, assim do numero das Tropas Castelhanas, como dos cavallos, em que hião montados, se retiraram com tal consternação, dentro dos mattos, que não sahirão mais das suas asperezas.

§ 57 — Vencidas poucas marchas tremeo a terra tão horrosamente, que abrindo mais bocas, tragou algumas das habitações daquelle gentilismo (96); e depois de um diluvio de fogo, em succesivos rayos, se seguio logo outro de agua; até que já passados mais de quarenta dias, procurando Gonçalo Pissarro atravessar a serra nevada, o conseguio ainda com tanto trabalho, que indo bem prevenido para elle, se lhe gelaram muitos dos Indios; e os Soldados tambem por fugirem do frio, largarão todo o gado com os mais mantimentos, que conduzião, só com as esperanças de que acharião outros na primeira Povoação do mesmo caminho, que levavão, como se tivessem conhecimento delle.

§ 58 — Com esta confiança tão imprudente se alimentavão das mesmas fadigas; porem depois de longas jornadas de hum esteril deserto, as chorarão todas malogradas com o sentimento do seu fatal engano; porque chegando

---

94) — Aliás Quijos, situada entre os rios Curaray e Napo.

95) — O autor com este nome generico e improprio designa todos os povos selvagens, conforme já ficou dito em nota anterior.

96) — Para passar Gonçalo Pissarro para o valle amazonico teve que atravessar a cordilheira dos Andes. Procurando a região comprehendida entre o Napo e o Curaray, os vulcões mais importantes a encontrar seriam o Antisana, o Cotopaxi, e o Pechincha que se apresentavam em erupção talvez.

á Provincia, e povo de Zimaco (97), (situado nas faldas de hum volcão espantoso (98)), alem de acharem pouco com que matar a fome, que já os opprimia, foy tão successiva a tempestade de agua, em dous mezes que alli se detiveram, que sendo-lhes preciso buscar o sustento natural pelo meyo della, lhes apodreceo muito parte da roupa, com que se cobrião.

§ 59—Estas terras erão as da canella, que buscava Gonçalo Pissarro; mas o seu grande coração aspirando já a mayores emprezas, se resolveu a passar adiante; e deixando naquelle mesmo sitio muita parte da gente com ordem para o ir seguindo pelas suas pizadas, se não achassem guias, escolheu só a mais robusta para o sofrimento de novos trabalhos, que vencendo tambem a constancia dos animos verdadeiramente Hespanhoes, até huma Provincia chamada do Cuca (99), mais povoada de gentio, como se vio bem hospedado do seu Principal, esperou perto de dous mezes pelos mais companheiros.

§ 60—Por esta Provincia corre um soberbo rio (100), que com o nome della he hum dos tributarios mais opulentos do grande Maranhão, ou Amazonas, o qual o seguindo Gonçalo Pissarro mais de cincoenta leguas sem poder vadiallo, chegou a hum canal, talhado de huma penha, com duzentas braças de elevão, e vinte pés de largo; e desejando logo passar da outra banda para descobrir aquellas fortunas, a que o conduzião as suas esperanças (101), ven-

97)—A região de Zimaco, Zumaque ou Sumaco é banhada pelo Coca, affluente esquerdo do rio Napo.

98)—Parece ser o Antisana esse vulcão espantoso.

99)—Provincia de Coca.

100)—Como já dissemos em nota anterior, o Coca é affluente esquerdo do rio Napo e este do Amazonas, tambem pela margem esquerda. O auctor parece estender a este ultimo a denominação de Coca.

101)—«Em 1525, Francisco Pizarro, a frente de um punhado de hespanhoes, conquistara o celebre imperio dos Incas; ao poderio de Atahualpa succedera a civilisação européa, o assassinato dos Incas, a tyrannia dos invasores. Esta conquista patenteara, deante dos olhos dos ambiciosos e avidos europeus, incalculaveis riquezas; o deslumbrante templo do sol, com todos os seus custosos thezouros, com os seus arcos, abobadas e columnas de oiro e prata, excedera a espectativa exaggerada dos aventureiros ibericos. Bem cedo a celebre fabula do Inca Ma-

ceu o seu volor huma tamanha dificuldade, depois das fadigas de formar huma ponte de madeira sobre o mesmo canal, a pezar tambem da opposição de alguns Indios guerreiros; mas he certo, que afugentados brevemente dos fataes effeitos dos arcabuzes, que desconhecidos da sua rudeza, lhe chamavam rayos, como os Mexicanos.

§ 61 — Conduzio logo suas Tropas pela outra margem, penetrando rochedos e com tanta penuria de Mantimentos, que só se alimentavam das hervas e raizes do campo, até que depois de muitas marchas tão trabalhosas, entrou em terras abundantes, onde achou Indios menos barbaros; porque comião pão de milho grosso, e vestião roupas de algodão (102); mas informado bem de que nos caminhos que se lhe seguião, encontraria sempre as mesmas as-

noa; descendente de Manco-Capac e governador do imperio de Patiti, onde tudo era de oiro, assumia as proporções de maravilha verdadeira. Esta creação pueril, baseada e sustentada aliás pelas riquezas sumptuosas das cidades incas, teve para a Amazonia importante influencia, caracterizadas por viagens exploradoras, em que os aventureiros, desvairados pela ambição, não mediam perigos, nem temiam consequencias. Em 1530 resolveu Francisco Pizarro enviar uma grande expedição á descoberta dessas tão deslumbrantes riquezas » Gonçalo Pizarro foi nomeado chefe desta expedição. ARTHUR VIANNA. *Os exploradores da Amazonia.* Rev. do Inst. Hist. Geog. e Eth. do Pará Tomo II pg. 116.

De Gonçalo Pizarro, diz SOUTHEY, que era um homem ainda mais sanguinario e infame que seu irmão Francisco Pizarro. *Hist. do Brasil.* Tomo I, pg. 125.

102) — « Era elle um pobre povo inoffensivo, que com pouco se contentava. A sua probreza foi para Gonçalo uma decepção, que ao mesmo tempo o indignou... quando lhes perguntou que paizes ficavão alem, e elles nenhuma razão lhe poderão dar do *El-Dorado*, desse aureo reino, alvo de seus desejos,... então com a alma d'um verdadeiro Pizarro, nome que jamais se pronunciará sem horror,... pol-os a tormentos para extorquir-lhes uma confissão do que ignoravão, nem podiam ter motivos de occultar. Queimou alguns em vida, e outros tambem em vida os atirou a seus cães, molossos cervaes ensinados de proposito a nutrirem-se de carne humana!» SOUTHEY. Ob. cit. Tomo I, pg. 127.

« Entre aquellas montañas encontraran tambiém algunos indios complemente selvajes, que habitabam en moradas miserables, á quienes Pizarro interrogó sobre si más adelante habia valles y llanadas, porque su empeño era encontrar camino pra-

perezas, se resolveo a fabricar embarcações (103), ou para outro mais tratavel na passagem do rio, ou para por elle navegar ao menos os

ticable para los caballos; é irritado de que los indios no supiesem darle razón de lo que deseaba inquirir, entregó algunos para que los despedazasen los perros, y á otros hizo quemar.» JOSÉ TORIBIO MEDINA, *Descubrimiento de las Amazonas*. Cap. Orellana y Pizarro, pag. LXXI. Sevilha, 1894.

103)—Na nota 22 do § 9 já havia eu feito uma referencia á falta de exactidão historica por parte de Berredo, quanto a Orellana. De facto, depois de conhecida a *Relacion de* FR. GASPAR DE CARVAJAL *del Descobrimiento del Rio Orellana*, publicada por JOSÉ TORIBIO MEDINA, Sevilha, 1894, torna-se necessario rectificar a narrativa historica da viagem memoravel de Orellana, que até o presente tem sido apodado de trahidor, cabendo ao proprio Berredo, entre os autores portuguezes, a maior responsabilidade de tal opinião, como o seu maior vulgarisador.

Diz o P. CARVAJAL que Orellana, depois de entregar o governo das terras que dirigia a Pizarro, nomeado governador de Quito, este lhe communicou a sua idéa de ir conquistar o paiz da Canela. Voltou Orellana ás terras de seu governo, Santiago de Guayaquil, e resolveu acompanhar Pizarro na nova conquista. Despendeu nos seus aprestos e no de sua gente cerca de 40.000 pezos ouro de sua fazenda e dirigiu-se a Quito, a apresentar-se a Pizarro, não o encontrando mais, por já haver elle sahido ao seu designio. Seguiu-o, soffrendo na viagem toda a sorte de difficuldades e mesmo fome. Alcançou-o já na Provincia de Motin, onde ficou depois da partida delle, reunindo-se novamente a elle no povo chamado Quema, «que estaba en unas cabanas ciento e treinta leguas de Quito, y alli se tornaram á juntar; y el dicho Gobernador queriendo enviar por el rio abajo á descubrir, hubo pareceres que no lo hiciese, porque no era cosa para seguir un rio y dejar las cabanas que caen á las espalas de la villa de Pasto y Popayán, en que habia muchos caminos; y todavia el dicho Gobernador quiso seguir el dicho rio, por el cual anduvimos veinte leguas, al cabo de las cuales hallamos unas poblaciones no grandes, y aqui determinó el dicho Gonçalo Pizarro se hiciese un barco para navegar el rio de un cabo al otro por comida, que ya aquel rio tenia media legua de ancho; y aunque el dicho Capitán (Orellana) era de parecer que no se hiciese el dicho barco por algunos buenos respetos, sino que diesen vuelta á les dichas cabanas e siguiésemos los caminos que iban al dicho ya poblado, el dicho Gonçalo Pizarro no quiso sino que se pusiese en obra el dicho barco; y asi, el Capitán Orellana, visto esto, anduvo por todo el real sacando hierro para clavos y echando á cada uno la madera que habia de traer, y desta manera y con el trabajo de todos se hizo el dicho barco...» Pag. 5 e 6 *Relação* do P. Carvajal.

enfermos, de que levava já hum grande numero: e sendo o primeiro que trabalhou (104) na obra, pode tanto o exemplo, que dentro em poucos dias lançou á agua hum bergantim, e quatro canoas entre geraes applausos, por entenderem todos, que serião sem duvida a sua redempção.

§ 62 — Meterão-se logo nestas embarcações (105) os mais debilitados com toda a carga de maior peso, e estimação, em que entrava o melhor de duzentos e vinte e cinco mil cruzados em ouro (106), além de um copioso numero de esmeraldas; e recebendo ordens do general para se compassarem pela sua marcha, se executavão pontualmente, mas com muito trabalho de ambas as partes; e se aos da terra erão custosas as asperezas das montanhas, de huma, e outra banda, (porque tambem se transportavão, não podendo rompellas) os do rio não tinhão menos, que vencer, pera se não deixarem arrastar das suas furiosas correntes.

---

104) — Com a parte final da transcripção da nota precedente restabelece-se ainda a verdade historica das factos. Pizarro, contra a opinião de Orellana quiz fazer o bergantim, para descer o rio. Quem se occupou com a sua feitura foi Orellana, excluindo-se, pela narrativa do P. Carvajal, a lenda de haver Pizarro se mettido por suas mãos á obra, para a qual Orellana ainda teve de procurar entre os effeitos da tropa o ferro necessario, escolher as madeiras na floresta e com o trabalho de todos levar a effeito a construcção do bergantim. Ainda, com a *Relação*, é de se pôr em duvida a affirmativa de Berredo sobre a pretendida previdencia de Pizarro em levar aprestos para a construcção de embarcações. Nunca sonhou Pizarro com os grandes cursos de agua que lhe foram decepção e insuccesso.

105) — Pela narrativa do Padre Carvajal, uma só embarcação foi construida, e essa é a verdade historica.

106) — Depois de concluido o barco, diz a *Relação* do P. Carvajal: «... Y com trabajo de todos sevyso el dicho barco, en el qual metió el dicho gobernador Pizarro *alguna ropa y indios dolientes*, y seguimos el rio abajo otras cincuenta leguas, al cabo de las quales se nos acabó el poblado...» ob cit. pag. 6. Deste periodo resulta uma verdade historica a restabelecer: constitue um verdadeiro mitho o embarque dos taes 225.000 cruzados em ouro a que se refere Berredo. E' o principio da derrocada da torre de aleivosia, levatada contra a honra e o digno caracter de Orellana. Pizarro escrevendo ao rei (*carta de 3 de Setembro de 1542*) nada diz desses cruzados e das esmeraldas, inventados para deprimir Orellana. Vide J. T. MEDINA. Obr. cit.

§ 63 — Desta sorte forão continuando mais de dous mezes (107) a mesma derrota, que levavão, até que encontraram alguns Indios, que derão a noticia ainda que confusa, (por se perceber mal o seu idioma) (108) de que dez jornadas daquelle sitió, nas margens de outro grande rio, que alli se unia, com o que navegavão, acharião terras povoadas, não só com abundancia de todos os viveres, mas tambem de ouro, e outras preciosidades; e lisongeados de humas informações tão especiosas, entendiam já que tinhão conseguido neste promettido descobrimento o merecido premio da sua constancia.

§ 64 — Mas Gonçalo Pissarro, que ponderava bem o perigoso estado, a que aquellas tropas se achavão reduzidas na esterilidade de tantas asperezas, (quando as abundancias, que lhe promettião os barbaros Tapuyas, lhe ficavam ainda, pelas suas mesmas informações, na sua larga distancia de oitenta leguas) tomou novas medidas para melhor adiantar as suas; porque elegendo (109) por commandante do

107) — Diz o P. Carvajal que andaram mais cincoenta leguas.

108) — Continua o P. Carvajal: «... Y seguimos rio abajo otres cincuenta leguas, al cabo de las cuales se nos acabó el poblado y ibamos ya con muy gran necesidad y falta de comida, de cuya cabsa todos los compañeros iban muy descontentes y platicaban de se volver y no pasar adelante, porque se tenia noticia que habia gran despoblado». Obr. cit. pag. 6.

E' esta affirmativa da *Relação* um formal desmentido ao texto de Berredo.

Emquanto este diz que as informações deram noticias de povoados e riquezas innumeras, o chronista da jornada diz o contrario, indicando até murmurios na tropa e pessoal da expedição, justamente pela perspectiva de difficuldades e de miserias que se lhes antolhava por diante com as noticias colhidas.

109) — Continuando a sua Relação, diz o P. Carvajal: «... Y el Capitán Orellana, viendo lo que pasaba (a tropa ou a expedição) y la gran necesidad en que todos estaban, y que habia perdido todo cuanto tenia, le pareció que no cumplia con su honra dar vuelta sobre tanta pérdida, y asi se fué al dicho Gobernador y le dijo cómo él determinaba de dejar lo poco que alli tenia y seguir el rio abajo, y que *si la ventura le favoreciese en que cerca hallase poblado y comida con que todos se pudiesen remediar, que él se lo haria saber, y que si viese que se tardaba, que no hiciese conta del, y que, entre tanto, que se retrajese atrás donde hubiese comida, y que*

bergantim, uma guarnição de cincoenta soldados (110) ao capitão Francisco de Orelhana, official de muita distincção, positivamente lhe ordenou, que navegando a toda a diligencia, pozesse em terra a carga, que levava, logo que chegasse á juncção dos rios, com a defensa que lhe parecesse necessaria para a deixar segura; e que sem tratar mais, que de refazella de mantimentos, voltasse a encontrallo para

---

alli le esperase tres o cuatro dias, ó el tiempo que le pareciese, y que si no viniese, que no hiciese cuenta del; y con esto el dicho gobernador le dijo que *hiciese lo que le pareciese.* «Obr. cit. pag. 6 e 7.

Esta passagem demonstra quaes as verdadeiras e nobres decisões de Orellana. Atirando-se ao desconhecido e incerto, mostrava que a sua intenção, o seu sacrificio eram soccorrer á expedição; rodeado de perigos, calculava que talvez perecesse, ou lhe fosse impossivel regressar: expoz o problema e as vicissitudes e promptificou-se a seguir. Pela Relação, parece que a iniciativa foi d'elle, emquanto que Berredo diz que nasceu ella de Pizarro.

110) — JOSÉ TORIBIO MEDINA, obr cit., no cap. *IX dos companeros de Orellana,* estuda a questão interessante de saber quantos eram esses companheiros e opta pela cifra do P. CARVAJAL: «y asi el capitán Orellana tomó consigo cincuenta y siete hombres, con los cuales se metió en el barco ya dicho y en ciertas canoas que á los indios se habian tomado, y comenzó á seguir su rio abajo con proposito de luego dar la vuelta, si comida se hallasse». Obr.cit. pag. 7. MEDINA cita o nome do todos os homens: Pedro de Acaray, Benito de Aguilar, Cristobal de Aguilar, Juan de Aguilar, Juan de Alcantara, Rodrigo de Azévalo, Juan de Arnalte, Diego Bermúdez, Juan Bueno, Alonso de Cabrera, Antonio de Carranza, Gonzalo Carrillo, Fr. Gaspar de Carvajal, Rodrigo de Cevallos, Gabriel de Contreras, Gonzalo Diaz, Pedro Miradero Dominguez, Andrés Durán, Juan de Elena, Juan de Empudia, Cristobal Enriquez, Alonso Estéban, Ginés Fernández, Sebastián de Fuenterrabia, Alonso Garcia, Aleixo González, Alvar González, Hernán González, Alonso Gutiérrez, Hernán Gutiérrez de Celis, Juan Gutiérrez Vayon, Antonio Hernandez ó Fernandez, Juan de Illanes, Francisco de Isasaga, Juan de Mangas, Alonso Márquez, Diego de Matamoros, Blas de Medina, Diego Mexia, Diego Moreno, Lorenzo Muñoz, Alonso Martin de Noguel, Alonso Ortiz, Balthazar Osorio, Cristóbal Palacios, Pedro de Porres, Mateo de Rebolloso, Alonso de Robles, Garcia Rodriguez, Sebastián Rodriguez, Cristobal de Segovia, Garcia de Soria, Alvaro de Tapia, Francisco de Tapia, Juan de Vargas, e Fr. Gonzalo Vera, alem de dois negros que serviram de remeiros.

remediar as affliçóes de tantos companheiros (111).

§ 65—Com estas prudentes instrucções se poz a caminho Francisco de Orelhana; e era tão rapida a corrente das aguas, que sem remos nem vélas fez em trez dias a sua viagem; mas tomado terra no suspirado sitio dos Thesouros, como depois de exames repetidos não achou nelle mais do que penhascos, semelhantes aos que tinha deixado (112), se resolveu a buscar fortuna em outros novos descobrimentos, desatendendo já as expressas ordens de Gonçalo Pissarro, só com a desculpa, de que se intentasse (para lhe dar parte da infelicidade do successo)a subida do rio, não podia vencella em muitos mezes; e tambem não sabendo o que gastaria o mesmo general na trabalhosa marcha, que trazia, se o esperava naquelle lugar, consumiria o tempo sem utilidade, quando com merito seu o poderia aproveitar nas continuadas indagações das promettidas preciosidades, como principal fim de tantas fadigas (113).

---

111)—Podemos já verificar, pelas notas anteriores, que a parte final deste paragrapho é pura poesia, em contradicção com a verdade historiça, documentada pela *Relação* do P. CARVAJAL.

112)—Diz a *Relação* do P. CARVAJAL: ...«Y comenzó á seguir su rio abajo com proposito de luego dar la vuelta, si comida se hallase; lo cual salió al contrario de como todos pensabamos no hallamos comida en dosientas leguas, ni nosotros la hallábamos, de cuya cabsa padecimos muy gran necesidad, como adelante se dirá; ỹ asi íbamos caminando suplicando á Nuestro Señor tuviesse por bien de nos encaminar en aquella jornada de manera que pudiésemos volver a nuestros compañeros», Obr. cit. pg. 7.

113—)Escreve o P. CARVAJAL, na sua *Relação*: «Viendo que nos habiamos alejados de donde nuestros compañeros habiam quedado y que se nos habia acabado lo poco que de comer traiamos para nuestro camino tan incierto como el que faciamos púsose em platica entre el capitan y los compañeros la dificuldad, y la vuelta, e la falta de comida, porque como pensábamos de dar luego la vuelta, no metimos de comer; pero en confianza que no podiamos estar lejos, acordamos de pasar adelante, e esto no con poco trabajo de todos, e como otro ni otro dia no se hallase comida ni señal de población, con parecer del Capitán, dije yo uma misa, como se dice en la mar, encomendando á Nuestro Señor nuestras personas y vidas, su-

§ 66 — Nas apparencias deste falso discurso, quiz elle rebuçar a verdadeira traição do animo, que descobrio logo; porque contradizendo-o o Padre Frey Gaspar de Carvajal, Religioso de muita (114) authoridade, (que seguindo de Quito esta expedição com zelo apostolico, se offereceo com o mesmo para acompanhallo) e hum Cavalhero moço, natural da cidade de Badajoz, que se chamava Fernão Sanches de Vargas com os fortissimos fundamentos, de que faltando a tantos Cumpanheiros aquelle bergantim, que era a unica taboa para a fortuna da sua salvação, sentirião todos a fatalidade da ultima consternação, por mais que si mudadamente se mostrem convencidos pa-

---

plicándole, como indigno nos sacase de tan manifiesto trabajo é perdición, porque ya se nos traslucia, porque aunque quisiésemos volver agua arriba no era posible por la gran corriente, pues tentar de ir por tierra era imposible: de manera que estábamos en gran peligro de muerte á cabsa de la gran hambre que padecimos; y asi, estando buscando el consejo de lo que se debia de hacer, platicando nuestra aflición y trabajos, acordóse que eligiésemos de dos males el que al Cápitán y á todos pareciese menor, que fué ir adelante ÿ seguir el rio ó morir ó ver lo que en él habia, confiando en Nuestro Señor que tendria por bien de conservar nuestras vidas hasta ver nuestro remedio». Obr. cit. pag 8.

114) Nasceu em Trujillo de Extremadura em 1504 e achava-se provavelmente no convento de S. Paulo de Valladolid, quando pela real carta de mercé de 30 de Setembro de 1535 pediu o rei de Hespanha á Ordem Dominicana dez religiosos para evangelizar o Perú em companhia de Fr. Vicente de Valverde. Fr. Gaspar de Carvajal foi o superior dos oito escolhidos, pois professara na ordem. Fundou o primeiro convento dominicano no Perú. Em 1538 era vigario provincial em Lima. Era conterraneo de Pizarro, sendo por elle convidado para acompanhal-o na expedição pemeditada, partindo com elle de Quito Com a descida de Orellana no bergantim, entram elle e outro religioso, Fr. Gonzalo Vera, os quaes depois acompanharam a expedição domesmo Orellana. Na descida do Amazonas, perdeu um dosolhos. Chegando á ilha de Cobagua em Setemrbo de 1542 com Orellana, volveu para o Perú por Panamá; voltado a Li-ma esteve presente ás discussões entre o Vice-rei Blasco Nunez Vela e os Ouvidores. Em 1544 era superior do Convento de Lima e em 1548 do de Cuzco. Em 1553 foi instituido vigario geral de Tucuman e pregador geral de Guamanga. Em 1562era definidor da Provincia. Em 1565 como procurador foi áHespanha e a Roma. Falleceu em 1584, Vide J. TORIBIO DE MEDINA.I Obr cit. cap. FR. GASPAR DE CARVAJAL.

ra subornar com menos embaraços, os que seguirião ao Vargas (115). Tanto que o conseguio, não só o tratou, e ao Religioso com pezadas injurias, mas passou tambem a exercitar com o primeiro a mayor crueldade, mandando-o lançar no mesmo dezerto de que fugia; para que a vida que lhe deixava, lhe ficasse servindo de morte mais penosa; e fazendo-se á véla, declinou melhor no dia seguinte a infidelidade do seu procedimento, renunciando o poder, que levara de Gonçalo Pissarro, para obrar dalli em diante como independente, eleito já dos levantados por seu Commandante General (116); parece que entendendo, que des-

---

115)—«Se ha crehido por muchos, mejor dicho, por la casi totalid de los que han contado el viaje de Orellana, seguiu Lemos de verlos luego más detenidamente, que cuando este resolvió abandonar á Gonzalo Pizarro y seguir su jornada por el rio abajo, el P. Carvajal fué el unico, en union de Hermán Sánchez de Vargas, que se opuso á semejante proieto, y que en castigo el irritado Capitán los abandonó en aquellas soledades.

Ya se comprenderá el absurdo de semejante aserto. J. TORIBIO DE MEDINA, Obr. cit. cap. FR. GASPAR DE CARVAJAL pag. IX E XX.

De facto não possue fundamento historico a narrativa de Berredo, por quanto Fr. Gaspar de Carvajal, acompanhou Orellana, e na sua RELAÇÃO desmente implicitamente o incidente, qu lé mera conjectura poetica.

Quanto a Vargas, o proprio Pizarro, na sua carta de 3 de Setembro de 1542, nada diz, nem siquer lhe toca no nome. Será este Vargas um invento para poetisar a historia? E' o que parece, pois, Pizarro não o encontrou na juncção do Coca com o Napo, morto de fome, como diz Berredo mais adiante.

116)—E' opportuno transcrever a petição que fizeram os companheiros de Orellana para que conservasse o cargo e responsabilidade de chefe a que allude Berredo: «Escribano que estais presente, dadnos por fee á nosotros caballeros y hidalgos compañeros hombres buenos que aqui van firmados, como pedimos e requirimos al magnifico señor Francisco de Orellana, de parte de Dios Nuestro Señor su Magestad, que nos tenga y ampare y guarde justicia y quietud en nombre de Su Magestad, por cuanto él salió del real del muy magnifico senor Gonzalo Pizarro, Gobernador e Capitan General de las provincias de Quito y descobrimiento de la canela, salió por su mandado á buscar maiz este rio abajo á la junta de los rios de que se time noticia, las cuales dician todos e el senor Gobernador en ispicial; podia haber contidade de cuatro dias de camino á más tardar; y nosotros veniendo en demanda del dicho maiz, sin co-

culpando a sua aleivosia com o exemplo do famoso Cortez na conquista do Imperio Mexica-

mida ni bastimentos, comiendo raizes, yerbas, frutas no conocidas muy peligrosas, y con esta necesidad caminamos nueve dias todos de despoblado, y al cabo dellos, habiendo Dios Nuestro Señor piedad fué servido de nos deparar un pueblo adonde en él allamos cierto maiz; y de la gran hambre pasada murieran ciertos españoles, y nos los que quedamos estuvimos muy enfermos del dicho trabajo; porque, como v. merced sabe, era mucho, asi por el no comer, por el mucho remar de sol á sol, que sólo este era bastante á nos matar; fué menester para nuestro remedio descansar cierto tiempo, lo cual por v. merced no nos fué acetado ni consentido, antes quiso luego poner por obra de se volver, como lo puso, y ir á buscar al señor gobernader muerto ó vivo; y visto por nosotros ser impossible la vuelta el rio arriba por la mucha distancia del camino, que de hombres que en este caso más se le alcanzaba fuimos informados que habia cantidad de ducientas leguas dendel dicho pueblo hasta donde quedaba el señor gobernador, y demás desto las corrientes y rabdales son muy recios; de manera que tuvinos por mijor e más servicio de Dios e del Rey renir y movir el rio abajo, que no volver el rio arriba con tanto trabajo; acordamos de nos juntar, y nos juntamos, y requerir, como por nuestro requirimento parescerá, de no volver el rio arriba; y á todo lo suso dicho vino por nuestro Capitán y Tiniente general, como lo era lo dicho señor gobernador, y agora hemos visto haberse disistido del dicho cargo que del señor gobernador tenia por se excusar el mucho trabajo que tenia; y nosotros, viendo y sabiendo los malos recabdos y grandes desordenes que puede haber y suceder estando sin capitán en estas montañas y tierras de infieles, de nuevo acordamos y pidimos y requirimos, una, y dos, y trez veces, y todas las demás quen los tales casos pedir se suelen, de vos el magnifico señor Francisco de Orellana que nos tengáis y amparéis como dicho tenemos en toda paz y quietud, como de antes nos teniades y mandábades, y como en otras partes habéis tenido y mandado españoles en más cantidad que los que aqui al presente estamos; porque nosotros o nunbramos agora de nuevo por nuestro capitán en nombre de Su Magestad, y asi lo queremos juras y juraremos, y por tal capitán o queremos haber y obedecer hasta entanto que Su Magestad otra cosa provea: y haciéndo asi haréis servicio á Dios Nuestro Señor y Su Magestad, y á nosotros merades; donde no, protestamos todos los danos, escándalos, muertes de hombres, otros desafueros que en tal caso suelen acontecer por no tener capitán. Y asi lo pidimo á vos el dicho escribano que presente estáis nos lo deis por fee y testimunio en manera que haja fee lo que aqui pedimos e demandamos.—*Alonso de Robles. Xptobal Enrriquez. Xptobal de Segovia. Alonso de Cabrera. Rodrigo de Zeballos. Alonso Mar-*

no (117): como se as injustas desconfianças de Diogo Velasques, que atreveu-se temerariamente á sua propria honra, o empenharão na na defensa della, se podessem tambem sacrificar no generoso animo, com que ficou delle Gonçalo Pissarro até as riquezas, que lhe meteo a bordo.

§ 67— Com huma acção tão fea se dispoz com tudo para outras de differentes semblantes; mas hião-lhe sahindo tão custosas, que nos desembarquee, que fazia obrigado da necessidade, até nas barbaras mulheres achava opposição, e ordinariamente a mais guerreira; mo-

---

ques. Gonzalo Díaz. Matheo Revolloso. Juan de Alcantara. Juan Bueno. Francisco de Tapia. García de Soria. Juan de Alcantara. Juan Bueno. Francisco Elena. Diego Matamoros. Alonso García. Gabriel de Contreras. Alonso de Tapia. Gonçalo Carrillo. García Rodriguez. Alejos Gonçalez. Juan Yllanes. Blas de Medina. Pedro Dominguez. Empudia. Pedro de Aguaray. Juan Gutierrez Bayon. Pedro Porres. Benyto de Aguilar Alonso Estevan. Celis. Mangas. Cristoval de Aguilar. Alonso Martin de Nogel. Diego Mexia. Lorenço Munos. Antonio Fernandez. Hernan Gonçalez. Jines Hernandez. Alonso Ortiz; Juan de Vargas. Diego Bermudez. Cristoval de Palacios. André Duran. En primero dia de Marzo, año de mile e quinientos e cuarenta e dos años, yo el dicho Francisco de Orellana—Paró ante mi. *Francisco de Isásaga*, escribano de la Armada».

«E' luego todos los que tienen firmado pusieran sus manos en un litro misal, y juraran en forma por Dios y por Santa Maria, y por la señal de la Cruz, por los santos cuatro Evangelios, de tener por capitán el dicho Francisco de Orellana, y de obedecer por tal en todo lo que les fuere mandado en nombre de S. M. Testigas, el padre fray Gaspar de Carvajal y el padre fray Gonzalo de Vera. Todo lo cual pasó ante mi el dicho escribano. *Francisco de Isásaga*, escribano de la Armada». J. TORIBIO MEDINA. Obr. cit. pg. 103 a 105. Duvidar destes monumentos historicos, pensando em que contingencias esteve aquelle punhado de homens, atirados no deconhecido, na incerteza, em um pequeno barco, sem contar com outro apoio que não o da Providencia de Deus, arrastados por correntes impetuosas, sem uma bussola, sem saber si uma cachoeira desconhecida engolphal-os-hia no seu vortice e anniquilal-os-hia, é negar a propria Historia. Si ambição e traição existissem em Orellana, seria elle cioso do mando. na sua posição de lugar-tenente-general que era de Pizarro.

(117)—Sobre o Mexico leia-se a *Histoire des Nations civilisés du Mexique et de l'Amérique Centrale* do P. BRASSEUR BOURBORG 4 vols.—Paris, Arthur Bertrand, 1857.

tivo porque dando-se-lhe o celebre nome de Amazonas (118), o tomou logo dellas aquelle grande rio chamado do Maranhão: (além do de Orelhana, que lhe deixou ao mesmo tempo o seu appellido, como primeiro descobridor de

118) — Na *Relação* do PADRE CARVAJAL, a noticia das mulheres guerreiras antecipou-se aos navegadores, muitas leguas acima da chegada ao local em que disse foram ellas encontradas, abaixo do Rio Negro. Tomando porto «en um pueblo mediano, donde la gente nos esperó» ficaram Orellana e seus compañeiros admirados de ver a sua disposição. No centro de uma praça estavaem «um tablon grande de diez pies em cuadro, figurada y labrada de relieve una ciudade murada con su cerca y con una peurta. En esta puerta estaban dos torres muy altas de cabo con sus ventanas, y cada torre tenia uma puerta frontera la una de la otra, y en cada puerta estabam dos columnas, y toda esta obra ya dicha estaba cargada sobre dos leones muy feroces que miraban hacia atrás, como recatados el uno del otro, los cuales teniam en los brazos y uñas toda la obra, en medio de la cual habia una plaza redonda: en medio desta plaza estaba un agujero por donde olleciam e echaban chicha para el sol que es el vino que ellos bebem, y el sol es en quien ellos adoran y tienen por su Dios. En fin, el edificio era casa mucho de ver, y el capitan, y todos nosotros espantados de tan gran casa, preguntó á un indio que aqui se tomó qué era aquello en la plaza, y el indio dijo que ellos eran subjectos y tributarios á las amazonas y que no las serviam de otra cosa sino de plumas de papagayos y de guacamayos para forro de los techos de las casas de sus adoratorios, y que los pueblos que ellos tenian eran de aquella manera, y que por memoria lo tenian alli, y que adoraban en ello como en cosa que era insignia de su señora, que es la que manda toda la tierra de los dichos mujeres». J. T. MEDINA, pag. 48 e 49.

Proseguindo a viagem rio abaixo, encontraram indios bellicosos e hostis que atacavam os bergantins com suas pirogas; assignalaram a confluencia de um rio grande, que devia ser o Madeira; do lado esquerdo viram muitos povoados de indios, em um dos quaes havia sete pelourinhos, com diversas cabeças humanas. Continuando sempre a descida do grande rio, os povoados encontrados estavam da margem esquerda e os seus moradores sempre hostis. Necessitando de comida, os expedicionarios resolveram descer em um povoado que lhes pareceu offerecer vantagem, tendo soffrido combate vehemente e sendo obrigados a retomar os bergantins. «Quiero que sepan, diz o P. Carvajal na *Relação*, cuál fué la causa por que estos indios se defendian de tal manera. Han de saber que ellos san subjectos y tributarios á las amazonas, y sabida nuestra venida, vanles á pedir socorro y vinieron hasta diez ó doce, que estas vimos nosotros, que andaban peleando delante de todos los in-

sua inteira vegetação) porém depois do penoso trabalho de buscar sempre os mantimentos com a força das armas, teve o alivio de os encontrar com abundancia em Indios mais domesticos que recebendo-o de paz, se admirarão tanto da figura da embarcação, como da gente, que levava, por tudo ser estranho á brutalidade do seu conhecimento.

Satisfeito de tão boa hospedagem, se deteve nella alguns dias, que utilisou tambem na construcção de outro bergantim.

§ 68—A commodidade desta segunda embarcação, a deu tambem a Orelhana para se fornecer com toda a largueza dos mantimentos necessarios para a sua viagem, que foy logo seguido; e como as ambições, com que negou obediencia ao seu Commandante (119), o con-

---

dios como capitanas, y peléaban ellos tan animosamente que los indios no osaban volver las espaldas, y el que las volvia delante de nosotros le mataban á palos. . . » Obr. cit. pg.. 59. « Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entrenzado y remelto á la cabeza, y son muy membrudas y andan desnudas en cueros, tapadas sus serguezas. . . » Obr. cit. pg. 60.

119)—Nasceu Orellana em Trujillo, em 1511, de uma familia aparentada com a de Francisco Pizarro. Muito moço ainda, passou á America. Em 1527 parece que metteu-se na campanha da conquista do Perú. Achou-se na conquista de Lima e Cuzco e em Porto Velho, durante os quaes perdeu um dos olhos.

Acudiu a Francisco e Fernando Pizarro, ao ter noticia que se achavam cercados em Cuzco e Lima, tendo, á sua custa, armado os seus homens. Chegou com effeito a Lima, não se sabendo se alcançou Cuzco. Não se pode, tambem, averiguar qual o papel que teve nas dissenções entre Pizarro e Almagro, cujo desfecho, com a batalha de Salinas, occorrida em 26 de Abril de 1538, concluiu-se pelo enforcamento do ultimo, na sua prisão, como em nota anterior já ficou referido. Depois desses factos, teve Orellana o governo da Provincia de Culata, com o especial encargo de fundar uma cidade, a de Santiago de Guayaquil, porto importante, tendo recebido de Francisco Pizarro o posto de capitão-general e loco-tenente de governador daquella cidade e da de Porto Velho.

Quando se achava neste governo adveiu Gonçalo Pizarro, nomeado governador de Quito, ficando a elle subordinado.

Foi então que, fazendo a sua submissão, resolveu acompanhal-o na conquista do paiz da Canela e foi obrigado pelas circumstancias a descer o rio Amazonas, como seu primeiro descobridor, desde o Napo, com uma serie de vicissitudes, com 57 companheiros, entre os quaes o dominicano Fr. Gaspar de

duzião a Castella para solicitar o Generalato daquella Conquista, que chamava já das Amazonas, chegando brevemente á formidavel boca deste illustre rio, atravessou duzentas leguas

Carvajal, o chronista do feito. Em 9 e 11 de Setembro de 1542, elle e seus companheiros de trabalhos e descida, os que sobreviveram, aportaram á ilha de Cubagua, na qual dispersaram-se, voltando a sua mór parte para o Perú, a continuar a vida de aventuras.

Orellana, tendo como mira definitiva ir a Hespanha dar contas da sua viagem e descoberta, não só para explicar o seu proceder em relação a Pizarro, como para salvar a sua fazenda compromettida, fretou um pequeno navio para se transportar ao velho continente e ir á presença do rei. Acompanhado do commendador Enriquez e de Cristobal de Segovia, Alonso Gutierrez de Clis, seus companheiros de jornada, passou a S. Domingos em 22 de Novembro de 1542, seguindo depois viagem para Hespanha, apresentando-se em Maio de 1543 em Valladolid, onde então achava-se a Côrte. Depois de fallar ao soberano, lhe foi exigida uma relação escripta da sua aventura e descoberta, relação apresentada e até o presente ainda não descoberta, nem publicada.

Depois de muitas discussões e desconfianças, a carta regia de 13 de Fevereiro de 1544 lhe concedeu autorização para effectuar o descobrimento e povoamento da Nova Andaluzia, nome dado ao territorio por elle atravessado na America do Sul, impondo-se-lhe a obrigação de armar á sua custa a expedição, levar 8 religiosos, 200 infantes e 100 cavallos; dando-se-lhe o titulo de *adelantado*, de governador e capitão-general das terras que descobrisse e conquistasse; o soldo de 5.000 ducados, a pagar com os proveitos da terra, alem de mais algumas vantagens. Luctou com as mais serias difficuldades para organizar a expedição, justamente por falta de cabedaes e por ser ella desprotegida do monarcha hespanhol.

Afinal aprestou a caravella *Guadalupe*, os navios *San Pablo* e *Breton*, alem da nau capitânea, com os quaes sahiu de Sanlucar a 11 de Maio de 1545, rumo das Canarias, demorando-se 3 mezes em Tenerife e 2 no Cabo Verde (ilhas). Em meiados de Novembro rumou para a costa do Brasil, em procura do rio-mar. No caminho sumiu-se uma náu e um bergantim, dos quaes não mais se teve noticia. Afinal avistaram e reconheceram a agua doce, havendo em 20 de Dezembro de 1545 aproado para aquella, entrando por um rio até mais de 100 leguas. Gastou a expedição os mezes de Janeiro, Fevereiro e Março na construcção de um bergantim, para remontar o rio, depois do que tratou Orellana de procurar o braço principal do mesmo, dispersando-se depois desse facto a expedição, com o desapparecimento do chefe. "No hay constancia de la hecha precisa de muerte de Orellana, si bien no es difficil de decirla con alguna

de mar do Norte (120) até á Ilha Margarita, onde o deixarey occupado todo nas novas prevenções para fazer-se á véla, em quanto continúo na relação dos ultimos successos da expedição de Gonçalo Pissarro (121).

§ 69—Este em tudo irmão, ainda que illegitimo, do grande Marquez D. Francisco Pissarro, logo que despedio ao Capitão Francisco de Orelhana, se forneceo de mais canoas (122), com que fez dez ou doze, e outras tantas balsas, de

---

aproximación, pues sabemos que tuvo lugar en el Rio, y cuando andaban en busca de provisiones para salir al mar, ó sea en los ultimos dias que los tripulantes del bergantin permanecieran en el Amazonas: probablemente, entonces, en los comienzos de Novienbre de 1546". *José Toribio Medina*. Op. cit. Cap. *Nueva Andalucia*. Concluindo este capitulo diz MEDINA: "Enterrado (Orellana) al pié de uño de los añosos árboles de los bosques siempre verdes que baña la corriente del majestuoso rio que habia descubierto, encontraba al fin reposo á sus afanes y fatigas en medio de aquella lujosa naturaleza, que era digno sepulcro de su nombre imperecedero." (Op. cit. pg. CCXXII). Desappareceu Orellana na immensidade amazonica que foi o primeiro a desvendar ao mundo civilisado, como um paiz fadado para abastecer o mundo.

120)—Por esta expressão de Berredo infere-se que elle tivesse talvez conhecimento da carta de Gonçalo Pizarro, escripta de Tomebamba, em 3 de Setembro de 1542, dando conta da sua expedição ao paiz da Canela, na qual diz que houvera feito construir o bergantim "con intención, si no topásemos buena tierra donde poblar, de no parar hasta salir á la mar del Norte." J. T. MEDINA, op. cit. pag. 89.

Nem se pode deixar de dizer tambem que, conhecendo já Berredo que o rio Amazonas lança-se no Atlantico, só uma irreflexão, no caso, leval-o-hia a repetir essa expressão Mar do Norte, como si se referisse a algum mar desconhecido, parecendo ter intenção de mais deprimir o nome de Orellana.

121)—Já vimos, em nota anterior, n. 110, que Orellana aportou na ilha de Cubagua.

122)—"Y por mi visto como Orellana era ido y alzado, procuré buscar la comida y envié personas asi por la tierra como por el agua en cinco canoas que milagrosamente yo tomé á los indios con mi persona, las cuales canoas fueran parte para nos salvar las vidas en pasarmos los grandes rios que hallamos"... (*Carta de Pissarro de 3 de Setembro de 1542, acima citada*).

Deve-se, portanto, corrigir essa passagem de Berredo com as proprias palavras de Pizarro, que se aproveitou das pirogas dos indios, tomadas á força, para as suas passagens de rios na volta.

que se servia nas passagens do rio de huma a outra banda, se topava montanha, que reconhecia por invencivel: mas como o trabalho destes transportes junto com o das marchas levava muitos dias, tinha já consumido dous mezes, (alentando sempre os seus Companheiros com as esperanças de achar no bergantim o natural allivio, de que necessitavão) quando se virão todos lastimosamente desenganados na juncção (123) dos rios; porque naquelle sitio os informou bem da traição de Orelhana o valeroso Fernão Sanches de Vargas (124), que a milagres da sua constancia se havia sustentado tão dilatado tempo, em solidão tão aspera, só das hervas do campo.

§ 70—Sentio este accidente Gonçalo Pissarro; mas o seu grande coração, que a todos resistia, o venceo com tal gloria, que communicando os mesmos alentos ás desmayadas Tropas, as dispoz logo para novas fadigas na continuação da sua marcha, que avançou mais cem leguas na descida do rio (125), sem que melhorasse de fortuna; até que já cedendo ás suas semrazões,

---

123) Do rio Coca com o rio Napo, segundo as mais autorizadas versões.

124)—Si o incidente de Vargas houvesse sido real, como já ficou dito em nota anterior, Pizarro, na sua carta de 3 de Setembro de 1542, a elle se referiria, como arma de accusação contra Orellana, como disse, sem fundamento, que no bergantim achavam-se todos os arcabuzes e béstas de tiro que possuia, accusação esta tambem desmentida pela *Relação* do P. Carvajal. A carta é muda sobre Fernão Vargas, só diz que na juncção apenas encontrou o ermo, o despovoado e a falta de comida, e que fôra obrigado a procurar esta em outra parte.

125)—"Y por mi visto la falta de comida y gran desmayo que el real tenia, tomé las canoas y siete ó ocho compañeros, y me meti por el rio abajo, com determinación de no parar hasta hallar comida, para con ella socorrer el real; y fué Dios servido que *el dia que me parti* llegué ás las juntas de los rios donde Orellana habia de estar y no pasar adelante, y fué por el rio arriba donde tenia noticia de la comida, la cual hallé en cantidad; y con estas nuevas volvi al real, al cual hallé con voluntad y disposicion de no póder pasar adelante...". "Y vista la indisposicion de la gente y la falta de los caballos y de armas y de las más cosas que Orellana habia llevado, vi que no era parte para pasar adelante, y tambien por el rio abajo teniamos por pasar, y asi determiné de pasar el real el rio grande..." e iniciou o regresso. *(Carta cit. em 3 de Setembro de 1542).*

tomou a prudente resolução de retroceder todo o caminho, se lhe fosse possivel; e conformando-se tambem com ella a resignada obediencia dos subditos, se armou o valor dos ultimos espaços para a repetição de tantos perigos.

§ 71—Dos quatro mil Indios, com que sahio de Quito, conservava ainda perto de dous mil, e dos cento e oitenta cavallos oitenta, que tudo mais se tinha consumido na trabalhosa marcha de quatrocentas leguas, mas entendendo bem, que no seu regresso, pelas mesmas asperezas das mesmas pizadas, inutilmente sacrificava este cançado resto das suas Tropas, sem que podesse melhorallas na subida do rio, quando a opposição das suas correntes a ameaçava muito mais perigosa, buscou outro caminho a Norte, delle, por ter já observado, que por aquella parte erão menos os lagos, e os pantanos, e tambem as montanhas; e entrando logo nesta nova empreza, já não lhe parecia tão difficultosa.

§ 72—Porém a poucas marchas, não só foy encontrando os mesmos trabalhos, de que hia fugindo, mas outros mayores, principalmente na esterilidade do Paiz; porque chegou a tanto, no dilatado transito de trezentas leguas, que se vio obrigado a sustentar a gente dos cavallos, e cães (126), com que deu principio á sua retirada; até que extinguindo-se aquelle alimento, lhe tinhão falecido todos os Indios com a mayor parte dos Soldados, quando sahio a terras mais abertas, e enxutas com abundancia de differentes caças volateis, e terrestres; e refazendo então todo aquelle Corpo as forças naturaes, perigosamente debilitadas, se servirão tambem estes valorosos Hespanhoes

---

126)—Já desde o tempo da ida os expedicionarios iam comendo os cães e os cavallos e quem o diz é o proprio Pizarro, na sua já citada carta de 3 de Setembro de 1532.... "el real no comia sino cogollos de bihaus y algunos cuescos que hallaban por el suelo que caian de los árboles, con todos los generos de salvajinas ponzõnos as que podian hallar, porque se habian comido en este despoblado más de mil perros y mas de cien caballos...."

Mais de mil cães e de cem cavallos continuando a caminhar, diz Pizarro que passou o rio grande "en el qual pasaje se passó mucho trabajo y pérdida de caballos..." Depois dessa passagem tiveram outras difficuldades e um despovoado. "en

das pelles dos veados para cobrir as carnes, expostas já ao horror dos olhos pela falta de vestidos, que não sentia menos a sua modestia.

---

el qual se acabaran de comer todos los caballos..." "subimos á tierra de Quito con tan solumente nuestras espadas..."

ORDENS RELIGIOSAS

que contribuiram para a conquista e colonização

DO GRÃO-PARA'

J. Abadal, em erudito e judicioso artigo sobre a *Missão Social das ordens Religiosas*, demonstra como contribuem ellas para o que de mais perto entende com as exigencias da sociedade moderna, como são: «illustrações das massas, obras de beneficiencia, escolas adaptadas a todas as condições e estados, para pobres e ricos; para cidades e aldeias, para o commercio, para os artistas e os que seguem as carreiras liberaes; surgem hospitaes, orphanatos, asylos de velhos, estabelecimentos para leprosos, menores desamparados, escrofulosos, assistencia de enfermos em domicilio, etc».

Quaesquer que sejam os preconceitos vigentes contra as ordens religiosas, quaesquer que sejam as campanhas contra ellas hábilmente iniciadas, quaesquer que sejam as violencias de que foram alvo, como nol-o attesta a historia imparcial e justiceira, cumpre-nos affirmar, com documentos valiosos e dignos de fé, quanto laboraram ellas para erguerem, imponente e magestoso, desafiando a admiração dos seculos, o momento da civilisação entre os povos.

Conforme refere o P.e Simão de Vasconcellos, nas suas Chronicas da Companhia de Jesus, «os indios eram como féras: sem policia, vingativos, com crueldade deshumana; não se esqueciam jamais dos aggravos, até tomar vingança d'elles; atam os inimigos a um pau, e d'elles a postas vão tirando, comendo, pouco a pouco, até lhes deixar os ossos esbrugados. Outros partem o padecente em quartos, assados estes, ou cosidos, os vão comendo em seus banquetes, com grandes bailes. Tomam muitas mulheres; têm idéa vaga de um Ente superior, a quem chamam Tupá; creem na immortalidade d'alma; vivem ao som da natureza, nem seguem fé, nem lei, nem Rei»; são guerreiros destemidos — suas armas: arco, frechas e uma clava de pau rigissimo e pesado como ferro, são destrissimos no manejal-as.

Eis a grande seara que se offerece ao zelo e dedicação dos missionarios. Muitas são as urzes, muitos os pedregulhos, muitos os obstaculos a que terão de metter hombros, para lograrem resultados proficuos.

S. Lucas, acode piedoso auctor, designa a ordem das viagens de S. Paulo pelos vestigios de sangue, que derrama, e pelos povos que converte; porque junta sempre uma cousa á outra, de sorte que se pode applicar-lhe estas bellas palavras de Tertuliano: «as suas feridas fazem a sua conquista; mal recebe uma ferida, logo a cobre com uma corôa; se derrama seu sangue, adquire novas palmas; alcança mais victorias do que violencias soffre».

Muito haverá que padecer n'essa missão de vulto, n'esse regenerar de corações, n'esse allumiar de intelligencias, n'esse disciplinar de vontades, aliás tão indomaveis.

Quatro foram as Ordens que, para o Redemptor do genero humano, com toda abnegação e desprendimento, conquistaram e colonisaram o Brazil, eil-as: 1.ª a Companhia de Jesus, depois os Capuchos, os Carmelitas e os das Mercês.

Que nos seja permittido, antes de tudo, rememorar os labores dos Jesuitas, porque d'elles colligimos algumas notas, o que não aconteceu com os outros, sem que por isso deixemos de reconhecer quanto n'esse vasto Brazil se esforçaram os demais religiosos.

O P.e Manoel da Nobrega, varão de consummada virtude, e mais cinco companheiros: P.e Leopardo Nunes, P.e João Aspicuelta Navarro, P.e Antonio Pires, e dois irmãos leigos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, todos da Companhia de Jesus, partiram de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1549, com o primeiro Governador Geral do Brazil, Thomé de Souza, a transformar o Brazil gentilico, mergulhado nas trevas da superstição, no Brazil christão, illuminado pelos clarões do evangelho.

Em chegando o P.e Nobrega a Bahia, deu-se pressa em iniciar o seu ministerio. Que difficuldades, que obstaculos? Lança mão dos meninos, catechisa-os, com elles vão aprendendo a lingua do paiz, e, orando, penitenciando-se, a muitos converteu e baptisou, até que funda-se a cidade de S. Salvador, e n'ella edifica-se a primeira igreja que, no Brazil, possuiram, os Jesuitas — N. S. da Ajuda.

Mais tarde chegaram ao Brazil, os P.es Affonso Braz, Salvador Rodrigues, Manoel de Paiva e Francisco Pires.

Em todos preponderavam a mortificação e obediencia. Em pouco tempo colonisaram e civilisaram o Espirito Santo, S. Vicente e Pernambuco.

Muita opposição encontraram da parte dos portuguezes, que viviam illicitamente, captivando os indios; mas a voz, abrasada de santa indignação, do P.e Nobrega, trovejava contra esses abusos.

Os missionarios procediam, consoante conscencioso historiador, alliando o mais possivel a energia á brandura, pre-

gando incessantemente, fossem quaes fossem as consequencias, contra a incontinencia, defendendo ardorosamente a liberdade dos indios. Foram inapreciaveis os serviços que prestaram os P.es Aspicuelta Navarro e Luiz da Gama, avultando entre elles a figura piedosa, encantadoramente pura e evangelica, de Joseph de Anchieta; n'elle se entrelaça o missionario ao poeta, cantando os louvores da Mãe de Deus, n'um poema de inestimavel valor.

De quatro mil e quinhentos versos consta o mavioso canto: não sabemos o que mais admirar, si a pureza e nobreza do estylo, o alcandorado da imaginação privilegiada, ou a orthodoxia mais rigorosa do dogma em tudo que toca á Virgem Santissima.

Compoz uma grammatica e um diccionario da lingua tupy, buscando sempre as tribus mais selvagens. Piratininga não olvidará jamais os sacrificios innumeros do grande thaumathurgo brazileiro; os portentos da sua vida correram de bocca em bocca, principalmente os que exercera sobre os animaes.

A Amazonia immensa, vasta, com os seus rios caudalosos, suas florestas virgens, suas ilhas formosas, dotadas de uma fertilidade assombrosa, encerrava uma população de indigenas aguerridos, luctadores imperterritos, que clamavam, bradavam, pelo baptismo da civilisação.

Eis senão quando apparecem os missionarios — Jesuitas, Capuchos, Carmelitas e Mercenarios.

A todos empolga um anhelo — crear uma nação, formar uma nacionalidade, instruir, educar e dirigir um povo que, mais tarde, desfraldando seu pavilhão auriverde, attrahiria a attenção do mundo.

Hoje, com effeito, o universo os olhos os tem voltados para o Brazil.

Em dezembro de 1652 chegaram a Belem do Pará os jesuitas, P.es João de Souto Maior e Gaspar Fragoso. Eis o que adduz Berredo »: Entrou logo o P.e Reitor João de Souto Maior na fundação de seu collegio (a que deu o nome de St.o Alexandre) com aquella actividade que sempre se admira em todas as acções d'estes Religiosos; e cumprindo bem as clausulas do termo da sua obrigação, vivia com todos aquelles moradores na mais inteira conformidade, quando a 5 de Outubro de 1653 aportou ao Pará o P.e Antonio Vieira, superior dos mesmos ».

Fernando Mourret na *Historia Geral da Igreja*, assevera que a datar de 1653 o P.e Vieira conseguiu organisar e evangelisar, ao norte do Amazonas n'uma extensão de quatrocentas leguas de costa, cincoenta aldeias de indios ». Nada resiste ao zelo, á coragem, ao ardor apostolico com que o immortal Vieira prosegue na colonisação e civilisação do Brazil ao norte.

Consoante Boehmer Manod (*os Jesuitas*, pag. 181 182), « por onde se apresentavam os jesuitas, os indios trocavam sua liberdade pela doce soberania dos Padres, e se fundavam aldeias, sob a direcção dos novos evangelisadores. Os canibaes

do Ceará e do Piauhy começaram a se reunir, devido ás exhortações do P.e Vieira; cessam os ataques dos indios, e se abriu á civilisação o territorio em que viviam estes ».

Cretineau Joly na *Historia da Companhia de Jesus* (T. 2.º pag. 114) relata que a 15 de Agosto de 1658 o P.e Vieira celebrou uma missa em acção de graças pelo tractado que concluira com os chefes e representantes de mais de cem mil indios ».

Boehmer conclue, affirmando que os jesuitas estavam animados de heroismo e possuiam a coragem necessaria para a questão difficil dos indigenas, que era a questão vital; resolveram-na de um modo que pode ainda hoje prestar informações aos Estados colonisadores ».

Entretanto, sempre obices os mais poderosos encontravam o P.e Vieira e seus companheiros na obra da catechese, apesar da carta regia dirigida a Vieira: « para pregação do evangelho, levantar igrejas, fazer missões nos sertões, ordenando aos Governadores, Capitães Mores, Ministro de justiça e guerra, Capitães das Fortalezas, Camaras e Povos que deem toda ajuda, assim de indios, canoas, linguas, como do que for necessario ».

O infatigavel P.e Vieira e seus companheiros almejam ver conduzidos ao redil da Igreja os indios.

Segundo o P.e Galanti, partem para o Tocantins dois jesuitas, com cem indios canoeiros, encontram os *catingas*, da raça tupy; estes a principio apoderam-se de algumas canoas, julgando que eram de colonos, seus acerrimos inimigos; com chegarem os Padres, para mais de mil indios os seguem em sessenta canoas. Chegando em Belem, Vidal, P.e Vieira e o povo vêm recebel-os, com immenso jubilo.

Ainda sobre os jesuitas, assim discorre o sr. João Lucio de Azevedo na sua obra: — « *Os Jesuitas no Grão Pará* (pag. 64) « onze aldeias de indios mansos no Maranhão e Gurupy; seis nas visinhanças do Pará; sete no Tocantins; vinte e oito no Amazonas, constituem por então o dominio effectivo dos jusuitas; mas cuidavam elles já de se apossar da indomavel Ilha de Joannes, e sonhavam imperar em todo o immenso rio, ainda incognito, que no seu longo curso e nas innumeras ramificações, era povoado de tantas e tão diversas gentes, materia prima da catechese ».

Em 1652 logrou Vieira conquistar as tribus do Marajó, e pondera João Lucio — o que não tinha alcançado a força das armas, obteve a doçura do evangelisador ».

E essa viagem de Vieira, do Maranhão á serra do Ibiapaba, em 1660, por terra?!

Ali fôra martyrisado o P.e Francisco Pinto, qual o ideal de Vieira, a que aspira? Responde eloquentemente o auctor citado! « arrancal-as ao captiveiro, á destruição, reunir sob a égide do Christo essas tribus.....defendel-as dos vicios da im-

piedade, da tyrannia da raça oppressora e suscitar na America um povo escolhido (pag. 73).

O santo, douto e apostolico D. Frei Caetano Brandão, que foi bispo do Pará, onde se assignalou por tantos serviços de monta, com uma dedicação digna dos Paulos, Ambrosios, Agostinhos e Athanasios, nas suas visitas pastoraes, de quando em vez, descreve a salutar impressão dos logares, onde o zelo, o aturado e paciente trabalho dos jesuitas, como das outras ordens religiosas, tanto avultaram nos esforços que emprehenderam para a civilisação e doutrinamento dos aborigines.

Fallando de Barcellos, refere que ali, como em outras povoações circumvisinhas foram missionarios os Padres Carmelitas. De Santarem, elogiando a boa ordem e asseio que encontrara, diz «foi missão dos Padres Jesuitas, como das outras, que ficam na margem do mesmo rio.

Quando tracta da Villa Nova d'Elrei, accrescenta que esta pertenceu aos jesuitas, e que muito florescia, pois tinham manufacturas de panno de algodão, telha cal, etc; não esquece a Vigia, Cintra, Bemfica e muitos outros logares, e tece este encomio aos Capuchos, «que tem mostrado a experiencia servirem muito bem as Igrejas». (Memorias de Frei Caetano Brandão).

Tanto exito alcançado, tantas amarguras que curtiram, bebendo na taça dos desenganos e desillusões só lograram um resultado — a perseguição, a expulsão!

Não se lhes reconheceu o espirito superior; n'aquelles rasgos de generosidade, de sacrificios que tinham como epilogo a morte, não enxergaram a intenção recta com que a taes serviços se votaram. Campanhas de libellos, intrigas, as paixões humanas exercendo-se despoticamente cobriram de baldões aos apostolos do Brazil; buscaram lhes infamar a memoria, como aconteceu com o santo P.ᵉ Malagrida; por fim expulsaram-nos, depois de baptisarem elles os indios, ensinando-lhes a trabalhar com methodo, brandura, e cultivar a terra, a edificar templos, casas, que formaram os primeiros aldeiamentos, mais tarde — povoações, freguesias, villas, cidades.

Depois de ter recebido muitas accusações contra os P.ᵉˢ Jesuitas, no Paraguay, assentou em visital-os, o P.ᵉ Provincial Ignacio Frias, eis o que observou: (*Christandade mais semelhante á primitiva não se vê na Igreja Catholica*, onde desde que amanhece até anoitecer não se ouve no templo e fora d'elle senão louvar a Deus, exhortar á virtude reprehender vicios, frequencia dos Sacramentos etc.

Ministrando aos sacerdotes certos avisos, conclue: Estou persuadido que Vossas Rev.ᵐᵃˢ estão muito entranhado no Santo temor de Deus, e *culpa que seja grave está muito longe de varões que tão apostolicamente trabalham*; comtudo poderia haver menos cuidado em incorrer em alguns *defeitos leves*, na observação das Regras, Ordens, Usos e Costumes,

por ser cousa pouca essa transgressão (Bibliotheca Nacional — Miss. 6.976. pag. 185-188). E os Jesuitas do Brazil sempre mostraram o mesmo espirito, mortificação, obediencia e abnegação que os do Paraguay.

Um historiador imparcial observa: «Nem a eloquencia, nem a virtude de Vieira obstaram a que fosse alvo de calumnias e ataques violentos. Não lhes perdoaram os colonos o gesto para sempre immortal de arrancar o indio da escravidão: prenderam-no, permanecendo retido na Capella de S. João Baptista, onde uma india, Maria Pinto levava-lhe algum alimento: embarcaram-no como um criminoso.

Qual era, perguntamos, o crime do Vieira?

Esgottar cosummar «sua vida, sua actividade, desdobrar seu genio, os recursos de uma intellgencia de escól em resgatar uma raça, um povo, que vivia sob o jugo oppressor dos colonos; esse povo era o germen da nossa nacionalidade, o brazileiro nato, o habitante d'esse grandioso paiz em que tudo nos acena com um porvir risonho, no intuito de, cheios do patriotismo mais acrysolado, arrancarmos do seio das florestas, da terra, das serras e rios, as riquezas sem igual que constituem o patrimonio da nação brazilica».

Como retrogadaram os indios na ausencia dos missionarios?

Falle o sr. João Lucio de Azevedo: «Os nucleos existentes não proliferavam, ao contrario decresciam a olhos vistos. De fora não lhes vinham elementos novos, e os desertores eram em numero progressivo, afugentando, com as relações que davam, as tribus errantes, para regiões cada vez mais remotas.

Algumas, que ficavam perto, eram ferozes e irredutiveis, como as dos *muras*, que nem poupavam os seus congeneres, chacinando-os, durante as viagens e nas povoações, e contribuindo, pela sua parte, n'esses assaltos, como aggressores ou victimas, para completarem a anniquilação da raça.

Neste ponto, é incontestavel a falta dos missionarios, que, sosinhos, pela brandura e persuação, faziam domesticos os mais bravios selvicolas; ou, agindo pelos que já tinham attrahido a si, convenciam os outros a virem participar dos commodos da civilisação. (pag. 314 obr. cit.

Manoel da Silva Azevedo, visitador regio, presenciando o estado lastimavel das outr'ora florescentes missões externou ao P.^e Anselmo Eckart que «em seu modo de ver só com a readmissão dos missionarios os nucleos de população indigena voltaria ma ter o numero de pessoas, e a evidente prosperidade dos tempos antigos» (Echart. Hist. Persecut. S. J. in. Lusitania — tom. 9. pag. 226.

Consoante o P^e. Galanti, baseado em documentos fidedignos, eis as vantagens que derivaram da missão de Vieira e seus companheiros: Reformaram os costumes dos selvagens; escreveram em portuguez e lingua geral um catecismo; iam

imprimil-o no Reino, quando foram expulsos; acudiram ás aldeias; concorreram para levantar uma nova matriz, sendo elles os primeiros a pegar na enxada para abrir alicerces; fundaram as Capellas de Santo Christo, de S. João Baptista, do Rosario dos Brancos; antes d'isso edificaram a igreja de St.º Alexandre, onde provavelmente scintillou com o brilho mais intensivo a eloquencia do P.e Vieira; organisaram uma confraria das almas na Igreja das Mercês.

Nas aldeias dos indios não havia igreja, a não ser uma, os Jesuitas ergueram oito ou nove, provendo-as de paramentos, e o que mais concernia ao culto; iniciaram os livros de registros de nascimentos, baptisados, casamentos e obitos; providenciou o P.e Vieira para que todos os mezes duas canoas partissem, uma do Maranhão para o Pará e outra do Pará ao Maranhão; em Belem e no Maranhão crearam escolas, onde se aprendia a ler, escrever e contar, e a grammatica portugueza e latina, tambem ensinavam aos seculares e religiosos rhetorica e philosophia.

Um dos feitos mais memoraveis é terem elles concorrido para a amizade dos indios da Ibiapaba e os nheengaibas de Marajó, que podiam se alliar aos hollandezes, pondo em perigo o Estado.

Tornaram facil a viagem do Maranhão ao sul, porque os indios domesticaram-se; apasiguaram os indigenas do Ceará, ameaçados de exterminio, e a navegação começou franca pelos affluentes do Amazonas e Tocantins — Quarenta mil nheengaibas juraram fidelidade ao Rei de Portugal, colonisando-se a Ilha de Marajó e reduzindo-se os de Itapicurú

Grande parte do Tocantins, Araguaya, Xingú, Tapajós e Rio Negro, foi explorada; para mais de tres mil indios livres foram aldeiados; a Regente em 12 de Maio de 1659 enviou uma carta ao P.e Vieira, louvando muito os missionarios da companhia de Jesus, agradecendo-lhes.

Do relatorio do bacharel João Antonio da Cruz Diniz Pinheiro, que foi ouvidor do Maranhão, com data de 1751, se collige que tem o bispado do Pará nove freguezias; duas na cidade, uma na villa da Vigia, outra na de Cametá, outra na villa de Cayté, outra na de Joannes, outra no Gurupá, outra na nova povoação do S. José de Macapá, e outra nas Minas de S. Felix; tem mais nos rios Mojú, Guamá, Capim e Acará seis ermidas parochiaes subordinadas da cidade; duas ermidas, uma do Santo Christo, dos soldados, e outra de N. S. do Rosario.

No bispado do Pará ha dois conventos do Carmo, um na cidade e outro na Vigia, dois da Companhia e um das Mercês: estes ultimos são senhores da maior parte do gado da Ilha de Marajó. Os Capuchos possuem dois conventos: St.º Antonio e S. José, com fazendas a que chamam Doutrinas; tem tres hospicios: um na cidade, outro no Cayá e outro em Gurupá; aos do Carmo pertence um hospicio no Rio Negro.

No Pará se contam sessenta e tres aldeias, de que pertencem ás villas dos donatarios quatro; uma no Caytê administrada pelos Padres da Companhia, uma no Camutá e duas na ilha de Joannes, administradas por Padres Capuchos; nas terras de administração real ha cincoenta e nove, de que regem uma no sertão do Urubú os Padres das Mercês, e desoito os Padres da Companhia que vem a ser: Maracanã, Cabu-Vigia, Martigura, Sumauma, Araticú, Aricurú, Aricará; e no rio Xingú: Itacuruçá, Pirauiry, Aricará; e no rio Tapajós; Barary, Cumarú, St.° Ignacio e S. José; e no rio Madura, Abacaxis e Trocano; e nove pelos Padres Capuchos de St.° Antonio que são: Menino Jesus, S. José, Anajatuba, Bócas, Caviana, Urubucuara, Acarapy, Parú; e pelos Padres Capuchos da Conçeição seis, que são: Mangabeiras, Cayá, Conceição, Iary, Tuari, Uramucú; e os Padres Capuchos de S. José nove que são; Gurupá, Arapijó, Caviana, Maturú, Jamundá, Pauxis, Curuá, Manema, Suribiú, Gurupatuba; e os Padres do Carmo, no rio Solimões, ou das Amazonas, oito que são: Coary, Teffé, Manerua, Paraguary, Turucuatuba, S. Paulo e S. Pedro; e no rio Negro, José, Caragay, Aracary, Comarú, Mariná, S. Caetano, Cabuquena, Bararuá, Dary; e assim vão em summa a serem as aldeias governadas quatro pelo ordinario, trinta pelos Padres da Companhia, vinte e seis pelos Padres Capuchos, com mais oito doutrinas; duas pelos Padres das Mercês, e desoito pelos do Carmo—(Ms. da Bibliotheca Publica de Lisbôa—Archivo do Conselho Ultramarino—Brazil, papeis avulsos).

Em nossos dias temos os Capuchinhos no Prata, os Dominicanos na Conceição do Araguaya, por onde passou deixando vestigios inapagaveis o sempre e jamais pranteado—Frei Gil de Villa Nova, sem fallarmos dos que se dedicam na Prelatura de Santarem e Diocese de Manaos.

E agora, sem pretenção alguma, desejando concorrer para a prosperidade do nosso Instituto, e do nosso paiz, com uma pedra, ainda que tosca e sem brilho, que me seja licito appellar para os que regem os destinos da mãe patria, afim de que entrem a curar dos interesses magnos de uma raça que desapparece, que definha e morre, aguardando a chegada de novos missionarios da cruzada do bem, para, entre suores, fadigas e trabalhos incessantes, atirarem nos braços do Christo os indios, e elles baptisados, instruidos e civilisados, romperão em hymnos festivos de gratidão a Deus e á patria.

Conego Ricardo da Rocha

A Terra, as cousas e o homem da Amazonia

Por Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha
Natural do Pará.

Memorias historicas, geographicas, ethnographicas, mineralogicas, botanicas e zoologicas das minhas viagens atravez da Amazonia

XV

Amazonas, Minha viagem ao rio
Demeueni affluente doAracá ou Uaruá e os indios Chirianas e Baffuanas.

(Continuação do 1.° n.°)

Capitulo VIII

A tribu de Taluco, os seus indios, eu e a minha comitiva

Achei extraordinariamente extravagante o minucioso exame, que me fizeram diversos indios, da cabeça aos pés. Deixei-me por elles, despir do meu peletot, collete, camisa e gravata e ficar simi-nú, em ceroula e botas de montar.

Essas peças da minha roupa vi no corpo de quatro indios, que depois me vieram entregar e vestir. O meu facto era extranho a elles pela circumstancia de communicarem-se apenas com José Campos, Mamelão e mais dois ou trez seringueiros, regatões, civilisados, que possuiam sitios ou feitorias no Demeueni, que ahi só usavam roupa de algodão grosso. Entretanto informou-me a este respeito o meu interprete, que aquelles, que me examinaram e me despiram eram vindos do proximo, do meio das selvas, onde nunca ainda entrara civilisado algum.

A's costas dos indios, que me acompanharam até ahi, vieram do bordo para terra diversos volumes pequenos, contendo roupa de uso, algumas calças e camisas novas, peças de chita e morim, duas espingardas americanas de carregar pela culatra, cinco inglezas, sendo duas de dois canos, dois rif-

fles, um terçado paulhal, com bainha, 12 terçados americanos, 2 machados, 20 facas com cabo de madeira, 4 grosas de espoletas, cinco *lazarinas*, seis polvarinhos com 1/2 libra de polvora cada um, 100 cartuchos para as americanas, 28 para as 2 Spencer dos 2 soldados, 100 cartuchos para os riffles, trez kilos de missangas brancas, pretas, vermelhas, amarellas e azues, 2 enxadas, 2 foices, 4 ferros de cova, carriteis de linha, agulhas, anzolinhos, anzoes, linhas de pesca etc.

Taluco tem a estatura mediana, a tez bronzeada, ainda pouco enrugada, cabellos grisalhos, pouca barba no queixo e bastante ralos os pellos do bigode, a constituição forte e a robustez regular, sendo mais avançado na idade do que o Mamelão, tratavel, jovial e palrador.

Já me achava vestido, quando de dentro da maloca sahiu um bando de mulheres moças e velhas desnudadas, trazendo cada uma na mão a sua *cuia com mingau de carimá e bacaba*, que cada uma por sua vez, depois de apertar-me a mão respeitosamente, me offereceu. Para não desgostal-as bebi alguns goles da primeira *cuia*, e, acceitando as outras levava-as apenas aos labios e immediatamente passava-as aos outros da minha comitiva, que me imitavam. Por esta maneira voltaram todas ellas satisfeitas, vendo que nenhum de nós deixou de saborear o *mingau*, que nos offereceram.

Desse bando de mulheres a da frente chamava-se Abe, casada com Taluco, a qual, por ser das suas tres mulheres a 1.ª, as outras a distinguiam da 2.ª e 3.ª lhe chamando *Dona*. Levando-a mais tarde, á pia baptismal, como seu padrinho e minha mulher como madrinha, ahi tomou o nome de Josephina, sendo este acto celebrado em Barcellos, pelo padre vigario da freguezia Manoel Raymundo Alves.

Acabada a funcção do *mingau*, ao entrar da noite, o tuchaua deu-nos, então, ingresso na maloca e, ahi dentro, dominando densa nuvem de fumo, privou-me esta de observar na occasião o que se passava nos seus compartimentos. Tendo já o sol desapparecido, a noite dava a esta morada, que envolvia no seu negro manto, sombrio e tenebroso aspecto, afigurando, dominada pelo fumo das chammas ardentes das fogueirinhas que se elevavam a pequenas altitudes do chão, como nos cemiterios os *fogos fatuos*, por entre os quaes apparecem e somem-se phantasmas, que nos aterrorisam e assombram. Foi isto mesmo que me pareceu vêr, ahi, representado pelas figuras desnudadas desses seres humanos, fugitivos da luz da civilisação, a andar de um para outro lado, envolvidos na fumaça e illuminados pelas chammas das fogueiras dos diversos compartimentos da malóca.

Com os olhos lacrimosos, como se estivessemos a chorar, e, quasi todos asphyxiados pela fumaça, sentiamo-nos mettidos dentro dessa furna habitada por homens, mulheres, velhos, moços e crianças, todos nascidos livres nas florestas virgens, á lei da naturesa, sem ar e atacados durante a atravessia, que, de uma parte a outra fizemos de muita tosse, sem cessar, até a sahida n'uma barraca toda aberta, unida, da parte da matta, ao barracão, que nos offereceu o tuchaua para nosso abrigo.

Do lado do occidente tem outra barraca onde se acham para a manufacturação da *farinha d'agua* e *bejuceicas*, um grande *forno de barro*, as vazilhas para depositar a *mandioca* depois de ralada, os *ralos*, *tipitis*, *urupemas*, as *igaçabas* (igaçaua), *alguidares*, os *paneiros* (urú) feitos de *talas de warumá*, as folhas verdes do *ubim*, empilhadas, e montes de *lenha*.

Ao nosso abrigo fiz recolher toda a bagagem e armar as nossas redes, para deitarmo-nos e descançar um pouco das fadigas do dia. Em quanto se cuidava disto, o soldado Manoel Antonio activava o nosso cosinheiro para dar-nos a refeição da tarde.

Entretanto dentro da maloca, aos sons de dous *borés*, dançavam dous indios, que os sopravam, cantando monotonas cantigas. Outros indias e indios,

formando ora um simicirculo, ora uma linha recta, tambem dançavam n'um continuo avançar e recuar, ou de um para outro lado, seguros com uma das mãos aos hombros uns dos outros.

Sabendo pelo Mamelão que o tuchaua e, quasi todos os seus indios já faziam uso do sal, convidei-o com as suas mulheres, tambem o ajudante do tuchaua e o *pagé*, para jantar comnosco, permittindo-lhes que trouxessem com elles mais alguns indios. Destes apenas acceitaram o convite Taluco, Abo e mais tres parentes desta.

Depois do jantar fomos assistir a dança, envolvendo-nos no meio de fumaça intensa, como nuvens, que vinham das fogueiras de todos os compartimentos do barracão. Só depois da meia noite recolhemo-nos ao nosso *desabrigado* abrigo.

Capitulo IX

Necessidade de facilitar-se a navegação a vapor a todos os rios, affluentes, do Amazonas

A minha entrada na maloca de Taluco, tuchaua dos indios Chirianas, no rio Demeueni, me suggeriu a ideia de, antes de descrever com minudencia a sua peripecias, fazer uma vista retrospectiva pelo passado do magestoso rio Amazonas, quando ahi figuravam, disputando aos portuguezes a sua conquista, hespanhóes, hollandezes, francezes e piratas inglezes, afim de tirar as conclusões dos confrontos, que fôr fazendo, daquelle tempo com o resultado do seu progresso e das suas liberdades desde o reinado de D. José I aos de D. João VI, D. Pedro I, e D. Pedro II, durante o imperio, e o actual regimem republicano federal, proclamado a 15 de Novembro de 1889. Nesta epocha me resolvi a rever mais desenvolvidamente esta minha Memoria, para dar por copia ao Barão de Sant'Anna Nery, que a traduziu em francez e destinou-a de Manáus á *Societe Antropologique Americaniste* de Paris, afim de mostrar, que a prosperidade da immensa região amazonica só advirá, quando o governo da federação, e os dos Estados brazileiros do Pará, Amazonas, Goyaz, Matto-Grosso e Maranhão, das republicas hispano-americanas, da Bolivia, Perú, Equador, Colombia e Venezuela e do dominio inglez de Demerara, o hollandez de Surinam e o francez de Caiena; nossos ribeirinhos os 1.ºs do Tocantins, Amazonas, Xingú, Tapajós, Madeira, Purús, Juruá (Uiaraná), Javari, (Hiauari) Içá, Japurá, (Hiapurá), Negro e Branco e os ultimos do Oyapoch, assim como todos os seus habitantes, se convencerem de que antes de tudo, devem curar com desprendido e abnegado patriotismo, da necessidade de alargar-se e de melhor se facilitar a navegação a vapor dos seus sertões para que una todos os povos ribeirinhos, entre si, e os communique com os povos das duas Americas por terra e por mar e rios, assim como, os da Amazonia e do antigo e novissimo continente por mar.

De 1842 a 31 de Dezembro de 1852, o vapor de guerra Guapiaçú, da marinha nacional, foi o primeiro que navegou as aguas do Amazonas, fazendo diversas viagens, que se estenderam ao Xingú e Tapajóz á confluencia do Rio Branco com o Rio Negro, á Tabatinga, no Solimões, fronteira com o Perú e, por ultimo, em 10 de Dezembro de 1851 até Manáus; e tambem, o vapor de guerra Thetis, que não passou do Xingú. A navegação da marinha mercante por vapores subvencionados pelo governo imperial foi iniciada a 1.º de Janeiro de 1853, sendo o primeiro vapor desta, que entrou no Amazonas, de nome Marajó, da companhia do Amazonas, que sulcara as suas aguas, subindo nesta sua viagem até o porto de Manáus, no Rio Negro, capital da Provincia do Amazonas, fundada a 5 de Setembro de 1850 e inaugurada a 1.º de Janeiro de 1852.

Penoso, arriscado e demorado é o navegar-se o oceano em navios á vela!... Não é menos o Amazonas, que é um *Rio Mar*, tambem outro oceano!

Indiscriptivel é o Amazonas, seus affluentes e outros rios da Amazonia navegar-se em pequenas e grandes embarcações a remo, a sirga e a vela, em consequencia das suas vertiginosas correntes, das *Esperas* das marés, onde as ha periodicamente de 6 em 6 horas, das terras cahidas das suas barrancas marginaes, das cachoeiras e cachopos, que interceptam a navegação por espaço de muitos dias e dos seus florestaes desertos, onde imperam a ferocidade de uma infinidade de venenosas cobras, de onças, e tamanduás, e de indios, calumniosamente classificados antropophagos, por aquelles que os perseguem, caçam, escravisam ou matam, porque selvagens como são, tambem vingam-se, matando, algumas vezes, o *justo pelo peccador*, dentre os assassinos foragidos das galés, seus inimigos nos sertões para evitar a punição, por esta sorte, dos seus crimes. Estes sem excepção são os exploradores peruanos, venezuelanos, bolivianos, equatorianos, e colombianos empregados na extracção do caucho; tambem são os seringueiros brazileiros, que surram e matam deshumana e cruelmente os seus trabalhadores indios, e mesmo civilisados, arrastados por sordida ambição.

Ordinariamente aos regatões, que aportarem nos dominios daquelles, são mandados pelos senhorios surrar por capangas; e o impaludismo fatal e inevitavel, que pela obstinação cruciante com que infesta e assola essas ricas regiões, que formam o invejado—*Paiz da seringueira*—por ser o maior entrave do seu progresso, tudo isto desapparecerá com o desenvolvimento da navegação a vapor.

Nas vastas bacias dos rios Amazonas e Tocantins já é uma realidade desde 1.° de Janeiro de 1853 a navegação a vapor, estendendo-se dessa data em diante de Belém a Nauta, no Perú, primeiramente, e depois á Jurimaguas, perto dos Andes, á Alcobaça, no Araguaia, affluente do Tocantins á Soure e outras diversas localidades do grande archipelago da immensa ilha de Marajó, ao Oiapock, ao norte e ao Gurupi, ao sul no Atlantico, ao Alto-Purús, alto Juruá, e alto Hianari na Bolivia, Perú e districto federal do Acre, ao alto Içá, alto Hiapurá e alto Negro na Colombia e Venezuela, ao Urari cuera e Tacutu, no rio Branco, indo ter este á Guiana Ingleza e aquelle á fronteira do Estado do Amazonas com Venezuela. Tambem se extende á S.^to Antonio no Madeira, á S. Miguel do Guamá, etc., como tambem a interoceanica dos Estados Unidos da America e da Inglaterra a Iquitos e ao Porto Velho, no rio Madeira, e a Manaus, de Portugal, Hollanda, Italia, republicas do Prata, e estados do Rio Grande do Sul, Santa Catharina, S. Paulo, Rio de Janeiro e a todos os portos maritimos ao norte do Rio de Janeiro a Manaus, e diversas outras nações a Belem, Canumá, Abacachi, Natumá, Uautás, Juruá, Cuari, Teffé, etc., gosam deste mesmo beneficio entre Manaus e as suas diversas localidades, e tambem o Xingú, Tapajós, Trombetas, Nhamundá, Manés e Saracá entre as suas diversas localidades e Belem.

Se tão tardia desenvolveu-se a navegação a vapor dos rios da Amazonia temos sómente que nos queixar do acanhado e timido tino administrativo, em 1.° logar de José Felix Pereira de Burgos, á quem confiara em 1826 o governo imperial a presidencia da provincia do Gram Pará, que comprehendia a região do Turiaçú ao Oiapock, no Atlantico, e deste ao Javari entre os confins do Solimões e a entrada do Maranhão. Estendia-se tambem ao Essequibo no Solimões que é na fronteira da Guiana Ingleza e ao Cucui ou Cucuhi no rio Negro. Aquelle presidente nesse mesmo anno, oppondo-se a entrada de um vapor americano no Amazonas com carregamento de mercadorias dos Estados Unidos da America do Norte, destinado ao Perú, obrigou-o a voltar de Belem ao porto da sua procedencia, dando por justificativa ao seu retrogrado acto, serviu-se da evasiva de não ser ainda livre a navegação do

rio-mar ás nações hispano-americanas ribeirinhas pelo Atlantico e a ridicula previsão de *serios prejuizos que causaria o vapor a navegação á véla, sirga e remo*, que então realisavam de Belem para o interior da provincia os pequenos hiates, as cobertas com tolda a ré para passageiros e a prôa para carga e a tripulação, os grandes batelões, vigilengas, igarités, galeotas e possantes montarias, sendo privativa dos brazileiros até 1863. Neste anno tambem em virtude do tratado entre o Brazil e o Perú, Venezuela, Bolivia e os hispano-americanos ribeirinhos, foi quando principiaram a gosar os mesmos previlegios dos brazileiros de navegar o Amazonas, as suas embarcações, trazendo na pôpa arvorada a bandeira da nacionalidade de qualquer uma das cinco republicas hispano-americanas ribeirinhas.

Conservou-se desta sorte a navegação do Amazonas livre para o Pará, Amazonas, Goyaz, Matto-Grosso, ás suas embarcações com a bandeira brazileira, e para a Bolivia, Perú, Equador, Colombia e Venezuela ás embarcações dessas republicas com a bandeira de cada uma dessas cinco nacionalidades, até 7 de Setembro de 1867. Foi em virtude do decreto de 7 de Dezembro de 1866, declarada livre a sua navegação ás embarcações de todas as nações do mundo, e aberta como fica dito, em 1867.

Joaquim José de Siqueira em 1828 dirigindo-se aos paraenses por um aviso que publicou, neste avançou as proposições seguintes:

« A opulenta Provincia do Gram-Pará, que podia por si formar uma vasta Monarchia, apenas agora se quer levantar do seu berço, chamando a attenção de seus habitantes; mas ella nunca apparecerá em todo o seu brilhantismo, a não ser um impulso de energia, que a tire do seu informe cahos; porque nem tem forças, nem recursos, e a agricultura que lhe podia ministrar os meios, esta em obscuridade.

« Seus habitantes apenas de industriosos se conservam em estupida innação, e apenas fazem commercio dos generos incultos que produz o Paiz. Os soberbos rios que retalham a Provincia, por falta de navegação escondem immensos thesouros, que produzem as suas margens e centros e que algum dia virão a fazer inveja do mundo todo. Milhares de indigenas habitão seus terrenos ainda incultos, os quaes sendo civilisados, tornar-se-hião uteis a si, e ao Estado, augmentando o Paiz. »

Nesse anno o mesmo Siqueira, apresentando as condições do projecto da Sociedade Promotora d'Agricultura, Commercio e Industria Paraense, estabelece, como infere-se do art.° XXV, que « A sociedade fará abrir a Navegação do modo mais facil dos dous rios Tocantins e Amazonas e seus adjacentes para a communicação do Goyaz, Matto-Grosso, Cuyabá, uma vez que a Augusta Assemblea Legislativa lhe conceda certas Graças, e Privilegios e S. M. I. approve. »

O Barão de Bagé, presidente do Pará, nomeou uma commissão composta de José Fonseca Cardozo, Manoel Gomes Pinto, João Antonio Correia Bulhão, Joaquim Antonio da Silva, João Lourenço Tanger, Francisco Marques d'Elvas Portugal e João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, encarregada de dar parecer sobre o referido projecto, quanto aos quisitos seguintes: —

« 1.° Informar e dar parecer sobre a utilidade que póde resultar do estabelecimento da Sociedade a esta Provincia relativamente aos fins propostos no projecto. 2.° Informar sobre a possibilidade de sua execução e obstaculos que possa ter. 3.° Dar a opinião e o mais que possa concorrer para o inteiro esclarecimento do assumpto. »

Tenreiro Aranha tendo sido o relator desta commissão, ouvindo os outros membros deu parecer favoravel que todos assignaram a excepção de Fonseca Cardozo, que em parecer separado combateu o da maioria.

Este ultimo, sendo publicado, foi brilhantemente refutado por Tenreiro

Aranha e mais um outro artigo do "*Telegrapho Paraense*", *O Receoso dos Privilegios*. Da refutação deste artigo passo a transcrever os topicos seguintes, para melhor salientar o patriotismo com que o relator da commissão uma vez mais, n'aquelles tempos defendeu os interesses do povo paraense e dos ribeirinhos do Amazonas.

Eil-os:

«O Parecer da Commissão, e as observações que se fizeram ao voto separado do bacharel Cardozo, tem claramente mostrado a utilidade, que pode dar a esta Provincia e a todo o Imperio o dito estabelecimento da Sociedade que se propõe a promover os interesses da causa da nossa prosperidade, alguns dos quaes são objectos de industria ainda não tentados, custosos e remotos, bem como a colonisação dos indigenas do nosso interior. Alem disso a Sociedade em seu projecto (art.° 23) propõe *abrir a navegação* mais facil dos rios Amazonas, Tocantins e outros affluentes para a communicação com Goyaz e Matto-Grosso. E a vista destas pretenções deverá o nosso Governo ser indifferente aos beneficios, que a Sociedade pela applicação dos fundos dos seus Accionistas, offerece ao nosso decadente estado? Não é de esperar, porque a nossa mesma Constituição politica, liberal promette (no art.° 179. N.°s 24 e 25) *«que nenhum genero de trabalho, commercio, ou industria seja prohibido e que os inventores tenhão um privilegio exclusivo temporario ou sejão remunerados ou ressarcidos dos prejuizos que houverem de soffrer pela vulgarisação, etc.»*

«Ora a Sociedade que se propõe a adiantar meios para a colonisação, a abrir e facilitar á sua custa a navegação pelo Amazonas, Tocantins e outros rios desta Provincia, não pedindo privilegios exclusivos por estes ramos de industria ainda não tentados que se hão de vulgarisar, e reverter em interesse publico, está no caso de pedir e obter remuneração ou as Decorações que pede para os Accionistas que mais concorrerem para tão uteis fins, e o nosso Governo já que não quer, ou não tem pedido prestar meios para a tentativa destas duas emprezas arriscadas e proveitosas, deve ao menos por estimulos bem entendidos conceder essas insignias áquelles que mais se distinguirem e prestarem. Esta limitada pretenção é a mais favoravel de que um privilegio ou monopolio exclusivo, e não se oppõe ao nosso actual systhema, nem aos da nossa liberal politica economia, porque diz um escriptor moderno, que é bem opposto as Companhias e aos privilegios exclusivos.(*) *«Quando os homens se associão para estabelecer por sua conta e risco um novo ramo de commercio com povos barbaros e longinquos, o estado pode então conceder-lhes em indemnisação dos perigos um monopolio de alguns annos que expirado o termo deve supprimir-se e ficar livre.»*

«Barbaros são alguns ou muitos dos indigenas do nosso interior com quem se ha de tratar da colonisação; longinquos, posto que limitrophes e conterraneos, são os de Matto-Grosso, cujo commercio, pelos maiores obstaculos, e riscos a Sociedade quer tentar e facilitar.

«Portanto não seria odioso o privilegio que a Sociedade a tal respeito exigisse, e não é tão pequeno o serviço que presta o nosso Imperio em ceder desse privilegio, promover a colonisação, e abrir á sua custa a navegação custosa pelo nosso interior. E como os maiores contribuintes ou accionistas são os que têm a maior parte nesta empreza, e serão os primeiros empregados d'ella, que se devem distinguir, claro está, que por tão bons officios publicos, e até mesmo pela Lei de 19 de Junho de 1789, estão nas circumstancias de ser condecorados com as insignias, que a Sociedade requerer.»

(*) Benjamin Constant, Comment a Filangieri.

Não só esta refutação, mas tambem a outra ao parecer separado de Fonseca Cardoso, este mesmo parecer e o da commissão, o artigo d'"*O Recesso dos Privilegios*", o aviso aos paraenses com o projecto de Siqueira se acham transcriptos no Tomo VI, Parte 17.ª do "*Apendice do Padre Amaro*", dos annos de 1830 e 1831, que se publicou em portuguez na Inglaterra.

Este importante livro, que encerra documentos preciosos para a historia da navegação a vapor dos rios Amazonas, Tocantins, e dos affluentes delles, e da abertura dos mesmos para os estados ribeirinhos ás outras nações do mundo, não obstante estar sem algumas folhas que não prejudicam esses documentos, offereci em 1911 á Bibliotheca Publica do Amazonas, antes do bombardeio da cidade de Manaus em 8 de Outubro desse anno. (*)

Tentou-se em 1837 organisar outra Sociedade, tendo por fim fazer a navegação a vapor pelo *Amazonas e aguas do Pará*, sob a direcção do Presidente da provincia, cujo prospecto foi submettido ao parecer de uma commissão, nomeada para redigir e apresentar o projecto á discussão e submettel-o a approvação dos poderes competentes da Provincia e do Imperio. O seu relator foi ainda Tenreiro Aranha, que com promptidão satisfez a sua honrosa incumbencia, sendo discutido, approvado e publicado o projecto no "*Treze de Maio*" periodico de propriedade de Honorio José dos Santos, um dos patriotas do Memoravel 14 de Abril de 1823; entretanto apesar do consideravel numero de inscripções de accionistas, não se effectuou a incorporação da Sociedade, porque o Presidente da Provincia Andréas, tendo sido dispensado do exercicio do cargo n'um dos ultimos mezes de 1838, se retirára para o Rio de Janeiro.

O proprio Tenreiro Aranha, occupou-se deste assumpto, estando na capital do Imperio em 1838, por ter sido para alli deportado por esse mesmo Presidente da Provincia pelo crime de haver escripto para ser representado a 14 de Março do mesmo anno no theatro Providencia, um elogio dramatico, um verso heroico, e em homenagem á Princeza D. Januaria, no qual Andréas attribuiu ideias propagandistas de *separação do Gram Pará, do imperio brazileiro*, interessando-se pela realisação a navegação a vapor do rei dos rios do mundo com o auxilio do poder legislativo e executivo da nação. Apresentou este programma a consideração do conselho da corôa, nada conseguindo por este lhe declarar, que nada tinham a fazer os dous poderes, visto como a Assembléa legislativa Provincial em virtude do art.º 10 § 4.º do Acto addicional, era a competente para resolver os negocios tendentes a realisação da ideia civilisadora da navegação a vapor dos rios da provincia.

Em 1839 a Assembléa Legislativa provincial, estimulada pelo despacho do governo central ao programma de navegação, que apresentára Tenreiro Aranha, concedeu por duas resoluções, privilegios a quem se propuzesse a emprehender e fazer a navegação a vapor nas aguas dos rios da provincia (5) inspirando esta medida sem duvida nenhuma, á Camara dos deputados geraes, á approvar uma resolução, tambem concedendo privilegio por 40 annos á Companhia incorporada por Joaquim Antonio Pinheiro, e outros para aquelle mesmo fim, mas que o Senado não querendo se manifestar francamente contra o rasgo patriotico da Camara dos deputados, resolveu não lhe dar andamento, archivando-a.

Para subir um vapor de Belém ao Amazonas fez nova tentativa em 1842 o proprietario e commerciante d'ahi, Joaquim Francisco Danin, man-

---

(*) Não consta este periodo, e outros mais que augmentei depois, a vista dos acontecimentos, da copia que dei a Sant'Anna Nery.—DO AUCTOR.

(5) Elementos do commercio por João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Vida do auctor. Notas infine.—DO AUCTOR.

dando vir para esse fim, dos Estados Unidos da America do Norte aquelle vapor que chegado ao porto d'essa capital do Gram Pará (6) não proseguiu a sua viagem, em consequencia das difficuldades que lhe creou o governo.

Este outro vapor teve, como o primeiro de volver aos portos da sua procedencia, por não lhe ser permittido entrar no Amazonas.

Propunha-se n'essa occazião Danin a formar uma Companhia para realizar a tão almejada navegação a vapor no rio Amazonas, concedendo-lhe o governo privilegio e o auxilio, que a lei de 1840 garantia. Fora ouvida para este fim, e incumbida de dar parecer á sua proposta, uma commissão, encarregada tambem de organisar os seus estatutos com a assistencia do emprezario. Tenreiro Aranha fazendo parte d'esta commissão, como seu relator, apresentou esses estatutos que o periodico "*Treze de Maio*" publicou.

O Presidente da Provincia não querendo prestar á Companhia o auxilio pecuniario, auctorisado pela referida lei, baldou ainda uma vez mais, a civilisadora tentativa da navegação a vapor do Amazonas, quando tudo já se achava nas melhores disposições para o seu inicio.

Este procedimento do delegado do imperador, tão incorrecto, quanto fora o de Pereira de Burgos em 1826, creando serios embaraços ao proprietario do vapor, desgostou-o tanto que o fez abandonar o seu projecto de encorporação da Companhia e mandar volver o vapor para a America do Norte.

«Nesse mesmo anno de 1842, lê-se no relatorio de Tenreiro Aranha apresentado quando presidente da provincia do Amazonas ao ministro do imperio, em 21 de Abril de 1852, tratando de todas essas mallogradas tentativas, que subia pela primeira vez pelo Amazonas o vapor Guapiaçú, d'Armada Nacional, sob o commando do 1.° tenente José Maria Nogueira, que publicou o roteiro da sua viagem feita em 10 dias, não incluindo os em que esteve fundeado desde o porto da cidade de Belem do Pará, até o da Barra do Rio Negro, sendo pela metade do tempo a viagem, á volta até a capital do Pará.

«Assim se mostrou a facilidade e conveniencia dessa navegação aos olhos de todos quantos pensavam, que era impraticavel e arriscada.

«No anno de 1847, e na lei de orçamento, passou na Camara dos Deputados para o Senado a disposição do art.° 5 § 2.° para que o governo empregasse cem contos de réis na compra de um barco de vapor para a navegação pelo Amazonas, mas essa lei ficou sem andamento.

«Em Novembro do mesmo anno de 1847, tornou a subir do porto de Belem do Pará a dita barca Guapiaçú sob o commando do 1.° tenente Lassance, conduzindo o capitão de fragata Joaquim Manoel de Oliveira Figueiredo, que veio encarregado de fazer recrutamento de marinheiros, pelos logares do Amazonas, e nessa deligencia gastou até á esta cidade da Barra doze e meio dias de viagem e doze dias de demora nos portos intermediarios, voltando em 5 dias daqui até aquella cidade com demora de doze dias nos logares de passagem.

---

(6) Nessa epocha a provincia do Gram Pará extendia-se do Turiassú ao Oyapock e sobre o Atlantico e desde desde a fóz do Amazonas ao Hiauri (Javari), limitrophe com o Perú; e entrando-se pelo Negro, affluente daquelle até o Cochiú e Cucui (Cucuhi) limitrophes com a Venezuela, e pelo Rio Branco até o essequibo, rio de Demerara; e finalmente entrando pelo Madeira, que confina com o Amazonas á margem direita até o Beni e Mamoré limitrophes com a Bolivia.

Os limites nos rios Branco, Negro, Madeira, Purús, Juruá e Japurá acham-se alterados hoje, por tratados com a nossa republica e tambem com o Maranhão, desannexando do Pará o Turiassú desde o regimem imperial e com a creação da provincia do Amazonas, abrindo mão, por espontaneidade dos publicos poderes no Pará, da sua comarca do Alto Amazonas, sem a menor alteração dos seus limites então estabelecidos e reconhecidos desde o seu estabelecimento em virtude do art.° 3.° da Lei do Codigo do Processo Criminal Brazileiro de 1833.

BENTO ARANHA

«No anno de 1848 propôz um deputado na Camara temporaria, quando se discutia o projecto de lei do orçamento, que se incluisse nella a mesma disposição para a compra do vapor, que já havia passado na lei do anno anterior, e eu tambem, em qualidade de deputado na mesma Camara apresentei uma emenda para que «*o governo fôsse auctorisado á estabelecer a navegação a vapor pelo Amazonas e nas aguas do Pará, com barcos da armada nacional, ou com prestações a alguma companhia, de sorte que os barcos servissem para correios, transportes e rebocagens* »

«Nenhuma d'essas propostas mereceu então a approvação, a esse tempo em que um cidadão dos Estados Unidos, lá na Corte, estava em diligencias e esperanças de obter privilegios para uma companhia.

«Finalmente bem sabido é, que no anno de 1850, em que tantos actos de reconhecida utilidade, e de ha muitos annos reclamados, passaram nas duas camaras e merecerão a sancção Imperial, foi tambem aceita e approvada a mesma medida que apresentei e que se acha inserida no art.° 2 § 1.° da lei 586 de 6 de Setembro d'esse anno nos termos seguintes: — «*O governo é auctorisado a estabelecer desde já, no Amazonas, e aguas do Pará a navegação por vapor, que sirva para correios, transportes, rebocagens até ás provincias visinhas e territorios extrangeiros confinantes, consignando prestações a quem se propuzer a manter a dita navegação ou empregando embarcações do Estado.* »

«E só assim chegou a realisar-se a esperança da navegação, que se faz em dias, em logar d'aquellas embarcações a vela ou a remo e a sirga que então se fazia com tão penosos trabalhos em 60 ou 80 dias, desde o porto de Belém até ao desta capital, tambem para facilitar-se o commercio entre esta Provincia e os Estados confinantes, que podendo ser tão interessante para todo o Imperio, se tem feito tão diminuto e tanto custo, bem sabido é que egualmente mereceu approvação a medida, que se acha na lei n.° 555 de 15 de Junho art.° 15, para que os productos importados dos paizes limitrophes pelo Amazonas sejam admittidos, mediante direitos de importações

«E o governo de S. M. Imperador, a quem submetto respeitosamente, esta exposição, bem certo está das diligencias e dos pedidos que hei feito, afim de que o commercio e a navegação a vapor, tão importante pelo Amazonas, dê ao Brasil a gloria e o proveito que a Inglaterra, a França e os Estados Unidos têm reconhecido ser de tão alta importancia, que por vezes já tem querido formar companhias e fazer expedições para abrirem relações commerciaes até o Perú.

«Tendo dado o governo de S. M. o Imperador, logo que tive a honra de ser nomeado Presidente desta Provincia, a providencia constante do aviso de 10 de Setembro de 1851, para que a barca de vapor "Guapiaçú", que se acha na estação do Norte, se empregasse na navegação entre esta Provincia e a do Pará, as minhas diligencias e requisições, pude conseguir que esta embarcação viesse conduzir-me e aos demais empregados, nomeados pelo Governo Imperial para a organisação d'esta Provincia.

«Apesar da falta de accommodações, que as não tem essa barca, por não ter sido feita para transporte, e de virem centenas de pessôas quasi expostas ao rigor do tempo, e de pensar que as caldeiras arruinadas não dariam conta da viagem, viemos em dezesete e meio dias desde 10 de Dezembro de 1851, em que sahimos do porto de Belem até ao d'esta capital, onde aportamos a 27 do mesmo, trazendo de navegação sómente nove dias, dezoito horas e dez minutos e de demora nos portos intermediarios para se receber combustivel, seis dias, vinte horas e quinze minutos, e encalhado um dia e quinze horas.

«Em toda a viagem se consumiram setenta e tres toneladas inglezas de carvão de pedra, que se podem computar no valor de 1.725$000 réis, pelo

preço da praça do Pará, e dezoito mil achas de lenha que importaram em 279$000 réis, com pouca differença como se demonstrou com a evidencia do algarismo no quadro que exigi do commandante.»

A vista do titanico, louvavel e patriotico esforço empregado por Tenreiro Aranha, que foi o apostolo evangelista da civilisadora ideia da livre navegação a vapor dos rios Amazonas, Tocantins e seus Affluentes, desde 1826, quando dos Estados Unidos da America fundeou no porto de Belém, o 1º vapor, que se destinava subir o Amazonas até o Perú, realisou-se este ideal. Doutrinando este desde aquella epocha até 1852 sobre a sua necessidade, ora pela tribuna da imprensa, ora pela parlamentar e mesmo nos comicios populares e officialmente ainda escrevia para que em 1853 iniciasse este importante melhoramento o vapor nacional Marajó a 1º de Janeiro entre Belem e Manaós.

Esta grandiosa ideia triumphante havia sido coroada com o glorioso exito da execução da lei de 5 de Setembro de 1850, que creou a Provincia do Amazonas, e com a carta imperial de 7 de Junho de 1851, nomeando presidente dêssa provincia, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que a inaugurou a 1º de Janeiro de 1852, antes da incorporação da Companhia de Navegação a vapor, Commercio e Colonisação do Amazonas no mesmo anno de 1852, pelo benemerito cidadão brazileiro, natural do Rio Grande do Sul, Irineu Evangelista de Souza, que mais tarde foi Barão e depois Visconde de Mauá, mediante um contracto e as concessões auctorisadas pela lei n.º 586 de 6 de Setembro de 1850, e de mais 1.200:000$000 reis de subvenção annual do privilegio exclusivo por 30 annos, a da doação de 23 territorios patrimoniaes destinados ás colonias e destes, estando os mais vastos e ricos situados onde os seus vapores não eram obrigados a extender a navegação. Tambem com a inauguração da navegação em 1853 se estabeleceram as linhas de Belém ao rio Tocantins, de Manaus a Tabatinga, no rio Amazonas, de Belém a Soure, na ilha Marajó e por ultimo de Manaós a Santa Izabel, no rio Negro, estendendo-se tambem a linha de Tabatinga a Nauta, no Perú, mudando d'ahi para Iquitos. Finalmente a fundação da colonia agricola, na confluencia do Rio Negro com o Amazonas, se effectuára em 1854, tendo a denominação de Mauá, assim como, da colonia industrial circumvisinha de Serpa, hoje Itacoatiára com este mesmo nome. Ambas foram extinctas logo depois de passados mais de 2 annos das suas fundações.

A Municipalidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, tendo por superintendente o coronel Adolpho Guilherme de Miranda Lisbôa, e por governador do estado o coronel Dr. Antonio Constantino Nery em 5 de Setembro de 1907, havendo reconhecido em João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha os seus benemerentes e patrioticos serviços prestados na imprensa, na assembléa provincial do Pará e no parlamento nacional a favor das causas da elevação da comarca do Alto Amazonas á provincia do Amazonas e da navegação a vapor do rio Amazonas e seus Affluentes, e quando na presidencia da provincia, que fundou, tambem das explorações do Purus, Canuma e Abacachis, da colonisação de agricultores e industriaes nos rios Içá, Madeira e Branco, do desenvolvimento do commercio, industria manufactureira, industria pastoril e industria extractiva, e da catechese e civilisação dos indios, creando a missão de Uaupés e Içana, ja lhe erigiu uma estatua esculpida em bronze sobre pedestal de finissimo marmore na praça Tamandaré da capital, apesar da praça e uma rua com o nome de Tenreiro Aranha, já existentes. Entretanto no Pará, sua terra natal, onde elle promoveu, com sacrificio dos seus haveres e vida a adhesão á independencia do Brazil a 14 de Abril de 1823, defendeu a causa da legalidade commandando um regimento de cavallaria contra os levantes militares das casernas, os terroristas de complots e a cabanagem urdidos pelo ambicioso vulgar conego João

Baptista Gonçalves Campos com os seus sequazes Vinagres, Angelins e outros, que immerecidamente o Dr. Rayol fez heroes; entretanto esqueceu quem propagou as ideias grandiosas da livre navegação a vapor pelo rio Amazonas e aguas do Pará nos annos de 1826 a 1852, tendo ao seu lado D. Romoaldo de Seixas, depois Marquez de Santa Cruz, e arcebispo da Bahia, para as provincias brazileiras de Goyaz, Maranhão e Matto Grosso no Tocantins, Xingú, Tapajós e Madeira; para as republicas da Bolivia, Perú, Equador, Colombia Venezuela e Guyana ingleza pelo Madeira, Purús, Juruá, Javari, Içá, Japurá Negro, Uechié e Branco; e do desenvolvimento do commercio, industrias manufactureira, pastoril e extractiva; da agricultura, da catechese e civilisação dos indios e da abolição do elemento civil de 1858 a 1860, anno este em que se deixando assoberbar pela ingratidão, que por premio dos seus relevantissimos serviços recebera do governo e dos homens da sua patria perdeu as faculdades intellectuaes, tendo antes para este ultimo tão humanitario fim fundando em Belem com o Dr. David de Canavarro e outros patriotas a Sociedade Emancipadora Paraense 7 de Setembro, a 2 de Dezembro de 1858. A municipalidade de Belém, por indicação do extincto Club Tenreiro Aranha, que fôra creado para commemorar a data de 15 de Agosto, limitou-se a mudar para Tenreiro Aranha o nome do largo da Memoria, onde os cabanos reduziram a ruina a casa de propriedade do poeta Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, onde aquelle que era seu filho nascera. Parece que na Associação Commercial de Belem não existe no seu salão de honra o retrato pelo menos desse exforçado iniciador da propaganda da livre navegação a vapor do rio Amazonas.

O governo imperial modificando o 1° contracto que fizera com a companhia do Amazonas a requerimento désta para desobrigal-a da fundação de colonias, todas ao mesmo tempo, e supprimir a navegação da linha do rio Negro, a deferiu, na forma requerida, retirando-lhe o exclusivismo do seu privilegio durante os 30 annos, e reduzindo a cifra da sua subvenção a 720:000$000 annuaes.

No inicio da navegação a vapor a companhia extendeu as linhas 700 leguas de Belem, no rio Amazonas, 139 de Manaus, no rio Negro e 56 de Belém, no rio Tocantins. Supprimindo a linha do rio Negro em 1858 a bem unicamente dos seus interesses e com grave prejuizo d'aquella região disse no seu relatorio o *Conselheiro Francisco José Furtado, quando presidente do Amazonas relativamente a esse facto, não podia reerguer-se de sua decadencia e facilitar lhe as communicações; e já não era pouco o haver-se incurtado quasi metade da distancia desta cidade ás fronteiras.*

Capitulo X

A navegação privilegiada motivando o entorpecimento do progresso do Amazonas

O rio Negro, apezar das suas perigosas corredeiras e cachoeiras, que dificultam a sua navegação a partir da extincta povoação de Santa Izabel velha, proxima da qual habitou Aiuricaua, (Ajuricaba,) famoso *tuchaua* dos valorosos intrepidos Manaús nação de indios deste rio, e, alliado dos hollandezes do Surinam, confinante no rio Branco, o flagello de todos os indios aldeiados pelos missionarios e portuguezes em differentes logares, entre S. Joaquim do rio Branco e Carvoeiro, no rio Negro, e, dahi a Santa Izabel, precisa ainda de mais alguns vapores na sua linha. Restabelecida esta em 1872 pela companhia fluvial do Alto Amazonas fazia com uma viagem de 2 mezes, e depois effectivamente fel-a com uma mensalmente n'aquellas condições. Actu-

almente (1875) esta sendo realiazada pela companhia do Amazonas, tendo ella mais a concurrencia já depois de 1884 de um vapor da casa commercial de Araujo Rosas & Irmão, e a de duas lanchinhas á vapor particulares até Santa Izabel nova, um vapor para o rio Branco, do contractante das carnes verdes e do abastado capitalista Sebastião José Diniz, a quem deveu aquella região o seu actual desenvolvimento.

Convém que se extenda-a sobre dita linha, pelo menos até Camanaús devendo do porto de S. Gabriel partir outra linha complementar, formada com lanchas a vapor até ao Caciquiari, em Venezuela, entrando nos nossos rios Uaupés, Içana e Ueuchie. O nosso plenipotenciario Enéas Martins no ajuste dos nossos limites pelo rio Negro fez *doação deste rio a Colombia.*

No Camanau já houve a povoação de S. Bernardo, a 6 leguas abaixo de S. Gabriel, que seria restaurada na sua *tapéra*, uma vez, que fosse dotada com a navegação a vapor, e escolhida para servir de entreposto do commercio do baixo com o do alto rio Negro. Nestas condições voltaria ao seu estado anterior de florescimento a decadente povoação de S. Gabriel da Cachoeira como a denominavam os antigos amazonenses por causa da sua situação e da do seu forte, que fôra mandado construir em 1763 sob o padroado desse santo, por Manoel Bernardo de Mello Castro, capitão general e governador do Grão-Pará e Rio Negro, afim de impedir as invasões do territorio brazileiro pelos hispano-americanos do Equador e Colombia, vindos pelos Uaupés e Içana, rios estes, que pelas suas cabeceiras acham-se separados do Brazil assim como Venezuela limitrophe pelo Uechié, que sahe a direito do Rio Negro, tendo já sido Caciquiari, a esquerda, que é agora pelo Cucui (Cucuhi). Este forte aqui, como aquelle alli, por incuria do governo imperial acham-se reduzidos a lamentavel ruina, da mesma sorte pela qual está o de S. José de Marabitanas, dentro do Uechié, que se desmoronou até os alicerces logo após da construcção do Cucui (Cucuhi) já no tempo da provincia do Amazonas.

Não é só de Manáus a Camanaus, que se deverá estender a navegação a vapor no rio Negro: mas tambem dentro dos seus affluentes Inaueni ou Cueiras, Jahuú (Hiahú) ou Jahumuhi (Hiaumuhi) Uiuni, Hiauaperi (Jauaperi) Branco, Cauré (Caburi) Cuieni (Cuiueni) Cuemeucuri (Cuemehucuri,) Uarná, Uaracá, Demeueni, Paduairi, Ereré, Chibará, Hibiahiá, Ajuaná, Hiurubachi, Uenechi, Marauiá, Cauauris (Cauaburis) Uaupés, (Içana) Içana Uechié; porque nas suas regiões se encontram os thezouros das suas riquezas naturaes, e destas nasce a conveniencia de dotal-os com as vantagens e facilidades das suas communicações com Manaús, quer por via da navegação a vapor de grandes e pequenas embarcações, e apropriados a de cada um d'elles, para os transportes de passageiros e cargas da sua parte inferior para a superior, quer de estradas de ferro carril ou de rodagem nas secções encachoeiradas.

Acima de S. Gabriel, já sem grandes riscos, como demonstrou a commissão brazileira de limites, chefiada pelo Barão de Parima pode navegar uma lancha, como a *Araujo* navegou, de fogos accessos e a vapor recorrendo a sirga, com fortes correntes, e por meio destas transpondo cachoeiras até onde o rio Negro, no territorio venezuelano, já não offerece obstaculo algum á sua navegação, como no logar d'aquelle forte.

O rio Demeueni é francamente accessivel, até a sua zona encachoeirada, ao vapor de pouco calado, durante os mezes de meia enchente aos de meia vazante, podendo este navegar até o porto da Maloca de Taluco, que é situado pouco abaixo da 1ª cachoeira.

Bento de F. Tenreiro Aranha

BIOGRAPHIAS

I

Manoel da Gama Lobo da Almada (*)

No regimen colonial sob o dominio de reis portuguezes e no da independencia e imperio do Brasil até o anno de 1889, Manáos que se chamou tambem Fortaleza de Jesus Maria José e depois Barra da Fortaleza do Rio Negro, duas vezes foi a capital da capitania de S. José do Rio Negro, creada com a denominação de S. José do Javary, cabeça da comarca do Alto Amazonas até 1852, capital da provincia do Amazonas até 1889; e continúa a ser a do Estado do Amazonas, federado á Republica dos Estados Unidos do Brasil.

A sua elevação em 1791 á capital, foi devida ao invicto governador da capitania, brigadeiro Manoel da Gama Lobo da Almada, julgando-a em melhores condições pela sua posição topographica, salubridade, facil communicação commercial com Belem e situação favoravel e vantajosa á administração publica da capitania, das que até então offerecia a villa de Barcellos, bastante populosa e prospera.

Permaneceu desta vez só 8 annos em Manáos a capital da capitania por ter sido em 1799, em virtude de ordem régia de 2 de Agosto de 1798, mudada para Barcellos a residencia do governador.

Desde o anno de 1787 que, por nomeação de D. Maria I, em consequencia do fallecimento do governador da capitania do Rio Negro, Joaquim Tinoco Valente, assumio este importante cargo o referido brigadeiro Gama Lobo, durando a sua administração até 27 de Outubro de 1799, quando veio a succumbir, acabrunhado por dolorosos e acerbos desgostos, motivados pelas arguições calumniosas á sua honra, exaradas no aviso de 17 de Julho de 1797, sem fundamento cabal serio, apenas denotando requintada deslealdade á soberana de portugal, provinda da inveja do capitão general governador do Estado, D. Francisco de Souza Coutinho, encampada na côrte de Lisboa por um seu irmão ministro da côroa.

(*) Nasceu em Portugal, e já era graduado no posto de sargento-mor do exercito quando veio pra o Pará encarregado pelo governo da Metropole, como um dos heróes da praça de guerra de Mazagão, na Africa, durante o cerco que soffreu dado pelo imperador de Marrocos, de acompanhar até o Pará e ahi installar num sitio, proximo da embocadura do Amazonas, ao qual denominaria Mazagão, 114 familias de outros heróes que evacuaram aquella praça e mais 103 escravos. No archivo Publico deste Estado existem as relações completas das familias que vieram para Mazagão, que estão em desaccordo com o que se tem publicado.

Estas familias chegaram a Belem em 1769, conforme se lê nas *Eras do Pará*, de Baena, seu contemporaneo e irmão d'armas.

Já fiz publicar em Manaus esta biographia no Jornal do Commercio ainda em vida do seu proprietario e fundador major Joaquim Rocha dos Santos.

Aquelle alto funccionario publico, superior hierarchico do outro, a quem odiava de morte somente por inveja de não poder imitar em nenhuma das suas invulneraveis virtudes civicas, meritorios serviços militares, nobreza e correcção nas suas acções publicas ou particulares, ardor patriotico, e até mesmo no tino, brilhantemente desenvolvido na administração da capitania, intrigou-o calumniosamente, servindo-se do prestigio e influencia do irmão na Côrte, para o bom exito da sua perversidade.

Este fatal aviso levou á sepultura o benemerito governador da capitania do Rio Negro, que ainda não teve na administração, até hoje, quem o igualasse no esmero pelo desenvolvimento e progresso da agricultura, industria, artes, officios, viação terrestre e fluvial, como sabiamente em 12 annos revelou em todos os seus actos.

Os seus serviços não limitam-se aos prestados á capitania simplesmente como seu governador; outros tambem valiosissimos prestou elle em Mazagão e Macapá, já ao sahir do Amazonas no oceano; e relevantissimos na commissão demarcadora dos limites do Brasil, no Alto Amazonas, com as possessões de Hespanha, servindo nella primeiramente como technico subalterno e por ultimo como chefe e plenipotenciario.

Menos gloriosos do que este não foram os seus conscienciosos estudos e reconhecimentos scientificos dos rios Uaupés, Tiquihé, Içana ou Içaua, Uechié, Cauhaboris, Canal natural do Cassiquiari, Branco, Uraricuera e Tacutu no rio Negro e dos rios Içá e Japurá no rio Solimões.

Quando empregado num desses seus importantes e scientificos trabalhos no rio Uaupés, tambem conhecido com o nome de Caiay, naufragou na passagem de uma das suas 43 cachoeiras e succumbiria envolto no turbilhão daquellas espumosas e correntosas aguas, se na occasião um soldado que o acompanhava não o salvasse com grande risco da propria vida.

A respeito deste facto, e de muitos outros, que recommendam e honram a memoria do homerico governador Gama Lobo á eterna gratidão dos amazonenses, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, natural da villa de Barcellos, antiga capital da capitania de S. José do Rio Negro, mavioso poeta lyrico e 1º da Amazonia brasileira, escreveu em 1797 uma sublime e bem inspirada Ode, da qual são os versos seguintes:

Nas Obras litterarias mandadas imprimir em 1850 por seu filho João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, e reimprimir em 1899 pelo governador do Estado do Amazonas, José Cardoso Ramalho Junior lê-se:

Já sobre, as ondas do Uaupés medonho,
E do Ché remoto vai sulcando,
Não em fortes baixeis de attica pôpa,
De cem canhões possantes,

Não intrepidas, numerosas tropas
De Luzitana gente valorosa,
Mas só de poucos desleaes, seguido
Inertes frouxos peitos,

Num fraco lenho vai o novo Gama,
(Es' outro vencedor de nome eterno)
Não só por mares nunca navegados,
Desconhecidas terras;

Mas tambem por sertões inaccessiveis,
Horrorosos desertos ensilvados,
Horriveis monstros, indomaveis gentes,
Mais féras do que as mesmas,

Brutos selvagens, que de Adão apenas
As feições mal conservão já truncadas,
E que, de humano sangue sequiosos,
A natureza espantão:

Por varios climas, onde a morte habita
Nos estagnados lagos denegridos
Que corruptos vapores exalando
Da Estyge ali rebentão.

Por tenebrosos antros, e profundas
Tétras cavernas, onde a noite reina,
Entre espectros e horrores, rodeada
De lugubres morcegos:

Os mais viventes, té as mesmas féras
Ali não chegão, e segundo contão
Antigas tradições, a poucos passos
Encontra-se o Cocyto:

Por trabalhos em fim de immensos modos,
No mar, na terra insolitos perigos
Da vida, da pessoa e liberdade,
Além dos que não digo:

De viboras crueis, de infestas pragas,
Da crua fome, e devorante sêde,
Da incommoda nudez, e da maligna
Mirrada enfermidade.

Tudo venceste, insuperavel GAMA;
Bem como Alcydes e Theséo vencerão:
Porém elles não virão o que viste,
Horrendas catadupas:

Scylla e Carybdes não merecem nome
A par d'aquellas, que ainda mui distantes,
Sem vistas ser, as carnes arrepião,
Có temeroso estrondo.

Dos horridos ribombos, que afugentão
Aos seus covis os brutos espantados,
E os nadadores peixes ao seu centro,
Fugindo azilo buscam:

Milhões de Furias do profundo abysmo
Nas agitadas ondas transformadas,
Bem como ardentes legiões que animão
A' fervida peleja,

Nas duras rochas furibundas batem,
Volvem, desfazem rigidos penedos,
Entre bramidos e umas vomitando
Serras de raiva e espumas.

Que ora parece que escalar intentão
Os altos Céus, ou já com força incrivel,
Com rapido despenho revertendo
Até o Averno descem.

Aqui, aqui, ó barbara desgraça,
Que mal, que grande mal nos preparavas!
Se o Anjo Tutellar do Rio Negro
A Patria não salvasse;

A figura tomando de bom soldado
Depressa acode ao GAMA esclarecido,
Que a largos sorvos na funerea taça
Das Parcas já bebia

Graças te damos immortal Vicente,
Por tanto bem, mil graças te rendemos:
E tu, dos Luzos ó Rainha Excelsa,
De longe extende a vista.

Ao ver trabalhos, que por ti suporta
O melhor dos Vassallos, o mais digno
De sustentar a gloria do teu Sceptro
Em tão remotos climas;

Que a tantos males, e perigos tantos,
Se expõe por te servir unicamente,
E fasia ainda mais por teu respeito,
Se mais querer podesses;

Que descobertas uteis te offerecem,
Empresas que ainda aqui nenhum tentara,
Serviços d'alto preço se outro preço
Quizera de es ter feito.

No periodo aureo de 12 annos, da sua brilhante administração a capitania de São José do Rio Negro e a Barra, sua capital, floresceram e progrediram desassombradamente.

Foi isto que gerou a inveja no general D. Francisco Coutinho, e disse-o muito bem o poeta amazonense nos versos seguintes da Ode já citada, que se acha nas Obras Litterarias referidas antecedentemente.

Emquanto a baixa adulação, sem pêjo
Contrafazendo o rosto macilento,
Com vãos ornatos, com postiças cores,
Em publico se mostra;

Emquanto offerece corrompido incenso
Nas aras da forçada dependencia,
Com mão venal e torpes simulacros
Que vê que estão presentes;

Emquanto o vicio prostitue seu canto
O Vate indigno do sagrado Pindo,
Sacrilego turbando as puras agoas
        Da limpida Hyppocrene.

Eu celébro a Virtude, ao GAMA louvo,
Ella só, ella he digna dos meus versos,
Vamos sinceros corear de louros
        De hum digno heroe a frente.

. . . .

Somente do dever, e só da gloria
Os ditames escutas prompto, e docil,
Só buscas a Virtude, embora sejas
        Feliz ou desditoso;

Embora a vil desgraça te ameace,
Arreganhando os verdenegros dentes,
Crescem, soffrendo os furações de Eolo,
        Os corpulentos troncos

Aos grandes homens os trabalhos provão,
Só ao merito ataca a torpe inveja:
Mas, qual firme rochedo, o varão forte
        Despresa as furias bravas,

Do publico louvor a vós sincera
O vinga, o galardoa nobremente,
E do Principe justo a mão sublime
        Os premios lhe prepara;

Já por elle estimado, e divulgado
De hum modo singular, e relevante
Te entrega uma das Chaves, e a mais forte
        Do Paraense Imperio:

Já novos louros a colher te envia
De Matapi nos Campos, onde Marte,
Minerva, e Ceres justamente gratos
        Louvores te tributão.

O benemerito governador Gama Lobo estabeleceu na capital, villas e outras localidades povoadas da capitania, engenhos de moer canna e fabricar aguardente, mel e assucar; soques de arroz; padarias, açougues para talhar carne de gado vacum, procedente do rio Branco e do payares; noras para abastecer agua potavel; olarias para fabricar alvenaria e telhas e fornecer ás construcções; fabricas de velas de côra, extrahida virgem no Solimões; de cordoaria; de piassaba, cortada nos rios Uaracá, Preto, etc. no rio Negro; de anil e urucú de fiação e redes de algodão, curauá, tucum e mirity, de panno de algodão; serrarias braçaes; ribeiras para construcções de pequenas e grandes embarcações; pesqueiros privados para pesca de tartarugas, tracajás, peixe bois, pirarucús e outras especies de peixes para consumo na capitania, e de peixes salgados e em moxiras, piracui, manteiga dos ovos de tartarugas e azeites da banha de peixe boi, pirarara, raia, jacaré e espadarte, para exportação

Creou nos vastos e interminaveis campos do Rio Branco a industria pastoril, fundando com gado vacum de raça barroso e cavallar de raça arabe tres fazendas e as quaes por desidioso desleixo das suas administrações officiaes, confiadas a individuos incompetentes, sem escrupulos nem imputabilidade moral, salvo rarissima excepção, acham-se, senão já extinctas, com toda a certeza no mais lamentavel abandono.

Denominou-as São Bento, São Marcos e São José, occupando esta a superficie comprehendida entre o forte São Joaquim ao sul, a serra Acarahi ao norte, o Nhamundá a leste e o Tacutu a oeste, aquella entre o Uraricuera ao noste, Caiamé ao sul, rio Branco a leste e serra Parima ao oeste; e aquella outra entre o rio Uraricuera ao sul, serra Acarahi ao norte, Tacutu a leste e Pacaraima a oeste, para evitar maus vizinhos, que mais tarde prejudicassem o desenvolvimento de cada uma dellas.

Na capitania toda, em cada uma das suas villas e logares povoados, e nos rios, lagos, serras, mattas e campos, onde houvesse uma aldeia de indios missionada, encaminhando-se para a sua civilisação, elle, por ter conhecimento de visu da fertilidade e bondade das suas terras para a agricultura, animou e desenvolveu vantajosamente, em beneficio da população de cada uma das mesmas localidades em particular, e da capitania, do estado e da metropole em geral, a cultura das differentes qualidades de mandioca, batatas, carás, pimentas, bananas, amendoim ou mendobim, inhame, iuca ou macacheira, gergelim, ariá, araruta, limão, maxixe, cubiu, beringela, tomate, quiabo, jambú, vinagreira, carurú, pepino, couve, gengibre, arroz, milho, feijão, fava, ananaz, ou abacaxis, melão, melancia, jurumú, abobora, mamão, genipapo, fructa pão de massa e de castanha, goiaba, araçá, taperebá, tamarindo, cupuassú, abio, laranja, abacate, abricó, sapoty, sapota, ata, romã, cacau, café, canna, canella, pupunha, mirity, assahy, bacaba, guaraná, ipadú ou coca, baunilha, mamona, urucú, anil, curauá, tucum, tucumã, tabaco e algodão.

Todas estas plantas são uteis para o sustento e economia do homem e importantes e preciosas para o commercio, achando-se entretanto nas mattas sem cultivo e de vegetação espontanea um sem numero de outras que fornecem balsamo, resinas preciosas, páos de tinturaria, materias corantes, cascas para curtir couros, fructos saborosos, drogas medicinaes, fibras finissimas para artefactos e outras industrias, oleos e azeites, leites de valor inestimavel como os da seringueira, caoutchouc, curupita e massaranduba, e animam a indolencia em detrimento da lavoura.

Sobre o progresso da industria pastoril, manufactureira, fabril, extractiva e da agricultura, que Gama Lobo tanto impulsionou para a prosperidade da capitania do Rio Negro, como se acha descripto nas obras Litterarias já citadas e Ode referida nos versos seguintes:

. . . .

Ora inspirando o bellicoso genio,
Ora polindo barbaros costumes,
A abundancia levaste, a qual apenas
Lá te não vio, se ausenta.

Mas onde, aonde te detens, ó Muza,
Se em tão vasta carreira, a méta buscas?
Da Patria inda que rude, a voz suave
Já grata nos convida.

Vamos nella cantar Almada illustre,
E a lyra, a nova lyra fabricada
De hum tronco, que nascera nos seus bosques
Se bem que desditoso,

Qual devido tributo consagremos
No Theatro maior dos seus louvores
Ao genio Creador, que torna claras
Do Rio Negro as agoas:

Que os aridos desertos fertiliza,
Que promove a cultura de seus campos,
E dos seios profundos desentranha
Incognitos thezouros:

Olha longas campinas, que thé gora
Somente bravas feras habitavão,
De repente ó que bens aqui diviso!)
Cobertas de manadas;

Olha a madre commum agricultura
Como florece á sombra do seu braço!)
A industria, novas fabricas prodigios.
Quem póde numeral-os?

Como em tão breve tantas maravilhas
Fazer podeste! Mas as densas trevas
N'um momento dissipa a luz brilhante,
Faz tudo um grande Genio.

....

Eu vejo, eu vejo o Rio Negro ufano
Empolado e risonho despresando
Tardos soccorros, que fonte extranha
Pedia e supplicava;

Em si mesmo, eu no peito inexhaurivel
Do seu provido chefe agora os acha,
Vale mais que um thesouro um'alma grande
He GAMA o seu recurso.

Deu maior e mais intelligente impulso á manufacturação dos azeites de andiroba, mamona e de diversos peixes, do oleo da bacaba patauá tucumã, caihué, pupunha, umiri, piquiá, umari, anani, tamacuaré, amapá, mururé, e a do leite coagulado da seringueira, da manteiga de ovos de tartaruga, da mexira do peixe boi, tambaqui e tartaruga, do piracui ou farinha de peixes, farinhas de mandiocas, araruta e banana, do polvilho etc.

Desenvolveu a exportação para Lisbôa de todos os seus generos de producção agricola e industrial, fabril e manufactureira, bem assim dos de industria extractiva, abundantes nas florestas virgens, como já ficou dito, e bordam as margens dos innumeros rios e lagos bastantes proveitosos e uteis, e applicaveis aos diversos ramos que formam e enriquecem o mundo industrial, sendo delles os mais procurados a gomma elastica, salsaparrilha, cravo, cumarú, baunilha, oleo de cupahiba, piassaba, breu, puchuri, casca priciosa, umi-

ri, castanha, curauá, tucum, carajurú, anil, sumaúma, guaraná, tamacuaré, anani, etc.

Em 1827 a vista do augmento e progresso da exportação, que a extincta capitania do Rio Negro, juntamente com o Pará, já haviam extendido as suas relações commerciaes ás praças não só de Lisbôa e Porto, mas tambem ás de Gibraltar, Salem, Nantes, Liverpool, Londres, New-York, Alexandria, Barbados, Cayena, Maranhão, Ceará e Pernambuco.

Só a capitania do Rio Negro exportou sob a administração desse governador, de 1787 a 1797, por conta da fazenda real, 9.946 kilogrammas e 530 grammas de fecula corante de acil, e por conta de diversos particulares 10.817 kilogrammas e 345 grammas.

O valor da exportação, dos productos da capitania do Rio Negro, inclusive todo o Estado do Pará, foi de réis 286:085$618 em 1789 de......... 297:129$127 em 1796, de 343:672$853 em 1799, de 785:323$941 em 1806, de 578:928$575 em 1816, e de 452:715$633 em 1819, e quando passou aquella capitania a simples comarca do Pará, ainda a exportação attingiu a reis 488:253$758 em 1827.

São aptas as terras de Manáos, principalmente para o cultivo dos supramencionados generos agricolas e de outros muitos mais, provindos de outros paizes que facilmente podem ser aclimados.

No parque da Fortaleza, naquella epocha, estava erguida a matriz de N. S. da Conceição, que incendiou-se em 1851, achando-se ao lado occidental della o palacio de residencia do governador, ouvidor e vigario geral, com a frente para o rio e fundos para a rua dos Innocentes, depois denominada Demetrio Ribeiro e ultimamente formando o lado meridional da praça da Republica.

O logar da matriz hoje é praça Tenreiro Aranha e o do palacio foi vendido por ordem do governo imperial, em hasta publica, a Claudino José Velloso.

Levantado no centro da praça denominada, depois da quéda do imperio, Republica, houve um pelourinho, poste infamante, que em 1864, n'uma noite, a população demoliu, no lado meridional o edificio, onde foi estabelecida a fabrica de fiar e tecer panno de algodão, vendido em 1869 ao governo da provincia, que desde 1852, delle já se utilisava para cadeia publica e mandado demolir em 1906 pelo governador do Estado, para edificar um palacete, destinado á chefia de segurança publica; e no lado septentrional existe ainda o quartel, onde funcciona actualmente a secretaria e quartel general do chefe do 1º districto militar da Republica.

Na ilha de S. Vicente ainda está a enfermaria militar e na rua de Installação a extinta thesouraria de fazenda, hoje delegacia fiscal do thesouro federal, onde foi a fabrica de tecidos de panno de algodão fiação e rêdes de algodão, curauá, tucum e mirity, tendo sido o antigo edificio demolido em 1862, e reconstruido e concluido outro em 1866.

Na referida rua, do lado oriental, foi a fabrica de anil, sendo o seu velho edificio vendido em hasta publica pelo governo imperial a fulão Leite, ficando-lhe contigua a *casa da mulata*, conhecida por antonomazia *A Pobre Diabo*, principalmente no commercio, onde era taverneira. O comprador demoliu e no seu logar construiu dous armazens proprios para estabelecimentos commerciaes.

Na praça da Campina, vulgarmente da Polvora, hoje General Osorio, foi, no centro, construida a grande fabrica de cordearia de piassaba, e do lado do igarapé da bica o paiol de polvora do governo, no littoral, entre os igarapés do Espirito Santo, hoje avenida Eduardo Ribeiro e o da Ribeira, aterrado em 1869 para praça da Imperatriz, hoje 15 de Novembro, foi, no logar onde se acha erigida a igreja da Sé, cuja construcção se concluiu em

1874, a olaria, ficando-lhe do lado occidental, na cabeceira do referido igarapé da Ribeira, esquina da rua Brasileira, hoje Municipal, o grande estaleiro para construcção de pequenas e grandes embarcações.

Para poder levar a effeito todos estes e outros melhoramentos materiaes não se descurou da catechese e civilisação dos indios, promovendo o descimento delles do meio das selvas, quasi impenetraveis, que orlam os rios da capitania, estabelecendo-lhes aldeias com os necessarios confortos ás suas subsistencias e finalmente facilitando ás suas filhas o enlace matrimonial com o branco portuguez.

Os temidos, valorosos e bravos Mundurucús que ás outras nações selvagens ainda hoje incutem o temor, foram tambem retirados do estado inaccessivel, em que viviam embrenhados nas florestas, para o meio civilisado, onde conseguiam unir aos *carinas* as suas *cunhãs* pelos sagrados laços do casamento religioso da igreja catholica.

Igualmente civilisou muitas outras nações, submettendo-as á protecção das leis e do governo da Metropole, do Estado do Pará e da capitania do Rio Negro, e, sem violental-os, aos trabalhos uteis e proveitosos a ellas mesmas, principalmente na extracção dos productos naturaes e espontaneos, que formam e enricam a floresta em toda a Amazonia, na pesca, nas industrias manufactureiras de differentes fabricas, no arroteamento das ferteis, e uberrimas terras das aldeias por ellas povoadas, na cultura de plantas preciosas e aproveitaveis á alimentação, á luz, artes e officios, ás industrias manufactureiras e ao commercio.

Relativamente ao serviço prestado pelo governador Gama Lobo á catechese e civilisação dos indios, nas já citadas Obras Litterarias, do mesmo autor, lê-se na referida Ode os versos seguintes:

....

Porem que grande inopinada scena
Se mostra agora aos olhos meus suspensos,
Que immensa multidão surgindo vejo
Desses sombrios bosques?

Dos montes descem já cobrindo as praias
Mil corpulentos vultos belicosos,
De tangas, de penaches adornados,
E de urucú tingidos.

Que a brutal desnudez pouco desfarçam,
Onde he somente natural o pejo,
Os mais barbaros incolas do globo
Que cria a zona ardente,

O Mudurucú feroz que todos temem,
E só de ouvil-o fica o Mura frio,
A' guerra ousado, e ao sangue, que derrama
Dos craneos em que bebe;

Quaes ferozes Humanos innudando a terra,
Ou como alluvião de grandes agoas,
A' toda a parte, em todo o tempo levam
O susto, o terror e a morte:

Mas já deixada emfim a atrocidade,
Manáos, meigos vejo vir chegando
E as taquaras fataes, ervadas sétas,
As massas e os carcazes.

Aos pés depor com reverente aspeito
Do claro heróe da America, do forte,
E raro vencedor, que a Ley lhes dicta
E as almas lhes vencera:

As almas que tegora não poderão
Indomitas soffrer extranho jugo,
Olhando com rancor ha trinta lustros
As Quinas Sacro Santas;

Já sobre as mãos eterna paz lhe jurão
Leal obediencia, e só por elle,
Por seu respeito, perdoar promettem
A' toda especie humana.

A fatal e implacavel morte, roubando os preciosos dias de existencia ao governador Gama Lobo, causou á florescente e prospera Capitania do Rio Negro um verdadeiro e deploravel desastre.

Inevitavel deveria ser a sua decadencia, como infelizmente succedeu, porque o finado sempre em todos os seus actos, quer publico quer privados, revellou-se um genio.

«Verteu a vida, diz Baena no Compendio das Eras da Provincia do Pará, edição unica, já exgottada, de 1838, como mestra do seu grande caracter e christandade em 27 de outubro (1799), o governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo da Almada, Brigadeiro de Infanteria. Seu corpo desceu ao feretro, e a terra cobriu o cadaver de um varão egregio, que na qualidade de governador de Macapá, e na de commandante do alto Rio Negro, e na de governador e commissario das demarcações da Capitania do Rio Negro praticou serviços proprios de quem era dotado de um espirito capaz de conceber grandes projectos e da constancia necessaria para executal-os com firmeza. (1).

Em 26 de março de 1804 propõe o governador do Estado do Pará, dlom Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, ao ministro dos negocios ultramarinos, para governador do Rio Negro o coronel de engenheiro José Simões de Carvalho, leal companheiro de Lobo da Almada nos importantes serviços de levantamento de cartas geographicas dos rios Negro, Branco, Uaupés, Japurá, e outros da Capitania, e aproveitando a opportunidade pede que «torne a ser mudada da villa de Barcellos a capital para a Fortaleza da Barra, conforme resa o officio da referida proposta, cuja posição central, sendo sempre julgada a mais apropriada para as capitaes, aquella particularmente o é por se achar na confluencia dos dois rios Solimões e Negro, donde por isso é facil partir e acudir qualquer das fronteiras notaveis».

---

(1) Seu corpo foi dado á sepultura na villa de Barcellos

O proprio Conde dos Arcos, na sua citada peça official, referente a Gama Lobo disse: «Razões que me são desconhecidas, mataram em flor as mais bem fundadas esperanças de grandes vantagens, que já principiavão a apparecer em consequencia do prudente systema e judiciosa ordem daquelle honrado governador, e reduzirão esta Capitania ao presente estado». (2)

Logo em principio do seculo XIX experimentaram os habitantes da Capitania a necessidade de um governador capaz de honrar a memoria de Gama Lobo, salvando-a da mais desastrada e desoladora decadencia para qual a passos accelerados caminhava.

Quiz impedir-lhe os passos o emerito Conde dos Arcos, governador do Pará, obtendo como obteve a nomeação de José Simões de Carvalho, que seria outro Gama Lobo, mas infelizmente a morte suprehende-o já em viagem com destino a assumir o exercicio do cargo, estando em villa Nova da Rainha, hoje Parintins.

Assim, de novo ficou desolada a Capitania, por falta de quem a governasse, inspirando no dever e na justiça, verdadeiros elos que unem a benemerencia ao amor da patria, naquelles a quem são confiados os destinos do povo de um paiz conquistado, como era então toda a Amazonia.

Antes de Simões de Carvalho, em 1801, já tinha estado interinamente no governo José Antonio Salgado e depois do fallecimento daquelle, foi nomeado em 1805 José Joaquim Victorio da Costa.

Apezar de habilitados tanto um como outro, a Capitania nunca mais deteve a sua carreira no plano inclinado da sua decadencia.

Peior tornou-se após da independencia e do imperio do Brasil, passando de provincia a simples comarca.

Minoraram-lhe a sorte a lei de 5 de setembro de 1850, elevando-a á Provincia, e depois a sua inauguração em 1 de janeiro de 1852 e a sua navegação fluvial a vapor, em 1853, estabelecida entre Belem e Manáos, com escala por Breves, Gurupá, Prainha, Santarem e Obidos, no Pará, Villa Nova da Rainha, ora cidade de Parintins, Serpa que se denomina hoje Itacoatiara, no Amazonas; e de Manáos a Santa Izabel, velha, no Rio Negro, com escala por Tattapessassú, Ayrão, Moura, Carvoeiro, Barcellos, Moreira e Thomar; e á Nauta no Marañon, fazendo escala por Manacapurú, Coari, Teffé, Fonte Boa, Tonantins, São Paulo e Tabatinga, no Brasil, Loreto, Pebas e Nauta, no Perú. Tudo isto impulsionou-a na senda do progresso, melhorando as condições lamentaveis de abandono em que se achava a extincta capitania do Rio Negro que lhe auguravam desolação egual a da suas innumeras, sombrias e tristes taperas.

---

(2) As razões desconhecidas pelo Conde dos Arcos *foram as suggeridas* por dom Francisco Coutinho ao seu irmão dom Rodrigo Coutinho, ministro dos negocios dos dominios transmarinos, e a sua resultante, provinda de perfida inveja que lhe corroia a alma por não poder competir em relevancia de serviços, virtudes civicas, caracter e genio creador, que distinguiram e elevaram a Gama Lobo no conceito da soberana de Portugal, principalmente de toda a população paraense.

Foi peior o injurioso e calumnioso aviso de 17 de julho de 1797, prescrevendo-lhe «que não faça a real fazenda contractadora, por que essas operações a depauperam, *e que não procure enriquecer-se no seu cargo, como têm feito muitos governadores*.

Finalmente tambem o acintoso aviso de 3 de Agosto de 1798 dizendo-lhe «que não podia mudar a capital como já tinha feito desde 1791, da villa de Barcellos para a fortaleza da Barra, sem ordem prévia do governador do Pará» pelo que em Maio de 1799, tornou a capital a volver daquella villa.

II

Maria Barbara (a)

No Estado do Gram-Pará e Rio Negro, sob a administração de Martinho de Souza e Albuquerque, moço fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Malta e coronel de infantaria do exercito, que começou aos 25 de março de 1783, nasceu a mameluca Maria Barbara.

No archivo da archidiocese deste mesmo Estado devem estar recolhidos os livros de assentamento do seu baptismo e do seu casamento, pelos quaes se poderá verificar os nomes dos seus progenitores e a data do seu nascimento.

Tambem devem constar dos autos crime, archivados no cartorio do escrivão respectivo e dos seus traslados no Tribunal da Relação do districto, que era em S. Luiz do Maranhão, do processo do seu assassinato, inculpado sem testimunha de vista, mas *por indicios vehementes*, vulgarmente conhecido pela alcunha «Piauhy», individuo mal encarado, de côr negra e de conducta reprehensivel, se ainda as traças não consumiram ou mãos destruideras não os desencaminharam como os dos archivos publicos do Estado, do Municipio e da Misericordia, de indisputavel importancia historica das cousas e pessoas do Pará.

Nestes autos encontrar-se-ão o verdadeiro nome do assassino, o do soldado, marido da victima, a data e a discripção do crime e dos seus pormenores.

Se não tiverem tido o mesmo fim dos documentos que venho de mencionar os livros Mestres do regimento de Macapá, dos archivos militares, da Bibliotheca Nacional e Torre do Tombo de Libôa e Rio de Janeiro, num destes achar-se á o assentamento de praça do mesmo soldado.

A falta desses documentos não apagou, através de um seculo, a memoria do terrivel facto do assassinio dessa mulher do povo, que se notabilisara, preferindo a morte a manchar a honra conjugal.

Quem é Maria Barbara, a mameluca mulher do povo, casada com um soldado do regimento de Macapá e onde tivera o seu berço e quem foi a sua educadora, presentemente ninguem saberá dizer, senão depois de haver lido as «Obras Litterarias» de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, poéta paraense, nascido na villa de Barcellos, antiga capital da capitania de S. José do Rio Negro, a 4 de setembro de 1769, edição de 1850, Pará, typ. de Santos & Filho e reeditada pelo governador do Amazonas, José Cardoso Ramalho Junior, e impressa na typographia da Companhia Nacional Editora, Lisboa, anno de 1899, quanto ao facto de ter existido a mameluca Maria Barbara, paraense, notavel por preferir heroicamente no caminho da «Fonte do Marco», em Belem, a morte a deixar-se deshonrar.

Tambem no livro «Primeiras Paginas», por José Verissimo, edição de 1878, impresso na typ. Guttemberg, sob o titulo «A mameluca», lêm-se paginas admiraveis quanto a esta raça, o logar que lhe serviu de berço, o seu caracteristico, e seus costumes, os seus usos e a sua moral.

(a) Publiquei em Belem na «Folha do Norte» em 27 de Maio de 189[illegible].

Este notavel escriptor paraense, natural da cidade de Obidos, situado na Goyana Brazileira Oriental, á margem esquerda do Amazonas, proximo da embocadora do Trombetas, que lhe fica ao occidente, refere sobre as mamelucas, á pagina 121 da sua citada obra, parte «Quadros Paraenses», capitulo VI, com o titulo «A Mameluca», o seguinte: «Era um typo do povo paraense, que vae, infelizmente, na opinião de muitos, desapparecendo, ou pelo menos perdendo a sua originalidade. A mameluca nasceu do sangue tupy e do portuguez.

A's paginas 122 e 123 descrevendo o seu typo, diz: «Como é formosa! É mais baixa do que alta, morena e sempre pallida, tem os olhos negros, profundados a nadarem em um fluido amoroso, corôados por sobrancelhas negras, levemente arqueadas: os cabellos são negros tambem, ás vezes ondeados, ás vezes não; o resto é redondo; a testa curta; o nariz bem feito, mas ligeiramente chato na extremidade, com duas azas que titilam quando o prazer a commove, dentes apontados, alvos, fortes, covinha nos cantos da bocca pequena, e engraçado pescoço curto, mas bem torneado.

«O collo—cumpre notar—é sempre bello e majestoso como o do cysne, onde no meio duas linhas puras se vão arredondando, deixando adivinhar uns seios de uma admiravel pureza de contornos, que a cassa fina da parenda camiza—como diz Baena—mais sombreia do que occulta.

«A cintura grossa, sem ter elegancia e flexebilidade da parisiense ou da andaluza pela completa liberdade em que cresceu, dá ao corpo esbelto como a palmeira a cuja sombra nascera, essa forma lasciva das mulheres do oriente.

«O pé pequeno e bem feito, como o do indio seu progenitor, calcando petulante a lama de que abundam as ruas desta boa cidade de Belem, deixa advinhar a belleza das columnas de que são base, como diria um elegante do seculo dos seiscentos.

As paginas 125 e 126 continuando essa descripção, diz: «Onde nasceu? Ella não sabe.

«Tem vagas reminiscencias de uma casa, humilde ou opulenta, conforme sua mãe foi criada de alguem ou não; lembra-se de uma rua onde folgava em companhia de raparigas e rapazes da sua idade, onde brincava com bonecas, junto com uma menina feliz e rica que hoje é moça e bonita como ella.

«Outras vezes não conhece mãe. Nem pai tambem. Tem a felicidade de ser desgraçada».

As paginas 127 e 128 ainda descreve: «De que vive? Ora trabalha, ora vive de amor como o colibri vive das flores. Se trabalha faz cheiro, cose, lava,—e como lava bem!—e vende doces na festa de Nazareth.

«Fazer cheiro é uma industria paraense e das mamelucas.

«Consiste em raspar em uma lingua de pirarucú a periperioca, aratassiú, a casca preciosa, o louro amarello, e outras cascas e raizes odorosas, misturar estes pós todos e a esta mistura ajuntar petalas de jasmins, de rosas ramos, de mangerenas e outras flores; este é o cheiro.

«Mettidos em pedaços de papel dobrados em meios circulos ou triangulos e, em pequenos balaios, são levados a vender pelas ruas, custa um vintem cada papel de cheiro.

«Assim vive a mameluca entre as quatro melhores cousas do mundo: perfumes e amores, doces e flores.

Maria Barbara seria um typo identico ao descripto por José Verissimo, pois era mameluca, nascida... talvez em Cametá, numa casa opulenta dos senhores dos seus ascendentes antes da Lei aurea de 6 de junho de 1755, do soberano de Portugal D. José I, que o immortal Marquez de Pombal mandou dar execução no Pará por seu irmão Francisco Xavier de Mendoça Furtado, governador, capitão-general do Estado do Maranhão e Gram-Pará, or-

demando ao mesmo tempo ao bispo da diocese para mandar publicar e executar a bulla pontificia que, antecedente áquella Lei, liberta os indios do vil e miseravel jugo da escravidão.

A sua progenitora já nascera livre, tendo por madrinha a filha da sua *ex-sinhara*. Aos 16 annos teve do seu proprio *ex-senhor* ou de um dos senhoresinhos Maria Barbara, que uma das filhas ou irmãs do pai a tomara para afilhada e a *ex-sinhara* da sua avó para sua cria, dando-lhe a mesma educação que naquelle tempo os paes costumavam dar as filhas: ensino de prendas domesticas, e pratica de moral, de religião, de respeito e amor á familia, com exemplos para a encaminhar na trilha da virtude, do pudor, da verdade e da honra. Só não lhes davam *mestras* para ler e escrever, porque temiam que as leituras de maus livros as desviassem dos seus deveres e da moral.

Maria Barbara é pedida em casamento por um soldado de boa conducta e de irreprehensivel disciplina, do regimento de Macapá, casa-se e para ajudar o seu marido nas despesas do casal faz-se lavadeira.

Esta mulher do povo e o seu marido, comquanto pobres, pertencendo a camada inferior da sociedade, julgava-se tão feliz como a mais rica herdeira paraense.

O illustre litterato brasileiro Joaquim Noberto de Souza e Silva, em 1860 publicou *Brazileiras Celebres* e o conego Fernandes Pinheiro, em 1868 *Lembranças e curiosidades do Amazonas* e quer esta obra como aquella outra, tratam de Maria Barbara, fazendo o historico do heroismo com que essa mulher do povo affrontava o seu assassino, em defesa da sua honra, sem mencionarem o facto de ter subido os degraus da forca e sido nesta enforcado por erro judiciario, como auctor do barbaro attentado contra a honra e a vida dessa Lucrecia mameluca paraense, que preferiu a morte á deshonra, o ex-soldado conhecido pelo nome de *Piauhy*, pardo e mal encarado.

Este infeliz condemnado, quando subia aquelles funestos degraus, voltando-se para o povo que assistia o triste espectaculo da execução desse assassinato legal, com a voz firme e estentorica, declara: «Vou morrer innocente . . . Maria Barbara não foi morta por mim; Deus de quem invoco o testimunho sabe que falo verdade, e que vou padecer e morrer por outras culpas mas por esta».

. . . .

Assim terminou os dias de sua existencia o infeliz *Piauhy*, patibulado por um crime que não praticara, por sentença de juizes criminaes, faceis e falliveis de errar em julgamentos fundamentados em indicios suggeridos por clamores do povo, que nelle via espavorido um facinora, por ser mal encarado e desordeiro!...

Entretanto, ainda não havia decorrido muito tempo de acontecido *assassinato* legal de *Piauhy*, por sentença condemnatoria á pena de morte, quando o cura dalmas da parochia de Serpa, que passou a ter em 1874 o nome de Itacoatiara, do Estado do Amazonas, é mandado chamar com instancia para ouvir em confissão um cabo de esquadra do destacamento daquelle logar, que accommettido de febre já o consideravam moribundo.

Ouvindo-o, aconselhou-o para poder lhe dar absolvição e a communhão, que tornasse publica a confissão que vinha de lhe fazer de ter sido o assassino da mameluca Maria Barbara e o motivo que o levara a praticar o crime e a heroica resistencia que a victima fizera, defendendo a sua honra.

Esta brasileira celebre, natural do Pará, mameluca, mulher do povo casada com um soldado, e de nome Maria barbara, foi perseguida no ermo caminho da fonte do Marco por um cabo de esquadra do regimento do seu marido, da mesma sorte que Tarquinio perseguira a formosa Lucrecia para

satisfazer desejos bestias, que lhe excitava a presença della, e morrendo como esta em defesa da sua honra.

Esta tragica historia occorreu com todos os pormenores circumstanciadamente supramencionados, nos governos dos capitães generaes D. Francisco de Souza Coutinho, D. Marcos de Noronha e Brito (Conde dos Arcos) e José Narciso de Magalhães de Menezes ja no seculo XIX.

Aos meus 8 annos de edade, em 1849, ouvia eu esta historia, narrada por minha querida avosinha Rosalina, viuva do meu avô Bento, fallecido em 11 de novembro de 1811, progenitores do meu pae João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que editou em 1850 *Obras Litterarias*, impressa na typographia de Santos & Filho, e dedicou ao Imperador D. Pedro II, contendo diversas poesias dramas lyricos, discursos em prosa, resto do que meu avô produzira, encontrados esparsos em diversas mãos, pois a collecção completa desses seus trabalhos litterarios, formadas com copias authenticas perderam-se num naufragio defronte do Pinheiro, em 1832 e os originaes desappareceram entre as ruinas da sua casa, na Memoria, em 1835 a 1838.

Ainda no anno de 1858, aos meus 17 annos de edade, meu pae leu-me todo o historico da morte de Maria Barbara, nos termos que acima menciono

Antonio Ladislau Monteiro Baena, escrevendo para o Instituto Historico Brazileiro a biographia de Bento da Figueiredo Tenreiro Aranha, e achando-se esta incluida na «Obra Litteraria», diz a pagina 11 o seguinte:

«Das poesias manuscriptas, dramas, cantatas, idyllios, sonetos, etc., só escaparão a voracidade do descuido huma ode pindarica ao governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo de Almada, e hum soneto á mameluca Maria Barbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá cruelmente assassinada no caminho da fonte do Marco, por não querer adulterar, e he o seguinte:

«Se acaso aqui topares caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

«Dize-lhe que de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feo ao corvo altivolante:

«Que d'um monstro inhumano lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte,
Porém que allivio busque á dor amara,

«Lembrando-se que teve huma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.»

Este soneto immortalizando a mameluca paraense Maria Barbara, mencionada por Joaquim Noberto entre as «Brasileiras Celebres» no anno de 1860, recommendou o seu nome tambem á posteridade, como primeiro poeta paraense e á admiração dos homens de lettras essa sua primorosa e onomatopaica producção poetica!

Desta maneira corrijo e completo o historico da vida e morte de Maria Barbara com os pormenores do erro judiciario da sentença que levou á forca o innocente *Piauhy*, accusado como auctor do assassinato daquella paraense celebre e da confissão publica, em Serpa, do cabo de esquadra, quando já se achava nas agonias da morte, proveniente de cruel enfermidade, de ter sido elle e não *Piauhy* o assassino da casta mameluca, que por honra da fé que jurara ao seu consorte, á mancha conjugal preferiu a morte.

Bento de F. Tenreiro Aranha

Faro

(Contribuição do Instituto Historico e Geographico do Pará)

Lenda—Ninguem, talvez, ignore que a lenda das Amasonas teve origem no rio Nhamundá, a cuja margem esquerda está situada a cidade de Faro.

Berrêdo, nos seus ANNAES HISTORICOS, logo no começo da obra, paragrapho 67, falando da viagem do transfuga Francisco de Orellana, affirma, como cousa certa, a existencia dessas mulheres guerreiras, semelhantes ás antigas Scythas que tiveram o seu logar na historia.

«Com huma acção tão feia—diz o nosso grande historiador—se dispoz (Orellana) com tudo para outras de differente semblante; mas hião-lhe sahindo tão custosas, que nos desembarques, que fasia obrigado da necessidade, ATÉ NAS BARBARAS MULHERES ACHAVA OPPOSIÇÃO, e ordinariamente a mais guerreira; motivo porque dando-lhes o CELEBRE NOME DE AMASONAS, o tomou logo dellas aquelle grande rio chamado do Maranhão».

Depois, ainda, Berrêdo, no seu estilo empoladissimo e confuso (soffria elle a influencia de Gongora) descrevendo a tornaviagem de Pedro Teixeira, parece já não dar credito á veracidade das narrações. E' assim que (paragrapho 731) diz gongoricamente:—«Pouco adiante do Saracá, correndo para a banda do Norte, passou a Armada a bôca do rio Atumã, e com mais hum dia de viagem a dos Jamundases, ambos tão abundantes de páo cravo, como de gentilismo.

«NESTA ALTURA SE DEIXOU PERSUADIR A SINGELEZA DO PADRE CUNHA (que tambem segue a do Padre Manoel Rodrigues) de varias novellas suggeridas todas por huns chamados Indios Tupinabases (que naquelle tempo só tinhão corpo grande no decantado rio dos Tocantins e visinhanças do Grão-Pará) e foram ellas as mais encarecidas a da formosa Ilha, que intitulavam sua e das HEROINAS DO FAMOSO RIO DAS AMASONAS, celebradas com o mesmo apellido, segunda Ave Fenix das nos-

sas idades para todos aquelles que caprichosamente quiseram impugnar a sua verdadeira etymologia na navegação do Capitão Francisco de Orelhana, referida já no logar a que toca».

O Padre Cunha (Christovam da Cunha) foi companheiro de Pedro Teixeira, tendo sido, em Quito, encorporado á sua expedição; e o Padre Manoel Rodrigues é autor da obra MARAÑON Y AMASONAS.

Crente ou descrente, Berrêdo, o que é certo é que a narração das mulheres guerreiras (ENCAMIABAS) encontradas no Nhamundá por Orellana ganhou por toda a parte, Europa inclusive, fóros de verdadeira.

O Padre Luiz Figueira, o grande apostolo do gentilismo, que foi, no Ceará, companheiro de Frei Pinto (PAE PINA dos indios cearenses trucidado na Ipiapaba) e que, veio, por sua vez, a ser trucidado em Marajó, depois de um naufragio, na sua RELAÇÃO DO MARANHÃO, escripta do Ceará em 1608, assim, convictamente, falava da apregoada historia das Amasonas:—«O Sertão hé mui grande e tem infinidade de gentio; o Rio a q' chamam das Almasonas tem a boca debaixo da linha equinocial e tem muitos e grãdes ilhas, as quais todas estão povoadas das Almasonas, as quais Almasonas são mulheres q' não admitem cosigo homens, senão em certo tempo para effeito de se multiplicarem, e logo os lāçam fóra e depois parindo filhos machos os comem e cõservam as femeas; são guerreiras e caçadoras, e engenhosas de mãos p. faserem rêdes mt^s. lavradas e tãbem seus arcos todos são pintados; assi ellas como o mais gentio usão todos a mesma lingua comua do Brasil—estão nestas duas partes ou portos náos francezas assaber, no rio do maranhão a q' os indios chamam Tupurueú e no das Almasonas q' dellas tem o nome.

«O trato destes em madeira preciosas e páos de tintas, pimenta, Algodão, fio e rêdes, passaros e bichos e em particolar he grande fama q' tem trato de prata cõ as Almasonas, q' parece tem minas dellas a troco da qual lhe dão ferramentas, vestidos e as ensinão a usar de arcabuses.

«Tudo isto me consta p. varias informações de Indios q' lá foram em varios tempos cõ quem falei, algus dos quais affirmão o q' viram, outros o q' ouvirão a seus parentes».—

No Ceará, pois, naquelle tempo (1608) a noticia das Amasonas era que todo o rio estava dellas povoado, quando, segundo Berredo, foi ao chegar á região do JAMUNDASES, que, sobre o caso, «se deixou persuadir a singeleza do Padre Cunha».

Ainda sobre o assumpto transcrevemos de um celebre Roteiro da bibliotheca do mallogrado Dr. Paes Barreto os seguintes paragraphos:

«Na bocca deste rio Nhamundá se diz que fôra Francisco de Orellana accommetido por aquellas Mulheres a que chamam Amasonas e deram o nome ao Rio, das quaes se conserva uma constante tradição entre os Indios, posto que confusa em al-

gumas circumstancias. Os mais delles affirmam que depois de algumas transmigrações se internavam as Amasonas no Rio das Trombêtas, declarado em 61.

« Vicente Maria Cornelli, no seu Attante venêto, dá por fabulosa a similhança das Amasonas Americanas com as Asiaticas, na circumstancia de não admittirem varões na sua Republica, e buscarem fóra della os extranhos em determinado tempo do anno, para se fecundarem. E só tem por certo que em um desembarque, que fez Orellana nas ribeiras do Rio Amasonas, o accommetteram os Indios do Paiz, vindo entre elles juntamente as Mulheres armadas em guerra. A favor delles está a opinião commum que teve origem e subsiste desde que Orellana navegou por este grande Rio, como se pode ver largamente na Demonstração critico Apologetica do theatro critico universal do doutissimo Feijoo, escripta pelo Mestre Fr. Martinho Sarmento, e na Illustração Hipologetica do mesmo Feijoo, do 1.º e 2.º tomo do seu Theatro critico, discurso 16.

No abono da infallivel verdade da Historia e tradição delle. Persuado-me comtudo, que se não pode negar sem temeridade, um facto historico attestado por Francisco Orellana e por todos os Soldados de sua comitiva e Armada, justificado solemnemente na Audiencia Real de Quito e na Cidade de Pasto; conservado na memoria dos Indios por participação dos seus maiores nos Dominios de Portugal, Hespanha e França; sendo bem inverosimel, que não tendo elles noticia das Amasonas Asiaticas, conspirassem casualmente para uma fabula revestida das mesmas circumstancias; um facto emfim, que não encontra difficuldade maior que prudentemente o dissuada; pois nenhuma ha que se opponha invencivelmente a existencia da dita Republica, ou presente e actual; ainda que se não saiba della; por se não ter penetrado o interior de todos os Sertões; ou passada, e já agora extincta; ou porque vencida a Republica por outra Nação de Indios, perdesse o seu antigo costume debaixo de um Dominio extranho; ou porque reduzido a menor numero de individuos, por causa de guerras e largas peregrinações admittio voluntariamente homens na sua sociedade; como discorre Mr. de Condomine no Extracto do Diario de sua Viagem pag. 58. »

Graphia e Phonetica — De varias formas costumam os escriptores e cartographos graphar e pronunciar o nome deste rio: JAMUNDÁ, YAMUNDÁ, NHIAMUNDÁ, NHANDÁS, E NHAMUNDÁ.

A diversas velhinhas, filhas da região e conhecedoras da lingua geral, temos, com toda attenção, mandado pronunciar o vocabulo, e, auscultando-lhes a pronuncia bem caracteristica e accentuada, vimos que somente com o grupo syllabico NHA se poderá graphar o termo.

A verdadeira graphia deve, pois, ser NHAMUNDA', aliás a mais corrente.

Ethnographia indigena—Os indios que habitavam o rio Nhamundá, ou antes, os da região onde foi localisado Faro, quer á foz do Tauaquéra, quer mais abaixo, onde permaneceu até hoje, foram os UABÕIS.

Os Nhamundases—se houve indios com tal nome—deveriam estar estabelecidos mais proximo do Amasonas, para assim poderem ser conhecidos dos primeiros navegadores. Não ha noticia delles, mas é presumivel haverem existido, uma vês sabido que os rios e logares tomavam sempre o nome das tribus que os habitavam. No entanto Barbosa Rodrigues affirma que o nome JAMUNDA' é o do chefe dos UABÕIS, o qual viéra do rio Trombetas. Pedro Teixeira e o padre Cunha, como se vê de Berredo, depois de tocar no Atumã chegaram «A' BOCA DOS JAMUNDASES; a tribu Uabõis até hoje é tida em noticia dos habitantes do logar:—como poderiam, pois, subsistir o nome do chefe e ao mesmo tempo o nome da tribu?

Neste caso, como solucção da hypothese, seria que "Nhamundá" é, somente, o nome do Rio, não havendo tribu alguma com tal denominação. Barbosa Rodrigues, ainda mencionando as outras tribus da região, só fala nos CUMIRIS, XERÉNAS E PARACUATA'.

O conego Francisco Bernardino menciona, tambem, as seguintes tribus feroses das cabeceiras do Nhamundá—PARIQUIS, TUGARIS E GUACARIS.

De tres annos a esta parte, os nossos seringueiros, transpondo a cachoeira do "Fumaça" e muitas outras mais, entraram em communicação com os selvagens que os receberam muito amigavelmente. Mas não dão noticias de tribus com taes nomes.

As primeiras malocas são das tribus URUÁS E MOARYS Tem estes indios, como todos os demais, um verdadeiro terror pelo nome de Faro, onde foram outr'ora tão rudemente tratados pelos frades. O anno passado o seringueiro Carlos trouxe em sua companhia dois indios, marido e mulher, o que conseguiu com muito custo—mas lhes affirmando que iam para Parintins, que conhecem de nome.

Ao chegarem em frente da cidade exclamavam admirados:—"Parintins bonito"! "Parintins bonito"!

O "Almanaque Brasileiro Garnier" de 1914, transcreveu,—aliás sem publicar o nosso nome—parte dos subsidios que na "Folha do Norte" haviamos publicados sob o tituto—"INDIOS DO TROMBETAS E NHAMUNDA'".

Sobre a linguagem de taes indios é a primeira contribuição que se traz a publico.

Nós a reprodusimos aqui:

—O rio Trombetas desagua pouco acima da cidade de Obidos e o Nhamundá banha Faro—o ultimo municipio paraense limitando com o Estado do Amasonas.

Ambos estes rios correm na mesma direcção, desde as suas origens desconhecidas, até o rio Amasonas. Vêm ambos

dos contrafortes das serras que limitam o nosso paiz com as Goyanas Hollandeza e Ingleza, ou somente com uma destas—cousa que falta conhecer. Os indios dão noticias de uma cidade de homens ruivos e olhos azues, com os quaes, ha tempos negociavam, trocando objectos de sua industria por ferramentas e contas de vidrilho com que se enfeitam.

A cidade, contam elles, fica alem de um grande rio. Elles accendiam fogueiras dando signal de sua chegada—em cuja viagem gastavam mais de um mez—e de lá vinham, em canôas os negociantes conhecidos faser a permuta. Mas taes negociantes começavam a abusar, tomando creanças e "cunhatãs" que acompanhavam os viajantes indigenas, e os indios, por esta rasão, deixavam de lá voltar. Esta historia contam os indios do Trombetas e do Nhamundá, indios das primeiras tribus já relacionadas com os nossos seringueiros. O nome de tal cidade e de tal gente não nos souberam dizer. Antes que nos esqueçamos, queremos prevenir ao leitor de que é preciso conhecer o modo de viajar dos selvagens, para poder comprehender ou avaliar, mais ou menos, o que seja:—UM MEZ DE VIAGEM ENTRE ELLES.

E' bem verdade que os seus caminhos são os mais proprios e os mais curtos que se poderão encontrar, pelo conhecimento que têm da região e dos seus accidentes geographicos e ainda pela direcção precisa dos pontos demandados. O engenheiro, que quizer abrir caminho nas nossas mattas e que não se valer do conhecimento pratico do indio, ha de encontrar, necessariamente, as maiores difficuldades a vencer.

Ainda assim, a "viagem" de "um mez" entre elles deve ser reduzida a algumas poucas horas no dia. Os indios em marcha só viajam pela manhã, até a hora do almoço que condusem "mochilado" ou que vão procurar em caçadas. O resto do dia passam, ou caçando, ou descançando, a dormir. Si assim fazem todas as tribus, não o sabemos, mas da que tratamos, foi esta a informação que tivemos. Achamos, porem, que o habito é generalisado.

No municipio de Obidos, no tempo da escravidão, os escravos que fugiam ao latego do senhor, fizeram "quilombo" na região deserta do rio Trombetas, a qual, naquelle tempo, ficava proxima ás primeiras cachoeiras do rio.

Estes escravos fugidos foram os primeiros a tomar conhecimento com as primeiras tribus. E não só fiseram conhecimento como se fundiram ás mesmas, realisando um cruzamento de raças e uma verdadeira absorpção de linguagem. O maior numero predominou nesta amalgama; o indio absorveu o negro; absorveu-o na raça e na lingua, como ficou dicto. Hoje se encontram, nas primeiras malocas, typos representando as duas raças e com signaes bem caracteristicos e pronunciados do africano, mas não se encontra na linguagem nenhuma phrase do portuguez. Na sua linguagem, como unico vestigio da nossa, só encontramos a palavra "papae" significando pae.

Traduzindo o vocabulo "mao" elles têm a encantadora expressão "mimi", que não nos parece originaria da nossa lingua.

Os indios do Nhamundá encontrados, tambem, acima das primeiras cachoeiras, têm idéa remota dos frades do primeiro aldeamento feito na fóz do Tauaquéra, affluente deste rio, em frente da serra do Cópo. Esse aldeamento foi a primitiva villa de Faro, transferida, depois, pelos mesmos frades, mais para baixo algumas horas de viagem, devido, talvez, á sécca do rio e difficuldades de navegação. Elles falam, em giria, do primeiro aldeamento do Tauaquéra, e para exprimir a palavra frade ou cousa equivalente, fazem um signal em roda da cabeça, significando ausencia de cabellos, e demonstram por gestos e por palavras grande repulsa por semelhante gente. Os frades alli, deixaram, sem duvida, má tradição, que tem sido conservada atravez de gerações de mais de um seculo. Nós não queremos, com esta informação, tomar partido na discussão que se aventou de ser a catechese dos nossos aborigens, religiosa ou não. Achamos que o espirito ou desenvolvimento intellectivo dos infelizes habitantes das selvas não comporta os resultados praticos dos transcendentaes problemas philosophicos ou religiosos.

O indio adulto não se civilisa, amansa ou domestica como qualquer animal. A educação, porem, que se dava á creança, ao filho das tribus domesticadas é, ainda, a nosso ver, um problema a resolver no futuro.

Os indios de que tratamos já têm em gráo bem desenvolvido o sentimento do commercio; quer dizer—da permuta ou troca.

E' um sentimento este que deve ser cultivado pelos colonisadores officiaes do nosso governo, afim de que sendo difficultada a acquisição gratuita das cousas de que mais elles precisem ou desejem, não caiam na preguiça ou na falta de estimulo para o trabalho.

E' um ponto este de grande importancia, pensamos, no trabalho official de pacificação ou domesticação das tribus.

Tão acostumados estão no commercio da permuta, que não dão gratuitamente, sem retribuição immediata, uma simples flexa ou um objecto qualquer do seu uso.

Si o fazem, querem receber um terçado, contas, espelhos, etc. Dos nossos generos comestiveis só acceitam, e delle são gulosos, o assucar. Abominam a cachaça, um bom indicio de virtude, o que se não encontra noutras tribus, como no "pamary" do Purus.

E' assim que, quem quer que tenha de se aproximar de suas habitações, ha de ir gritando de longe, por exemplo:—"CARARIUÁ" OCUCHÊ MIA'! (Ahi vae um branco bom). CUITITI! CATIVARA! IAUACÁ! MUCAUA! (contas, [missangas] terçados, machado, espingarda!)

—"TUMUCÓ PURÊ, PARACUMÃ" (Da-me flecha e arco!)

E' de inteira necessidade este aviso previo, se não quer o hospede estranho ser recebido hostilmente ou como inimigo, correndo graves perigos.

Cousa singular e digna de nota:—é preciso, tambem, que o civilisado declare em altas voses que vae bom de saude, que não está doente:

—"Ocuchê oró"!—eu estou bom! Ou então:—"Ocócó xerá"—não estou doente (XERÁ—não; OCÓCÓ—doente).

A doença que elles temem, e que, de facto, é endemica e devastadora nos indios que passam a conviver entre civilisados, e, cremos que tambem nas malocas, é a que os seringueiros chamam "catharro". Parece-nos ser uma tysica galopante pela rapidez de seu desenvolvimento sempre e sempre fatal.

Sendo, entre elles, assustadoramente contagiosa, é o que mais temem, e por isto se premunem, tomando tão justas precauções.

Será de uma grande utilidade o estudo prévio desta molestia, feito pela sciencia medica do nosso paiz, a fim de ser removido este grande mal que é commum em todas as tribus da America.

Não sabemos se ha estudos sobre o assumpto; remedio não conhecemos nenhum para os infelizes indios que passam a viver comnosco, e temos visto muitos morrerem da terrivel molestia, inocua entre os civilisados.

Queremos nos deter ainda sobre a lingua das tribus que nos servem de assumpto, e a qual é falada, com algumas modificações, entre os indios que habitam as primeiras cachoeiras do Trombetas e as primeiras cachoeiras do Nhamundá e que vivem em constante communicação.

As tribus mais conhecidas do Trombetas são os "CAIMÚS" e "CACHORROS" (do rio Cachorro), e do Nhamundá a tribu URUA' e MOARYS. Estes ultimos tingem todo o corpo de urucú; são portanto, artificialmente vermelhos. Furam o nariz, o labio inferior e os maxillos para introduzir enfeites.

Como já dissemos: havendo modificações ou differença de linguagem nestas tribus, não podemos garantir se os nomes ou phrases que aqui registamos são indistinctamente conhecidas ou comprehendidas. Prevenimos, assim, qualquer observação, em contrario, que possa apparecer de futuro. Garantimos, porem, a veracidade das nossas affirmações.

Registamos alguma cousa de sua linguagem:—Os seus pronomes são tres—eu—ORÓ; tú—AMORÓ; aquelle—moçoró.

Eu estou doente:—OCÓCÓ ORÓ.
Tu estás doente:—OCÓCÓ AMÓRÓ.
Aquelle está doente:—OCÓCÓ MOÇORÓ.
Eu estou bom:—OCUCHÊ ORÓ.
Tú estás bom:—OCUCHÊ AMÓRÓ.
Aquelle está bom:—OCUCHÊ MOÇÓRÓ.

Como se vê, ha nestas phrases a ausencia de flexão verbal, o que não quer dizer que a lingua não possua verbos. Os verbos "IR" e "VIR" são representados pela palavra "PARRAN" e "MIÁ", respectivamente. O sol pela palavra "CAMÚ". Assim, elles disem bellamente:

—"PARRAN CAMÚ MIÁ"! (Vamos, que o sol já vem! Já é dia!)

As suas divindades que celebram em cantos festivos são estas:

O sol—"CAMÚ"
A lua—"SUNA"
As estrellas—SIRICÓ.
O sete-estrello—SIRICÓ-IMÓ (IMÓ—muito).

Os seus parentes e autoridades são:

Pae—"PAPAE" (vestigio de nossa lingua)
Mãe—"MIMI"
Irmão—"IACONÓ"
Primo—"FAMU"
Tio—"ÔUÔU".—(dificil de graphar).
Pagé—"PIAÇA"

Citemos, ainda, algumas phrases em que se vê claro o verbo:

Eu procuro minha mãe:
"SUTA' MIMI ORÓ"
Eu procuro o pagé—SUTA' PIAÇA ORÓ.
Da-me comida—"TUMUCÓ MAMAÚ (Tumucó—dá-me; có parece ser variação do pronome ORÓ—eu).
Da-me castanhas—TUMUCÓ TUTICÓ.
Da-me fogo—TUMUCÓ MIRROTÓ.
Tu me fazes um arco?—: CASCÓ PARACUMÃ AMORÓ?
Aquelle (ou elle) faz uma flexa:—CASCÓ PURÊ MOÇORÓ (flecha é tambem chamada—UAIUÊ).
Eu procuro a maloca:—SUTA' PUSSAN ORÓ.
Eu procuro seringueira:—SUTA' IAUCY ORÓ.
A Maloca, está muito longo:—"PUSSAN MOGE IMÓ".
O trombetas não está muito longe—"TUNAQUINÉ MOGE IMÓ XERÃ"
O Mapuera (affluente do Trombetas) "XAMENÃ", idem.
O igarapé—"RATAMARY".

Parece que, como em todas as linguas, as "GIRIAS" têm tambem as suas anomalias.

Nas phrases—"Já é dia", "Já é tarde" e "é meio dia" somente na primeira se vê a palavra "sol"—"CAMÚ MIÁ".

Já é tarde—"cubá—biry".
E' meio dia—CUBAÚ MUTICUNÃ.

Não sabendo explicar tal divergencia, suppomos ser uma anomalia, como dissemos acima.

Ha de ter notado o leitor nos vocabulos acima citados a predominancia da lettra—ó—Este phenomeno verificado em todas as tribus do Brasil—a predominancia de certas vogaes, já serviu para uma theoria de divisão e subdivisão das raças indigenas pela predominancia das voses alphabeticas.

O nosso illustre patricio dr. Mello Nunes disse-nos ter em mãos um estudo sobre este assumpto, provando a sem razão de tal theoria que é de origem allemã, porque os senhores sabios allemães se acham com o direito de possuir toda a sciencia ethnographica e ethnologica, senão do mundo, pelo menos da America do Sul.

Entre as tribus do Ceará houve muitas em que predominou a mesma vóz, e os nomes de muitas localidades e cidades provam tal assersão: ICÓ, SIRIDÓ, MOCÓ, ORÓ, COCÓ, BORÓ e tantos outros vocabulos vis a vis de outros muitos terminados em I e em U não provam absolutamente differença radical de origens nas respectivas raças. O referido trabalho do illustre engenheiro vem provar a inanidade de tal invencionice allemã.

Costumes e episodios—Não nos podemos furtar ao desejo de relatar um episodio interessante occorrido ao primeiro contacto de nossa gente com os selvagens do Nhamundá e que vem provar não só a bôa indole de taes indios, como a facilidade que existe para que possam ser todos incorporados á nossa communhão.

A' barraca do siringueiro Carlos, já em franca communicação com os indios, chegou, um dia, de uma maloca, arrimada a um bordão, a tremer de velhice e de cansaço pelo esforço da caminhada, uma velhinha UBUA'. Vinha de uma jornada de dois dias. Que vinha ver? Vinha, confessou, somente ver os CARARIUÁS! (brancos, civilisados). E olhando admirada e embevecida para os donos da barraca exclamava satisfeita:—CARIUÁS! CARIUÁS!

E pelo seu rosto irradiava uma sensação palpavel de alegria, como, se naquelle dia, alli, tivesse ella realisado um longo sonho de esperanças e de desejos.

De certo!: já no fim da vida, ainda tivera a ventura de ver os "brancos" dos quaes os seus maiores, atravez de algumas gerações, contavam tantas maravilhas e.... tambem, com certeza, tantas crueldades! O sonho da velhinha se realizára, emfim!

Esses indios manifestam a grande necessidade que têm de canôas, ferramentas, armas e instrumentos de pescarias. Não podendo a municipalidade de Faro auxilial-os com taes provisões, já envidamos serios esforços junto ao governo do Pará (administração Enéas Martins) sem nenhum resultado.

Alem dos usos mencionados acima, temos a mencionar mais: Um nosso seringueiro indo um dia a uma maloca encontrou uma indiasinha já moça, muito magra e pallida senta-

da numa *maqueira* tendo o rosto coberto por uma mascara tecida de palmas. Era a filha do chefe—o "*Catiuêra*"—Comia somente uma vez por dia, um pedaço de beijú e um pouco d'agua. Aquelle castigo devia durar até o parto, é que a filha do CHEFE havia sido desvirginada. E' este o castigo para taes casos.

O seringueiro, porem, intercedeu pela pobre moça e o pae o "Camuxi"—a perdoou, livrando-a do resto do castigo.

Um tal facto indica um sentimento cavalheiresco e elevado, digno de ser apreciado.

Quando morre um membro qualquer da familia, queimam o cadaver e retiram a maloca immediatamente para outra parte. Estando qualquer enfermo desenganado matam'no logo; ou para minorar-lhe os soffrimentos, ou para evitar qualquer contagio da molestia.

Alguns seringueiros encontraram, um dia, um rapasinho amarrado de pés e mãos como um porco, e a quem iam matar porque estava doente de febres e desenganado pelo *pagé*. Intercederam por elle e pediram que o dessem, pois se compromettiam a pol-o bom. O doente foi-lhes entregue. Com algumas pilulas de quinino, cêdo, se curou e restabeleceu; e já lhes ia prestando alguns serviços, quando os indios o vieram buscar e por consideração alguma o deixaram ficar.

Ha para os lados do Paranapitinga (affluente do Nhamundá) a maloca dos "CATUEMAS", que são indios grandemente deformados e feios. Têm a cabeça muito desenvolvida e o thorax anterior e posterior saliente e abaulado como certos corcundas. Não usam arcos; a sua unica arma é a maça ou cacête, o que, sem duvida, é uma prova de inferioridade, vis a vis dos outros. Esses indios, de tempos a tempos, costumam atacar as outras malocas para lhes roubar as mulheres.

O anno passado umadessas malocas teve aviso, por outros indios, que os "CATUÊMAS" iam-n'a atacar. Houve um verdadeiro panico; mas o chefe,—"o CAMUXI—corajoso, como todo chefe, foi com outros indios esperal-os em emboscada, não longe da maloca.

Os atacantes foram surprehendidos e destroçados, morrendo 5, O resto fugio. Um seringueiro viu-lhes os cadaveres e em todos notou a deformidade referida. Pensam os indios que elles lhes vêm roubar as mulheres para, com o crusamento melhorar a raça, expurgando-a dos defeitos originarios. Quantos problemas de antropologia não ha ainda a estudar pelas MALÓCAS e raças indigenas?!

Encontram-se, hoje ainda, pelas cercanias de Fáro, em logares que foram roças de indios (sempre terras prêtas) muitos pedaços de louça ou barro cosido, representando figuras de animaes: cabeças de jacarés, passaros, tartarugas, etc.

Já lemos algures que taes objectos eram fragmentos de urnas funerarias, ou vasos nos quaes eram enterrados seus mortos. Não ha tal.

Esses ANIMAES em barro, espalhavam elles pelo chão de seus roçados, porque acreditavam que taes figuras fertilisavam a terra. E', pois, um mytho, uma especie de adubo extranatural ou religioso, com o qual era necessario ajudar as energias do solo.

Uma lenda interessante:—O "JAPIIM", todos o sabem, é o passaro mais intelligente e mais curioso de nossa fauna. Aprende a falar e sabe arremedar todos os passaros da floresta.

Constroe seus ninhos junto ás casas das "cabas" e quem quiser que vá lhe roubar os filhos.

E' um BOHEMIO endiabrado e incorregivel. Um delles, um dia, já nos fez perder mais de uma hora a procurar um cordeirinho que ouviamos balar e suppunhamos perdido dentro de um bamburral.

Só depois de muito pesquisar de balde, foi que descobrimos que no alto de um jutaiseiro um "JAPIIM" se DEVERTIA em arremedar um cordeiro recem-nascido.

Mas a lenda é a seguinte:—O "Japiim" arremeda todos os passaros, grita como certos animaes e engana, muitas vêzes, o caçador.

Mas o "Japiim" não imita o pio do Tangurú-pará.

O Tangurú-pará é um passaro de pennas cinzento escuro, muito triste, que só sabe soltar um pio e que tem o bico vermelho como sangue.

Si o "Japiim" vae voando, em casal ou aos bandos, e si ouve o pio do Tangurú-pará (ou se alguem o imita) elle desce para a terra a se occultar entre as moutas.

Mas, porque tem elle tanto medo do passaro triste de bico vermelho?

E' porque o Tangurú-pará, vendo que o "japiim" a ninguem respeitava e a ninguem temia, lhe disse um dia: Olha, si tu me arremedares, eu faço comtigo o que fiz com teu AVÔ.

O que é que fizeste com meu avô?

O que fiz? Matei-o! Bebi-lhe o sangue! Olha o meu bico como ficou! Foi o sangue do teu avô!

E nunca mais o "Japiim" arremedou o Tangurú-pará.

(Continúa)

José Carvalho

Sesmaria do Senado da Camara de Barcellos

(1779)

Entre as petições originaes de cartas de data e sesmaria, existentes no Archivo Publico do Pará, na sua rica secção de manuscriptos, pode ser lida a do Senado da Camara da villa de Barcellos, datada de 30 Setembro de 1777, cujo teor é o seguinte:

«Representão a V.ª Exc.ª O Ouvidor, Juiz e mais officiaes da Camera da Villa de Barcellos Capital do Rio Negro; que tendo determinado V. Exc.ª ao mesmo Ouvidor em officio de 27 de Maio do anno corrente, que para se conceder, e assignar á Camera desta Villa a data de terra, que lhe faculta a carta Regia do Estabelecimento deste Governo: Hera precizo, que os Represntantes fizessem a V. Exc.ª huã Proposta do terreno, e das confrontaçoens que a mesma Data devia comprehender; para naquella certeza se fazer expedir a respectiva concessão: se congregarão para o sobredito fim em Camera. E na mesma assentarão, o que consta da copia do auto de Vereação incluso. Em consequencia do referido: Pedem a V. Ex.ª, que queira dignar-se mandar-lhes passar a Carta de Data de quatro Legoas de terra em quadro, como Sua Mag.ª lha concede na Carta Regia de 3 Março de 1755, com as confrontaçoens seguintes. Que as dictas quatro Legoas serão medidas em frente pella margem, deste Rio, duas para cima da Villa; e duas para baixo, ficando livres os Logradouros respectivos: que esta medição fará termo pela parte do Nascente na ponta da terra firme chamada das Barreiras no lugar em que principia o Iga-

pó do Puca, no cazo que até ahi cheguem as duas Legoas: E pelo Poente acabará no Rio Barury, comprehendendo-se ambas as margens do mesmo Rio, no cazo igualmente que a esse Limite cheguem as duas Legoas, dando-se nessa frente o fundo respectivo para fazer o quadro facultado.

V Ex.ª havendo por bem de deferir a esta Proposta, usará da Sua Benevola Attenção, para o augmento e interesses desta Capitania.

Deos G.e a V. Ex.ª Barcellos em Camera a 30 de Seotembro de 1777.

Ill.mo e Ex.mo Snr. João Pereira Caldas.

O Ouvidor Geral *Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.*

O Juiz Ordinario *João Manoel Roiz*

O Vereador *Antonio Vilella de Amaral.*

Do vereador *Bras + Gil de Deos.*

Do Vereador *Gabriel + Ribeiro.*

O Procurador da Camera *Francisco de Iriarte.*»

Nesse officio está exarado o despacho

«Posse Carta de Datta na conformidade das Reaes Ordens. Pará 6 de Novembro de 1777 (assignado em rubrica) J. P. C. (João Pereira Caldas)»

No verso do officio está a nota

«Passei Carta de Datta a 4 de Março de 1779.»

Appenso ao officio do Senado da Camara de Barcellos está uma copia authentica do

Auto de Vereação—Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil settecentos, settenta e sette dias do mez de Septembro do dito anno nesta Villa de Barcellos em as Cazas da Residencia do Doutor Ouvidor, e Intendente Geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampayo, aonde se juntarão o Juiz e mais officiaes da Camera, para o fim de se fazer Vereação sobre o que abaixo se declara. E sendo ahy pello dito Ouvidor foi lida hua Carta do Ill.mo, e E.mo Snr. Gn.al do Estado João Pereira Caldas, na qual ordenava ao mesmo Ministro, que para se conceder e consignar a Camera desta

Villa a datta de terra que se lhe facultava na Carta Regia do estabelecimento deste Governo; o mesmo Ministro com os officiaes da Camera, lhe fizessem hua Proposta, na informação do Terreno, e confrontações que devia comprehender aquela Datta, para se conceder a sua respectiva Carta. E Logo pello dito Ministro foi tão bem Lida a Carta Regia de 3 de Março de 1755, Relativa a esta materia; e sendo tudo visto, Propôz ao dito Juis e officiaes da Camera prezentes, que votassem e assentassem no que se devia informar ao mesmo Senhor General em resposta a sua ordem. E por todos foi uniformemente assentado, que fica-se para Logradouro desta Villa, que concede a mesma Carta Regia, o Terreno que medeia de hú e outro Lado desta Villa, terminando pella parte do nascente no Igarapé, ou Riacho chamado do Cajueiro, e do Poente o outro Igarapé que fica proximo da Aldeinha; e que ficaria para os mesmos Logradouros os fundos desta Villa correspondentes a frente assignada; com declaração que o Igarapé faria Termo do mesmo Logradouro pella parte por onde correr. E que assim as quatro Legoas concedidas se pederião, e confrontarião na forma seguinte. Duas Legoas para sima, e outras duas para baixo em frente a margem do Rio, tendo por Limites da parte do Nascente a ponta da terra firme chamada das Barreiras no Lugar em que principia o Igarapé puca; e pela parte do Poente seria Limite o Rio Barury, comprehendendo-se hua, e outra margem do mesmo Rio nesta Datta, e que isto seria chegando ahy a medição em hu, e outro Limite; e que os fundos se pedirião, e confrontarião em quadra concedidas na Carta Regia. E que nesta conformidade se faria a Proposta e informação ao Senhor General. De que tudo mandou o dito Ministro fazer este auto de Veriação, o qual houve por finalizado, por não haver nella mais que requerer, e propôr, o qual assignou com o mesmo Juiz, e mais officieas da Camera. Eu Francisco Xavier de Andrada que o escrevy por impedimento do Serventuario, *Sampayo Rodrigues Vilella*. Do Vereador Gabriel Ribeiro, estava uma Cruz—Do Vereador Brazil, estava uma Cruz—De Iriarte.

A petição ou officio, com o documento, acima transcriptos,

estão catalogados pelo signatario destas indicações, sob n. 120, entre as petições de cartas de data e sesmaria do seu catalogo.

O officio da Camara de Barcellos baseou-se no direito que lhe foi conferido pela Carta Regia de 3 de Março de 1755, que creou a Capitania de S. José do Rio Negro, sabalterna da do Grão-Pará, erigindo em villa «a aldea que mandei novamente estabelecer entre a bocca oriental do rio Javari e a aldea de S. Pedro, que administrão os Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo.»

«Junto da mesma villa ficará sempre um districto, que seja competente não só para nelle se poderem edificar novas casas na subredita forma mas tambem para logradouros publicos. Este districto se não poderá em tempo algum dar de sesmaria, nem de aforamento em todo ou em parte, sem especial ordem minha, que derogue esta, porque sou servido que sempre fique livre para os referidos effeitos».

«Permitto contudo que dentro da sobredita distancia de seis legoas (em torno da nova villa), se conceda uma Data de quatro legoas de terra em quadro para administrarem os officiaes da Camera e para do seu rendimento fazerem as despezas, e obras do Conselho, aforando aquellas partes da mesma terra, que lhes parecer covenientes, contanto que observem o que a Ordenação do Reyno dispõe a respeito destes aforamentos.»

*
* *

Sob. o n. 2.063, o Cartalago das Sesmaria, de Arthur Vianna, publicado no tomo III dos ANNAES DA BIBLIOTHECA E ARCHIVO PUBLICO do Estado do Pará, está indicada uma carta de data e sesmaria, expedida em 16 de Março de 1779 ao Senado da Camara da villa de Barcellos, registrada a fls. 63 v. do XIX de livro registro de Cartas de Sesmarias, existente no Archivo do Pará, do teor seguinte:

> «Registro de huma Carta de Datta de Sesmaria passada ao Senado da Camera da Villa de Barcellos Capital da Capitania do Ryo Negro.
>
> João Pereira Caldas, do Conselho de S. Mag.de, Alcaide mor, Comendador de S. Mamede de Troviscoso na Orden. de Christo, Governador e Cap.m General do Estado do Grão Pará, etc. Faço saber aos que esta Minha Carta de Datta de Sesmaria virem que o Senado da Camera da Villa de Barcellos Capital da Capitania do Ryo Negro, me representou que para Logradores daquella Villa lhe era precizo quatro Legoas de terra em quadro a saber duas para cima e duas para baixo, cuja medição para termos pela parte do Nascente na ponta

do terra firme chamada das Barreiras; no Lugar em que principia o Igarapé do Puca no Cazo que athé li cheguem; e pelo poente acabará no Ryo Barury comprehendendo-se as m digo as margens do mesmo Ryo, para igoalmente desse Limite cheguem; pedindo-me finalmente lhe fizesse M.ce conceder as dittas terras para offim declarado: Ao que atendendo-o e a informação do Dr. Ouvidor Geral da mesma Capitania Hey por bem concederlhe em nome de S. Mag.e as dittas quatro Legoas de terra em quadro, com as confortaçoens que ficão expressadas ecom a a denão fazer traspasso algum em nenhum tempo apessoa alguma, Religião ou Comonidade sem que primeiro dê parte ao Dr. Juiz das Sesmarias p.a me ser presente, e Ver sesedeve, ou não Consentir no tal traspasso subpena de ficar nulla esta Datta, e seconceder novament.e noutrem, enesta forma selhepassa Carta de Datta para que o d.o Senado haja, Logre epessua as dittas terras sem penção, nem tributto algum mais que o Dizimo a DEOZ Nosso Senhor dos frutos que nellas se Lavrarem; a qual conceção lhe faço não prejudicando a terceiro, nem a S. Magd.e, senod.o Sitio quizer mandar fundar alguma V.a erezervando os Paos Reaes que nellas houverem p.a Embarcaçoens com declaração que mandará comfirmar esta Datta por Sua Magd.e dentro de tres annos p.e seg.tes e dará caminhos publicos e particulares aonde forem necessarios para fontes Pontes, e Portos e Pedr.as e havendo no sitio pedido Ryo Navegavel que necessite de Canôa, ou Barco para se atrevessar, ficará livre de huma das margens que tocar ao mesmo Senado meya Legoa de terra para ouzo publico, e sedemarcará ao tempo da Posse por rumo de corda, e Braças craveiras como he estillo, e Sua Magd.e manda, e outrosim não poderão fundar Religioens ou pessoas Ecclesiasticas por nenhum titulo que Seja, eacontecendo pessuilos será com o encargo de pagarem Dizimos de SMg.e e DEOZ Nosso Senhor como sefossem pessuidas por Seculares, e faltando aqualquer destas Clausulas sehaverão as dittas pordevolutas, esedarão a q.m as demarcar ecomo o ditto S.r ordena: Pelo que mando ao Dr. Ouvidor Geral daquella Cappitania, mais Ministros epessoas aque tocar, que na forma refferida, e condiçoens expressa-

das, deixemter, e pessuhir asdittas terras como couza sua propria daquelle Senado cumprão e Guardem esta Minha Carta de Datta tão inteiram.[te] como nella secontem, a qual lhe mandei passar por Mim assignada, e sellada com o signeto de Minhas Armas que secumprirá como nella secontem, e registrará nas partes aonde tocar e se passou por duas vias. Dada nesta cidade de Bellem do Grão-Pará aos dezaseis dias do mez de Mr.[ço] Anno do Nascimento de Nosso Sr. Jesus Christo de mil sete centos setenta enove, e Eu Marcos Jozé Monteiro de Carvalho, Secretario do Estado por Sua Mag.[e] Fidelissima, afiz Escrever—*João Pereira Caldas*.»

Em relação aos documentos trancriptos nota-se divergencia de datas.

A nota do verso da petição do Senado da Camara diz que foi passada a carta de data em 4 de Março de 1779, ao passo que o registro desta, no livro XIX das sesmarias, declara que foi ella dada em Belem os 16 de Março de 1779.

Muito embora a discordancia, talvez devida ao facto de ser a carta datada no acto da assignatura. os dous documentos são authenticos e existem no Archivo Publico do Estado do Pará.

PALMA MUNIZ

A SAMAUMEIRA

E' uma arvore historica digna de nossa estima e do nosso orgulho. Recorda uma das epocas agitadissimas do nosso querido Grão-Pará, em que o patriotismo dos cametaenses e as promptas e energicas providencias tomadas valeram por uma grande victoria, sem derramamento de sangue de nossos irmãos, sahindo esta terra illeza dos cabanos que, em vão tentaram invadil-a.

A' fama de sua heroica resistencia muitas familias de Belém e outras localidades da provincia emigraram para aqui, certas de encontrar abrigo seguro contra os revoltosos em 1835. Como de facto, a paz não foi violada. Havia um homem para garantil-a: Prudencio José das Mercês Tavares. Tinha elle nas veias o sangue desse povo emprehendedor e intemerato que não recua diante do perigo. Era elle descendente dos bravos filhos de São Paulo. Seu pae Felippe Santiago Pereira Tavares, tendo tomado posição saliente nos movimentos populares operados em sua terra natal, viu-se na contingencia de procurar outro recanto da patria para a sua nova residencia.

Um dia deixando a terra de seu berço, embrenhou-se pelos invios sertões, acompanhado de trez dos seus dedicados irmãos, e depois de vencer mil difficuldades, alcançou o alto Tocantins donde, luctando com as cachoeiras, vem descendo o rio até ao aprasivel Tauaré (perto da cidade de Mocajuba), em cujo local fixou sua residencia e casou com uma das nossas conterraneas.

Desse feliz consorcio é que proveio o futuro dictador da nossa legalidade. Era, então em 1835, esse vulto extraordinario, esse maior defensor dos brios cametaenses—Padre Prudencio—juiz de paz desta parochia.

Prevendo este destemido padre-soldado a invasão dos cabanos que se aproximavam para tomar a então villa de *Cametá*, como já haviam feito em muitas outras localidades, mandou construir uma forte trincheira de madeira, que se extendia da

que se acha, e então, aproveitada para o alludido baluarte. O que está firmado como verdade historica é que ella foi transportada e collocada nesse logar com uma estaca e transformada pelo futuro nessa grande arvore, como um monumento fornecido pela propria natureza, de glorias realizadas ha 82 annos.

Assim pois, ella attesta a todos, de maneira indubitavel, os actos de heroismo dos cametaenses commandados pelo legendario Padre Prudencio

* * *

A proposito ainda da Samaumeira que faz o objecto destas despretenciosas linhas, a qual está identificada com a guerra civil de 1835, vamos adduzir mais alguns factos historicos firmados nas narrações do venerando José Raymundo Furtado de Mendonça e outros cametaenses que ouviram de seus paes ou amigos contemporaneos dessa revolta.

A noticia da vinda dos cabanos foi trazida á villa por um filho de Antonio dos Santos, abastado agricultor, estabelecido em Murajuba, á margem da estrada da Vacaria, cuja casa pertence actualmente ao parahybano Antonio Ignacio da Silva, pae do nosso conterraneo Antonio Ignacio da Silva. Chamava-se José Ramalho dos Santos.

Os rebeldes estavam acampados em Cupijó, 3 leguas, mais ou menos, desta cidade. A sua vinda foi pelo caminho atravez das campinas de Pacahijó ou Vaicajó, o qual desembocava na estrada da Vaccaria, confronte á Murajuba. Fizeram poisada nas campinas do lado de cima do Aricurá, perto do caminho que ia á casa do dr. Angelo Custodio Corrêa, nesse pittoresco sitio, hoje de própriedade da respeitavel dona Catharina Mendonça. O tropel da marcha em que vinham despertou a attenção de José Ramalho, que, calculando tudo, sem perda de tempo, ajudado das pessoas da casa, inclusive uma serviçal maneta, arrastou á agua do igarapé Murajuba uma canôa em que veiu, acompanhado da mesma maneta, denunciar a approximação dos cabanos. Desembarcando no becco do Jacumã, á travessa Romualdo de Seixas, pelas 8 horas da noite, foi immediatamente ao quartel fazer a sua denuncia á auctoridade de permanencia e depois avisar seu pae que se achava, na villa, do que havia, para que não voltasse á casa áquella noite pela estrada. O quartel era situado entre a casa de Zeferino Antonio da Costa e a dos herdeiros de Bernardo da Assumpção, á praça João Coêlho, vulgo das Mercês. Servia de cadeia o extincto convento dos Mercenarios junto daquella igreja, lado do rio. O commandante geral das forças, Padre Prudencio, que não morava longe dessa praça, pois a sua casa era a que pertence actualmente ao lavrador Luiz Gonçalves da Cruz (Capote), á rua 15 de Novembro n. 23, logo que teve conhecimento da denuncia, tomou todas as providencias que o caso exigia, mandando tocar rebate. Por essa occasião estava na villa um ho-

mem da facção dos revoltosos, disfarçado em legal, chamado Nazario. Tinha vindo sondar o terreno para a entrada triumphal de seus companheiros. Ao ouvir insistente toque de guerra, medio de relance a situação em que estava collocado. Voltar ao acampamento onde os seus correligionarios revoltosos o esperavam era ir ao encontro da morte. O emissario seria certamente recebido como um trahidor. O echo do toque de alarme devia ter chegado aos ouvidos dos facciosos esperançados de tomar a villa. Forçoso era Nazario, nesse momento angustioso tomar outro alvitre: correu á casa do Padre Prudencio e fez a sua denuncia, para assim salvar a vida... Perseguidos os cabanos pela força legal, que foi ao seu encontro, fugiram apressadamente, indo atravessar o Cupijó, no logar denominado Cacella, «onde está hoje collocada a ponte Costa». Amedrontados, cançados, armados, alguns morreram afogados na travessia do estreito rio Cupijó, arrastados pela sua impetuosa corrente.

Como lembrança desses memoraveis factos que fizeram esta terra alcançar os fóros de heroica e invicta, ahi, á ex-praça da Constituição, actualmente—como uma simples prova de gratidão—chamada Padre Prudencio, está, um pouco inclinada para a pequena praça, a importante e magestosa Samaumeira, ora vicejante de verdes folhas, ora completamente desfolhada e carregada de fructos que, amadurecidos, abrem-se em conchas e derramam de seu seio tenue algodão pela terra amiga, como que beijando-a reconhecida.

Patriotica é a idéa do novel e futuroso Instituto Historico e Geographico do Pará, appellando para o nosso governo municipal e respectivo Conselho para fazerem cercar a Samaumeira com um pequeno gradil de ferro apoioado em columnas de pedras, onde sejam collocadas placas de marmore, assignalando o glorioso feito dos nossos antepassados. Os nosos applausos.

Cametá, Outubro de 1917.

Raymundo Cordeiro

D. Antonio de Macedo Costa

Bispo do Pará e Arcebispo da Bahia

— Sua vida e suas obras —

Conferencia realisada no dia 7 de Abril de 1918, no salão do Theatro da Paz, onde se achava em exposição a Galeria Historica de retratos dos homens que prestaram seus serviços ao Pará

Com a assistencia do exmo. sr. dr. governador dr. Lauro Sodré.

Por

Hygino Amanajás

Exm. Snr. Dr. Governador do Estado.

NÃO me passou pela idéa, ao tomar o encargo de fazer esta despretenciosa conferencia, que se dignasse V. Exª. vir assistil-a, dando-lhe o prestigio de sua presença, que só o assumpto annunciado pode justificar. Sejam, pois, as minhas primeiras palavras de agradecimento sincero e reconhecido pela honra que faz V. Exc. ao humilde orador d'esta solemnidade.

Illustrada assistencia.

A vossa presença n'este recinto indica bem a importancia que ligaes ao assumpto de que vou tratar, acceitae os meus agradecimentos pela vossa generosa attenção.

Senhores!

«Ha momentos no vida do homem em que qualquer que seja a posição do seu corpo, a alma está de joelhos.»

(VISCONDE DE CHAUTEAUBRIAND)

E' esta a minha situação actual.

A grandiosidade do assumpto que me propuz tratar, a precedencia n'esta tribuna de talentos e oradores festejados e já consagrados nas lides da palavra, a mediocridade da minha intelligencia, depreciada pela edade e pelo soffrimento, me collocam na posição humilde, enunciada pelo grande tribuno da França heroica e celebrada, na comprehenção nitida dos actos humanos em sua relatividade entre a franqueza que exora e a potencia que perdôa.

E se não fôra o sentimento nobilissimo da gratidão, avolumada pelos annos e pela reflexão, não me abalançaria a este arrojado commettimento, no qual o desastre será inevitavel e certo, se me não amparar a vossa benevolencia, desculpando erros e enganos e supprindo deficiencias e imperfeições.

Porque, snrs, falar de D. Antonio de Macedo Costa, o bispo egregio, o luminar da egreja, o sabio, e, atrevo-me a dizel-o, o santo, porque o são todos os que, como elle, passaram a vida na pratica do bem e da virtude, doutrinando e exemplificando, com esse amor ardente de patriota e de christão, não é para intelligencias fracas e incultas, como a minha, que só podem com a palavra incolôr diminuir o brilho das acções grandiosas.

Mas, já vol-o disse, a esta tribuna me arrastou esse sentimento, que ha cincoenta e dois annos penetrou no meu coração ao transpor os humbraes da casa de educação que formou o meu espirito e onde encontrei a bondade personificada na pessôa do grande bispo.

Foi então que o conheci e amei, porque elle possuia o dom de ser criança entre as crianças, homem entre os homens e sabio entre os sabios.

Aquelle grande espirito (como que o sinto adejar por sobre esta augusta assembléa), encerrava todas as delicadezas que subjugam; toda a grandeza que impõe respeito; eloquencia que convence e domina, bondade que ampara, sciencia que illustra, simplicidade que encanta, caridade ardente, fé robusta, esperança illimitada, consolação perenne, tranquillidade virtuosa, energia santa, perdão que redime, todas as qualidades sublimes que transformam o homem em anjo, a carne em espirito e o pensamento em luz. (muito bem!)

Por isso quiz falar d'elle não para relembral-o, que os homens da sua estatura moral nunca serão esquecidos, senão porque é um dever de civismo o culto dos nossos grandes homens, que para nós foram exemplo e estimulo, deixando seus nomes aureolados nas obras que emprehenderam e executaram, nas scintillações de seu espirito, graphados em livros, que nos legaram para edificação e ensinamento dos povos.

Desculpai-me: serei breve; não vos fatigarei.

*
* *

Nasceu D. Antonio de Macedo Costa em terras de Maragojipe, na então Provincia e hoje Estado da Bahia, a 7 de Agosto de 1820, tendo por seus progenitores José Joaquim de Macedo Costa e D. Joaquina de Macedo Costa.

Oriundo de uma familia profundamente catholica e religiosa, sua educação recebeu o influxo da crença de seus pais, que o guiaram na meninice com amoroso carinho, e sem o contrariarem nortearam-lhe a vocação desde logo manifestada para a carreira ecclesiastica, vocação que foi estimulada pelo sabio e distincto paraense, D. Romualdo Antonio de Seixas, então arcebispo primaz do Brazil, o qual sendo amante da sua classe, occupou os mais altos cargos no Imperio.

A sua applicação ao estudo, o seu pasmoso aferro á piedade fizeram ao joven escolar sobresahir entre os condiscipulos, acarretando-lhe ao mesmo tempo respeito e admiração dos mestres e collegas.

Terminando o curso de humanidades, seguiu para a Europa, levando honrosa carta de recommendação do Arcebispo para os venerandos directores do seminario de S. Sulpicio, em França, onde terminou com singular aproveitamento os estudos e recebeu as ordens de presbytero, das mãos do cardeal D. Francisco Nicolau Marlot, em 19 de Dezembro de 1857.

Seu talento e illustração o tornaram sobremodo notavel em S. Sulpicio, erguendo assim bem alto o nome brasileiro no maior e mais celebre instituto ecclesiastico do mundo.

E tal reputação e fama deixou n'aquelle tão afamado seminario francez, que o velho reitor, o venerando Mr. Icard, interpellado por um visitante, quaes tinham sido seus melhores alumnos, respondeu:

— Depois que por aqui passaram, com celebrada fama, Dupanloup e Pie, passou Macedo Costa.

E assim foi elle collocado a par do sabio bispo de Orleans e do inclyto Mgr. Pie, bispo de Poitiers e secretario do concilio do vaticano, junto dos quaes, mais tarde, e já então bispo do Pará, collaborou n'esse celebre concilio, que decretou o dogma da infallibilidade pontificia.

Saindo do Seminario de S. Sulpicio, seguiu Macedo Costa para Roma, matriculando-se no collegio de Santo Apollinario, onde recebeu o grao de doutor em direito canonico.

Voltando á patria e dedicando-se ao magisterio, exerceu-o com actividade e competencia tão admiraveis, que fazia de seus discipulos amigos estudiosos e ao mesmo tempo lhes formava o espirito e o coração, com os seus sabios ensinamentos e acrisolados exemplos.

D. Pedro Segundo, impressionado por um discurso do joven sacerdote, que ouvira em acto solemne, no qual a sua eloquencia e sabedoria se patentearam com brilho inexcedivel, apresentou-o para o bispado do Pará, na vaga aberta pela renuncia de D. José de Moraes Torres, em virtude do direito de padroado de que gozavam os reis de Portugal e do Brasil, apre-

sentação que foi confirmada pelo papa Pio IX, o grande pontifice da Immaculada.

Na capella imperial do Rio de Janeiro recebeu D. Antonio a sua sagração, das mãos do internuncio apostolico, monsenhor Mariano Falchinelli, sendo esse acto honrado com a presença do Imperador, sua côrte, ministros, conselheiros do Estado, magistratura e clero.

Completara apenas 30 annos de idade n'essa occasião e era o mais joven dos bispos brasileiros.

Partindo do Rio de Janeiro dirigiu-se á Bahia, sua terra natal, e ahi escreveu a sua primeira pastoral, saudando os seus diocesanos.

Ao Pará chegou no dia 24 de Julho de 1861, sendo recebido com delirantes acclamações de jubilo pelo seu novo rebanho, que já o conhecia pela fama de seu saber e de suas virtudes.

Tomando conta da diocese, D. Antonio verificou que o clero de então, já de alguns tempos sem direcção episcopal directa, havia affrouxado no cumprimento de seus deveres, encontrando até alguns escandalos, que lhe era forçoso corrigir, senão punir.

Emprehendeu desde então a reforma e educação de seus auxiliares e com brandura evangelica, exemplo continuado, conselhos e ordens, foi pouco a pouco elevando o nivel moral e religioso e dando ao culto o esplendor de que necessitava.

Nesse intuito suas vistas voltaram-se para o Seminario episcopal, pois d'ahi sahiriam os futuros sacerdotes; reformou-o creando as cadeiras de Physica, Chimica, Historia Natural, Litteratura, Lingua grega e Musica, nomeando para regel-as homens de competencia reconhecida, como: Adolpho Kaulffus, Conegos Egues, Spindola, Benedicto Mello, Barroso, Ismael Ribeiro Nery, Vasconcellos, e padre Eutychio. A essas aulas elle assistia, regendo-as muitas vezes na ausencia dos cathedraticos A reitoria do seminario confiou-a ao conego Joaquim Gonçalves de Azevedo, que foi mais tarde bispo de Goyaz e arcebispo da Bahia.

Estabeleceu o seminario maior, destinado aos jovens que se queriam dedicar á carreira ecclesiastica e mandou estudar para a Europa, á sua custa, ou com o auxilio de seus diocezanos, os que lhe pareciam mais aproveitaveis pela intelligencia e virtudes.

Foi assim que reconstituiu o seu clero, pois d'essa iniciativa surgiram talentos aproveitados entre os quaes notarei, José Gregorio Coelho, Raymundo Amancio de Miranda, Mancio Caetano Ribeiro, Pinto Marques, João Muniz, Domiciano Cardoso, Andradade Pinheiro, João Rodrigues d' Assumpção, Felix da Cruz, Dacia, Jeronymo Oliveira, e outros cujos nomes me não accodem á memoria.

Alguns dos jovens por elle enviados a Europa não seguiram a carreira ecclesiastica, mas vieram prestar serviços ao

Pará, como Felippe e Bernardino Pinto Marques, Antonio Rabello, Francisco Pinheiro de Queiroz, pai d'esse inditoso engenheiro de egual nome, victima de um desastre de aûtomovel na nossa estrada de ferro de Bragança, e Frederico Nery, que ficou em França e ali mesmo honrou o Brazil e o Pará.

Devo aqui deixar uma lembrança fugitiva de um amigo meu, Benedicto de tal (nem já me recordo do seu appellido), filho do Mojú, e que mandado com outros para França, morreu heroicamente na guerra de 1870, defendendo as muralhas de Paris!

Pobre amigo! nem o teu nome ficou na memoria dos que te conheceram!

Procurou tambem outros auxiliares entre o clero francez e trouxe do Maranhão, como seu auxiliar, esse illustradissimo conego Mourão, que tanto se distinguiu aqui na imprensa catholica, redigindo a "Boa-Nova", periodico criado pelo bispo e que veiu substituir a "Estrella do Norte".

Foi quando o viu cercado por estes auxiliares que Herbert Smith escreveu a seu respeito:

«O actual bispo do Pará é um d'aquelles homens que devem permanecer como marco milliario na historia da Egreja. Em sua vida soube rodear-se da um grupo de sacerdotes, que procuram egualar os sacrificios e virtudes dos primeiros missionarios jesuitas».

No seu zelo apostolico, não esquecia D. Antonio a população do immenso interior, confiada á sua direcção episcopal, cujo territorio percorreu, levando os sacramentos, o consolo e a palavra de Deus ao mais distante nucleo de sua vasta diocese.

D. Antonio era orador sacro da mais arrebatadora eloquencia. Antes e depois d'elle só Antonio Vieira podia desputar-lhe essa gloria.

Nas abobadas do nossa bellissima cathedral a sua voz de tenor tinha sonoridade e força, que nenhuma outra poude ainda imitar.

Sua linguagem era elevada e simples. Comprehendida sem esforço pelo povo, o sabio e o litterato nada tinham que censurar-lhe. Possuia uma maneira especial de enunciar os seus pensamentos, explicar dogmas, exaltar a religião, tão sua, que outrem não o faria assim. Sua eloquencia dominava a alma, seus gestos apropriados convenciam, como se fossem animados.

Os seus sermões tinham a profundeza de Bossuet, a suavidade de Massilon e do arcebispo de Cambrai, a logica de Bourdelone e o brilho de Lacordaire.

Seus auctores favoritos eram os doutores da Egreja: Santo Agostinho, S. Gregorio Nazianzeno, S. João Chrysostomo, S. Thomaz d' Aquino e outros.

Taes foram os seus triumphos oratorios que ainda hoje é elle cognominado—O Chrysostomo Brasileiro.

Durante o seu episcopado attingiu o culto religioso o maximo do seu esplendor e a elle coube a dita de instituir,

n'esta capital, a celebração do mez Mariano, mandando vir para isso a bellissima imagem de N. Senhora, que ainda hoje se venera na Cathedral.

Sua obra litteraria é immensa. Escreveu sobre philosophia e theologia, trabalhos esses que não publicou e devem existir nos archivos da sua familia.

Sua primeira obra publicada foi:—"Pio IX, Pontifice e Rei" Bahia—1860

As pastoraes e opusculos, que publicou em grande numero, são verdadeiros monumentos de sabedoria e religião.

Publicou—"Direito contra direito"—livro de tão grande valor que, Camillo Castello Branco, em 1886, apreciando-o em uma roda de intellectuaes de Lisbôa, entre os quaes se achava o nosso co-estadano Conego Dimiciano Perdigão Cardoso, assim se manifestou:—Não commungo nas suas idéas; mas o homem que escreveu o-Direito contra direito—garantiu a sua propria immortalidade—.

Tambem publicou:—Representação sobre a liberdade de cultos—O Amazonas, meios de desenvolver a sua colonisação—Cathecismo do Pará—Historia Biblica—Compendio de civilidade christã etc., etc.

Poeta, cantava o seu Deus e a Virgem Mãe em estrophes tão suaves e tão bellas, que commoviam até ás lagrimas.

Sua preoccupação constante era a patria estremecida, que elle queria grande, integra, independente, instruida, mas christã, e que elle associava sempre aos seus sentimentos e deveres religiosos, na sua prosa e na sua poesia.

«Oh! terras feiticeiras
Do meu caro Brasil,
Paiz das palmeiras,
Tens encantos mil

«Ah! se teus nobres brios
Alguem quizer manchar,
Por ti, patria querida,
A vida quero dar.».

No acto da consagração da diocese do Pará ao Sagrado Coração de Jesus, fez cantar na Sé este grito de fé e esperança, traduzido em bellissimos versos e musica arrebatadôra:

«Oh! Jesus salvador amado
Guarda a fé do Brasil na tua santa lei
Ouvé do alto ceu, da afflicta patria o grito:
Brasileiro e christão serei.».

Sobre a existencia de Deus escreveu o seguinte soneto:

Provas Physicas

«Se nas vastas campinas lá dos ares,
Gira o cortejo immenso de aureos mundos,
Se na terra e nos mares tão profundos,
Ordem descubro e motos regulares:

Provas Metaphysicas

«Se contingentes seres, aos milhares,
Rompem do nada os seios infecundos,
E se não podes dar entes segundos,
Sem um ente primeiro lhe marcares:

Provas Moraes

Se até por entre a escuridão funesta,
Que cerca da selvage, a alma enferma,
A crença de um alto ser se manifesta:

Conclusão

Logo é verdade o que a nossa alma ensina,
Existe o Deus que a natureza attesta,
E que aos mais seres o principio assigna.»

E' notavel tambem um escripto seu, que veio no almanack Luso Brasileiro, cujas palavras eram desde a primeira a ultima, portuguez castiço e latim puro. Este escripto tinha por epigraphe o verso de Camões:

«E na lingua na qual quando imagina,
Com pouca correcção crê que é a latina».

D. Antonio não era somente um sabio e um polyglota, pois que falava sete linguas: era tambem artista, poeta, musico, estheta primoroso. As obras que concebeu e excutou o attestam exuberantemente.

Viajando para Roma, afim de tomar parte no concilio do Vaticano, no qual se distinguiu pelo criterio, prudencia e sabedoria, o vapor que o conduzia, tocou na ilha de S. Thomaz, entreposto então de quasi todos os paizes do mundo.

Sabendo o Bispo d'essa cidade que elle se achava a abordo, mandou pedir-lhe que pregasse á noite na cathedral, onde se celebrava uma festa religiosa.

D. Antonio accedeu, e, subindo ao pulpito, viu que ia falar a um auditotio cosmopolita, de linguas diversas e comprehenção differente, a homens eruditos e marinheiros rudes.

Expressou-se de tal forma, variando o seu discurso, que todos o apreciaram, comprehenderam e applaudiram.

Foi levado aos hombros, em triumpho, até ao Palacio do bispo.

Foi quando se achava em Roma que elle conseguiu de Pio IX e do cardeal Antonelli: seu secretario, a dadiva dos bellos e preciosos marmores que serviram para o preparo do altar-mor da nossa cathedral e do riquissimo sacrario, que é uma joia de subido valôr.

Os melhoramentos materiaes que conseguiu executar vizaram todos a gloria da religião e a educação popular.

Entre elles avultam a reforma da cathedral, illuminada pelas pinturas geniaes de De Angelis, sublimada pelo seu artistico altar construido de marmores preciosos e raros e dotada do bellissimo e grande orgam que a serve.

Creou o Azylo de "Santo Antonio", funccionando primitivamente no Convento do Carmo, transferido depois para o de Santo Antonio, onde foi feita uma nova construcção appropriada para o desdobramento do estabelecimento em azylo de meninas pobres e orphanadas e collegio para filhas familias abastadas, sob a direcção esclarecida e zelosa das irmãs Dorothéas, que ainda hoje ahi permanecem; instituição essa que tem dado os melhores resultados no preparo das mães de familia, que honram o nosso Estado, pela instrucção e pela educação.

A' margem da Estrada de Ferro de Bragança, com sacrificios heroicos, edificou o "Instituto Providencia", dotado de machinas e utensilios necessarios á primeira escola de artes e officios aqui fundada e que tão grandes serviços prestou ao proletariado, sob a administração zelosa e proficiente de Aureliano de Lima Guedes, parente do bispo.

Tambem concebeu a grandiosa idéa do «Christoforo» navio-egreja, destinado a levar a religião aos mais reconditos dos nossos rios, na cathechese dos indios e no ensino dos habitantes do interior do Estado, que vivem longe dos centros populosos.

Infelizmente essa concepção genial não foi executada, por falta de tempo e dinheiro. Outro povo apoderou-se da idéa e goza dos seus beneficios.

Causa assombro a somma de energia e confiança de D. Antonio para a execução d'essas obras, aliás dispendiosas e grandes, quando se sabe que elle só conseguiu esse milagre, recorrendo a esmolas, que solicitava dos seus diocesanos e indo pedir á rica Provincia de Minas, que muito o auxiliou.

Chegamos agora ao periodo agudo de sua vida trabalhosa e consciente, que o levou até a prisão.

Falaremos rapidamente da chamada Questão-religiosa --em 1874.

Envolvido n'essa questão por actos praticados na sua diocese, actos puramente da disciplina da egreja, sabendo de antemão que seria perseguido, seu grande espirito não esmoreceu, nem sua energia se quebrantou.

Sereno e tranquillo aguardava os acontecimentos, sem temor, nem desfalecimentos

O humilde orador que vos fala teve occasião de vel-o arrumando os seus livros e papeis, alguns dias antes da sua prisão esperada, por já ter sido executada a de D. Vital Gonçalves de Oliveira, bispo de Pernambuco, por facto identico.

Encarregado da execução do mandado de prisão, apresentou-se em palacio o juiz de direito d'esta capital, que foi recebido pelo bispo, rodeado do cabido e clero. Após a leitura d'esse documento, respondeu com calma:

—Só cederei á força e vou protestar.

Temendo o juiz que a demora na execução do mandado provocasse qualquer reacção popular, quiz evitar o protesto, mas D. Antonio replicou com energia:

—Até mettido em ferros ninguem tem poder para impedir que eu fale. Sr. conego Mourão, tenha a bondade de escrever.

E dictou com voz clara e vibrante o seu protesto, que assignou com todo o clero presente, dizendo em seguida:

—Agora posso acompanhal-o.

Era tal a imponencia do seu aspecto soberano, que o proprio juiz se sentiu dominado.

E este, que já havia requisitado um official superior para representar a força publica, conduzi-o em carro ao Arsenal de Marinha e ahi o deixou na residencia do respectivo inspector, que o acolheu com toda a deferencia e respeito.

Espalhada rapidamente na cidade a noticia da prisão do bispo, o povo affluiu ao Arsenal em verdadeira romaria e o salão do estabelecimento ficou repleto com as principaes familias da capital.

Avisado D. Antonio da presença ali dos seus diocesanos, veiu ao salão e ao defrontar tão numerosa reunião, exclamou:

—Nunca me julguei tão rico de affeições!

Embarcado de surpreza em um vapor inglez, com passagem paga pelo governo, acompanhado pelo chefe de esquadra Pedro da Cunha, seu amigo particular, e designado para leval-o ao Rio, foi recebido a bordo pelo commandante do vapor e sua officialidade, com os quaes aliás já tinha viajado, quando fôra á Roma.

Ao pisar o convez do navio D. Antonio disse ao commandante:

—Sabe que embarco no seu navio como prisioneiro de alta traição?

—Não, respondeu o commandante: V. Ex.ª é passageiro: tenho aqui o seu bilhete. Além de tudo, um navio inglez faz parte integrante do territorio da livre Inglaterra e não é transporte de prisioneiros de outra nação. V. Ex.ª aqui é passageiro e como tal, desembarcará onde e quando lhe approuver.

Chegando ao Rio, foi recolhido ao Arsenal de Marinha, aguardando o julgamento, que não se fez esperar.

A anciedade entre os catholicos era enorme: ninguem acreditava que o governo fizesse condemnar o sabio bispo. Elle, porém, não se illudia e estava convencido de que tudo se havia preparado para a sua condemnação.

No tribunal o martyr manteve-se sereno e impassivel, não respondendo quando o interrogavam.

«Jesus autem tacebat» havia antes respondido D. Vital.

Sendo-lhe perguntado se nomeava defensores, calou-se.

Então o presidente fez-lhe saber que o tribunal havia recebido petição de dois advogados, que se offereciam, espontaneamente para defendel-o e inquiriu se os acceitava.

— Nem acceito, nem recuso, respondeu. Não reconheço n'este tribunal competencia para julgar-me. Da condemnação dos homens appello para a justiça de Deus!

No entanto o tribunal, depois de acalorada discussão, resolveu acceitar os defensores, que foram, o conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos e dr. Antonio Ferreira Vianna.

Zacharias fez uma analyse profunda e erudita do processo, patenteando as suas illegalidades; Ferreira Vianna secundou-o em vibrante e eloquente discurso, cujo exordio assim começava:

— Vossa Magestade Imperial (tratamento outr'ora dado ao tribunal de Justiça) nunca me concedeu graça que mais contentasse minh'alma, do que permittir-me acompanhasse o anjo da egreja paraense, preso, até ao altar do secrificio!

Estes discursos, que electrisaram a muliidão de espectadores, não evitaram a condemnação e, contra a espectativa dos assistentes, D. Antonio foi condemnado a quatro annos de prisão com trabalho, pena correspondente, ao maximo do crime de sedicção!...

Não teve o Imperador coragem de homonologar esta sentença, e commutou-a em quatro annos de prisão simples na «Ilha das Cobras».

Transportado para a sua prisão, D. Antonio abriu ali uma escola e leccionava ás crianças primeiras lettras e cathecismo!...

Diz-se que a princesa imperial, D. Isabel, admiradora de D. Antonio, achando-se em risco de vida em consequencia de um parto perigoso, pedira a seu pai a liberdade dos bispos D. Antonio e D. Vital e que não podendo o Imperado attendêl-a por injuncções politicas, sahira do quarto da princeza commovido e com lagrimas nos olhos.

O certo é que, tempo depois, pretextando molestia, pediu licença e fez uma viagem á Europa, deixando a regencia do imperio á sua filha, que se apressou a promover a amnistia dos bispos, restituindo-os á liberdade.

E quando Roma resolveu conceder a distincção da — Rosa de ouro — á Isabel, á redemptôra, foi á D. Antonio que en-

carregou d'essa missão honrosa, da qual se desobrigou com um discurso monumental e prophetico, deixando entrever mui veladamente a proxima queda do imperio.

Volveu o bispo á sua diocese querida, sendo recebido com delirantes manifestações de jubilo e continuando a trabalhar por ella, realizando alguns dos melhoramentos já citados, até que, adoecendo, foi procurar melhoras no sul do imperio. Ali surprehendeu-o a proclamação da republica, e á consequente lei da separação da Egreja do Estado a que não foi elle extranho, pelas relações de amizade antiga com Ruy Barbosa, o grande, desde o collegio na Bahia, onde D. Antonio fôra seu professor.

Foi então que Pio IX nomeou-o arcebispo metropolitano do Brazil, com residencia em S. Salvador, capital de sua terra natal, d'onde sahira jovem, guiado pelos conselhos de D. Romualdo de Seixas, para vir então occupar o logar d'este, vago pela morte de D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, seu amigo de muitos annos.

Não o permittiu, porém a Providencia, nos seus altos e inexcrutaveis designios a realização effectiva d'essa nomeação, e D. Antonio que recebera a investidura archiepiscopal e e posse, na cathedral de S. Paulo, das mãos do bispo D. Lino, falleceu em Barbacena, Minas-Geraes, a 21 de Março de 1891, voltando apenas á terra de seu berço, o corpo embalsamado, que foi sepultado ao lado dos seus antecessores.

Tal foi a vida proveitosa do grande bispo, pallida e incompletamente descripta por quem não teve forças para fazel-o melhor. (*Palmas*).

⁂

Vede-o!—Contemplai aquelle sorriso ineffavel que lhe paira constantemente nos labios, reflexo verdadeiro e brilhante de sua alma angelica!

Aquella fronte espaçosa e vasta, abrigo do cerebro potente, que, forjava raios contra a impiedade!

Aquelle peito largo, encerrando o coração tão caridoso e simples que, muitas vezes, a exemplo de D. Frei Caetano Brandão, não tendo o que dar aos pobres, dava-lhes a roupa da sua cama!

Eil-o o bispo, o apostolo, o sabio, o martyr, o santo!...

⁂

Perdoa-me, oh! grande e heroico bispo, gloria e honra da nossa patria, honra e gloria da humanidade, se, no esforço que tentei para descrever tua vida, apenas consegui diminuir o brilho das tuas acções.

Quiz de alguma forma patentear o quanto te devo pelo

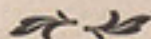
pouco, que sei, o muito que me ensinaste e esta crença de christão convicto, que me inoculaste no coração. (Muito bem).

Para celebrar condignamente os teus feitos, preciso seria que eu possuisse o genio dos Hellenos antigos, cultores apaixonados do bello, para compôr um epinicio eloquente, como só elles sabião idear na glorificação dos seus heróes!

Não poderia fazel-o: — perdôa! (Aplausos).

(O orador é cumprimentado por todos os presentes).

A FUNDAÇÃO

— DA —

Santa Casa de Misericordia

DO PARÁ

UMA RECTIFICAÇÃO HISTORICA

Em 1499 a rainha de Portugal D.ª Leonor, mulher de D. João II, fundava em Lisbôa, com plena approvação de seu real esposo, um hospital onde fossem recolhidos os doentes pobres, ao qual deu o nome de "Hospital de Todos os Santos", nome que tomou da egreja que lhe ficava annexa. Foi a origem das Misericordias em Portugal.

Em 19 de Maio de 1618 foi dado um compromisso a esse hospital, já então denominado—"Santa Casa de Misericordia de Lisbôa".

Nos primeiros dias do anno de 1616 fundava Caldeira Castello Branco nas ferteis margens da remansosa bahia de Guajará a nossa amada cidade de Santa Maria de Belem do Pará. No alvorecer do anno de 1619 os nobres que vieram estabelecer-se em Belem crearam, com o caridoso intuito de soccorrer a pobresa desamparada, a Santa Casa de Misericordia do Pará, modelada pela sua congenere de Lisbôa da qual adoptou o compromisso como sua lei organica.

Os historiadores patricios, inclusive Baena e Arthur Vianna não acharam documento algum que denunciasse a existencia dessa Pia Instituição em nosso Estado antes do anno de 1650.

Foi nessa época que installou-se no lado oriental da rua de Santo Antonio dos Capuchos, uma egreja da Misericordia e, junto d'ella, a respectiva Santa Casa.

Até hoje, portanto, a data de 1650 foi considerada como a inicial da nossa Misericordia. Nós, porém, devido a um desses acasos felizes que já deram um reino a Portugal e tantas

maravilhas teem obrado cegamente, nós, diziamos, descobrimos valioso e authentico documento que nos autorisa a remontar aos principios de 1619 a fundação da Misericordia Paraense.

Apaixonado por tudo quanto diz respeito ao passado, quer se trate de vultos eminentes como de factos notaveis, livros, manuscriptos ou mesmo quaesquer documentos que se nos afiguram dignos de attenção e estudo, nossa curiosidade tem sido por vezes premiada com descobertas bem interessantes.

A que nos occupa agora, reputamos valiosissima e inesperada.

Existe no archivo da Santa Casa de Misericordia um manuscripto cuidadosamente cartonado que foi escripto em 1810.

Era provedor dessa Pia Instituição, segundo resa a primeira pagina do interessantissimo documento, «Francisco José de Faria, Tenente Coronel do Corpo de Ligeiros Milicianos da Cidade do Pará, Cidadão e Negociante d'ella.»

Este provedor, zeloso pelos bens da Misericordia, e lastimando deveras o extravio de valiosos e inestimaveis documentos concernentes á Santa Casa e cujo paradeiro jamais pudéra descobrir, ordenou ao Escrivão Deputado da Mesa da Misericordia Luiz Pereira da Motta, que procedesse a inventario nos livros, papeis, selectas e documentos existentes no archivo a seu cargo e que encerravam objectos de summa importancia para os interesses da Irmandade.»

Este inventario cuidadosamente feito e examinado, conferido e confrontado na presença do referido Provedor Tenente Coronel, devemol-o á solicitude do nosso amigo Francisco Ferreira da Rocha, digno official maior da Santa Casa. Francisco José de Faria e demais Irmãos da Mesa, e foi concluido em 20 de Julho de 1810. Na mesma occasião foi exarado no livro a que nos referimos «desde a primeira pagina até a sua conclusão folhas trinta e nove».

Ahi se acham cuidadosamente annotados em primeiro lugar os livros existentes no archivo, em numero de 26, descriptos minuciosamente o seu objecto e uso.

Depois os papeis e documentos classificados em Maços titulados e numerados.

No maço n.º 1 que trata de Testamentos, Cartas de datas, Titulos de chãos, Escripturas, Aforamentos e Titulos de Casas, deparamos os seguintes:

—«Aforamento de dez braças de chãos que tomou João Correia á Santa Casa de Misericordia para fazer casas por dous e nove annos, e passarem depois as mesmas casas á Irmandade. Pará,14 de Março de 1619».

—«Testamento de Domingos Fernandes, official de Pedreiro, natural da Ilha Terceira. Em 9 de Abril de 1619».

—«Carta de data de quarenta braças de chãos em quadro no bairro da campina onde estão situados e erectos a antiga Igreja da Misericordia e diversos quartos de casas de sua

propriedade concedida pelo Capitão Mór d'esta Capitania Bento Maciel Parente á confraria de Santa Luzia da Misericordia em 20 de Março de 1624».

Muitos outros documentos semelhantes ahi estão descriptos, datados de 1619 em diante.

Ora, estes documentos provam, de fórma irrecusavel, que existia a Santa Casa de Misericordia do Pará em principios de 1619, terceiro anno da fundação da cidade de Santa Maria de Belem do Grão Pará. Não deve, portanto, prevalecer a data de 1650 para a fundação da Pia Instituição. O que certamente deu-se nesta data foi a inauguração da Igreja da Misericordia.

E' o que podemos deduzir mesmo do testemunho de Baena que diz no seu "Compendio das Eras":

—«Em 1650 foi fundada na visinhança do Convento das Mercês nesta cidade, sobre o lado oriental da Rua de Santo Antonio dos Capuchos uma egreja da Misericordia e junto d'ella a respectiva Santa Casa, cujo patrimonio, por pequeno, não podia dar todos os auxilios assim á humanidade desamparada e afflicta, como á humanidade oppressa com o anathema da vindicta publica».

Ora, é claro que havendo patrimonio, embora pequeno, já existia a instituição.

O que, porém, veiu dar-nos certesa absoluta e insophisuravel sobre a data da fundação da nossa primeira Casa de Caridade foi a declaração concisa e firme com que o autor do manuscripto de que nos occupamos iniciou o seu trabalho patriotico:

—«Ha quasi dous seculos (1) que nesta cidade de Belem do Grão Pará existe a Santa Casa de Misericordia sempre com a conveniente decencia á gravidade do seu objecto, e no exercicio piedoso do seu Instituto: contando na sua mesma existencia e duração quatro annos menos de antiguidade que o Estabelecimento e conquista do Estado em mil seiscentos e quinze» (2).

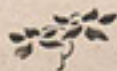
Nada mais claro, mais positivo.

A darmos credito a um documento que consideramos insuspeito, grave e digno de fé, estamos em vesperas de assistir o transcorrer do tricentenario da piedosa Instituição paraense.

Como membro d'ella, como paraense, como humillimo representante da familia do preclaro e virtuoso bispo que foi D. Frei Caetano Brandão—o remodelador eminente e piedoso desta portentosa Obra Pia, faço ardentissimos votos para que em principios de 1819 seja condignamente celebrada essa data

(1) Isto em 1800.
(2) Era corrente nessa época que a data da fundação de Belem fosse em 1615.

gratissima a todos os corações que présam esta abençoada porção da patria brasileira, a todos que reconhecem e bemdizem os fructos dessa gigantesca Obra que tantos males tem sanado, suavisado tantas dores, tantos infelizes soccorrido—a data do tricentenario da Santa Casa de Misericordia da Pará.

Dr. Azevedo Ribeiro

MUNICIPIO DE OURÉM

A villa—O rio—Navegação—As tribus do alto Guamá

—Futuro promissor—

Um dia, em amistosa conversa com o grande monarcha, que fôra, o imperador Dom Pedro II, ponderou o general Couto de Magalhães, esse grande apaixonado da civilisação dos nossos indios, esparsos ainda em milhões, pelos vastos sertões —além do Brazil, disendo: «—Senhor, civilisemos os nossos indios, acabemos com esse estado misero dos selvagens que nos desdoura, e façamos entrar no gremio social essa infinita quantidade de brazileiros, que nos estão a pedir o pão da civilisação e do progresso, da instrucção e da catechese religiosa. Oh! que bellos e brilhantes soldados do futuro da nossa patria! E poderá haver melhor soldado que esse caboclo, rei das florestas, tão habil, tão sobrio, tão resistente, tão paciente, tão destro e tão altivo?... Notai, Senhor, que esse filho das selvas, a quem uns inconscientes civilisados votam desprezo, são tão brazileiros como nós, e mais do que nós, porque a sua ethnologia falla mais alto que a nossa; habil no arco e na flecha, como não o será ainda mais no manejo da arma de fogo? habil no trepar das mais altas arvores das mattas, não o será ainda muito mais no escalar dos muros das fortalezas inimigas? habil no atravessar a nado, no mergulhar nos rios, com a aljava de suas rapidas e envenenadas settas, ha de sel-o ainda mais no lançar-se ao rio e atravessal-o a nado e carregado com sua carabina e outros petrechos bellicos, em perseguição do inimigo da Patria!—»

Estas palavras de Couto de Magalhães dirigidas ao alto e ponderado espirito de D. Pedro II, lhe ficaram bem impressas, porque incerravam idéas, e toda a palavra que incerra idéas, ha de por força vingar!.. D'ahi principiou o Governo imperial a cuidar e fomentar a catechese dos indios; este assumpto, conforme o sabio monarcha declarara ao mesmo Dr. Couto de Magalhães, tornou-se um dos principaes capitulos do seu programma de governo, fazendo-o saber ao ministerio inteiro, cujo presidente era o Conselheiro Saraiva.

A questão da reducção dos nossos selvicolas ao gremio social e politico, é uma questão mais grave e mais importante, do que pensa muita gente. Lembremos o que já fizeram os caboclos em beneficio dos primeiros estabelecimentos coloniaes da nossa terra; alli está a Sé do Pará, cujos materiaes tirados das terras da nova conquista foram carregados na cabeça e nos hombros dos nossos indios domesticados: e assim poderemos dizer das demais igrejas e edificios notaveis e publicos desta capital, erectos com tanto trabalho n'aquelles tempos de preparo da cultura, a que hoje chegamos. Os indios mansos eram os criados das casas de familias, e de todas as classes abastadas. Viera infelizmente a escravatura, que fizera estancar a educação do indio tão paciente e tão serviçal. E em nosso pouco intender, a lei que fez a escravatura no Brazil, escangalhou quasi para sempre a obra da catechese. E se não fôra a escravatura africana, de triste memoria, quem sabe se os nossos indios não estariam hoje todos civilisados?!...

Julgamos estas poucas considerações previas, introducção ao que vamos dizer por diante. Já em um artigo no anno passado, lançamos uns conceitos sobre a villa de Ourém, e seu municipio. Agora inda vamos escrever sobre este bello e futuroso torrão paraense. Dos habitantes d'esta grande cidade, poucos são aquelles que conhecem a villa de Ourem; entretanto, é uma localidade que merece ser visitada e conhecida. E' uma das que mais recordam os tempos e os regimens coloniaes. Depois que uma grande turma de colonos, açorianos, enviados por Portugal, alli se estabeleceram, o logar tomara vulto e tornou-se uma villa prospera. Alli era o pouso dos tropeiros, dos peões, e das exposições militares, que se dirigiam por via terrestre á capitania do Maranão. Era Ourém casa forte, como chamavam a ella e a outras, providas de munições bellicas, em caso de guerra ou com o extrangeiro ou com os selvagens. A estrada de Belem a S. Luiz do Maranhão fôra celebre n'aquelles tempos, e meio mais facil para transporte dos correios e correspondencias de ambos os governos e mesmo de particulares. Os correios, que assim eram chamados os homens empregados em tal serviço, tinham fardamento proprio, á militar, e o governo lhes fornecia o pessoal, arma, mantimento, e tudo o mais necessario a uma tão arriscada viagem. O correio partia sempre quer de Belem para S. Luiz, quer d'aqui para alli; acompanhado de um pelotão miliciano, para repellir provaveis ataques na jornada; esta era dividida em varias pousadas de um ou dois dias; a primeira em *Ourém*, a segunda no alto *Piriá*, a terceira, no alto *Gurupy*, a quarta em *Tury-Assú*, e a ultima em S. Luiz. Quem viaja de Ourém para cima do rio Guamá, parece que ainda vai ouvindo os echos, que a natureza transmitte d'aquellas viagens, e d'aquellas formosas estradas, por onde andaram D. Romualdo de Souza Coelho, D. Romualdo Antonio de Seixas e Pedro Teixeira, pois é sabido que este ultimo, fazendo parte da

guarnição de Castello Branco, foi incumbido pelo celebre navegador e capitão naval, de levar a Maranhão e seu governo a noticia da descoberta do Pará. De S. Miguel até Ourém o rio Guamá não impressiona nem interessa o forasteiro como de Ourém para cima. Do logar *Fronteira* até Ourém o rio é cheio de muitas voltas, e deslisa por sobre uma zona toda formada de igapós. Para cima de Ourém, menos voltas apresenta o rio, e vem correndo quasi encanado entre barrancos de terra firme e uberrima para plantação de todos os cereaes. A umas dez ou doze leguas da villa de Ourém acha-se situada a aldeia dos indios, com o nome de *S. José da Cachoeira Grande.* Alli ainda existem os restos de uma capella, fundada, cremos, no anno de 1802, a taba era povoada de indios já domesticados e policiados: tanto que no recenseamento feito nos principios da Republica Brazileira, o empregado official d'este trabalho teve de contar todos os habitantes da aldeia de S. José, e inscrevel-os no competente alistamento. Os indios d'aqui, entregues todos aos trabalhos da lavoura, pertenciam e ainda hoje pertencem á uma numerosa maloca, oriunda das tribus que povoam o alto Gurupy. Por uma desavença entre as tribus dos *Urubús* e a dos *Gamellas*, esta emigrou para o alto rio Guamá, e estabeleceu-se na aldeia acima referida, cujo nome lhe fôra dado por um missionario, indo do Pará. Quem hoje visita a dita aldeia fica constrangido e triste, por vêr, não só que os seus primitivos habitantes a abandonaram, acossados pelos brancos, que mais de uma vez lhes violaram o lar, como ainda por commerciantes gananciosos, que para se enriquecerem com os productos naturaes, como a copahyba e trabalhos agricolas dos indios, não punham duvida em embriagal-os para melhor conseguirem seus fins deshonestos. Isto deu caso a umas correrias dos mesmos selvicolas, que exercitaram graves represalias, com prejuizo do socego das familias christãs, habitadoras d'aquellas paragens. Hoje em dia os *Gamellas* se dividiram e subdividiram e se espalharam pelo rio acima de S. José da Cachoeira, ficando na antiga séde apenas umas tres familias, amparadas pelo orago do logar em uma pobre capellinha, de taipa, com uma nave de terra batida. O logar ahi é magnifico, domina a outra margem do rio, e temos firme esperança que ha de ser no futuro uma villa ou cidade, embora hoje abandonado. Se o benemerito governo do Dr. Lauro Sodré alli crear uma escola, os filhos dos indios voltarão com seus paes para o antigo logar, e este tornará á sua primitiva prosperidade. Isto mesmo nos declarou o actual Capitão *Tuchaua*, filho do fallecido Cap.[m] Manoel Philippe, o primeiro que chefiando os Gamellas se viera estabelecer no sitio que temos descripto. Não precisamos encarecer a uberdade d'aquelles immensos terrenos; e se o nosso governo creasse um nucleo colonial n'aquellas paragens, oh! que immensos beneficios para os seus habitantes e para a mesma villa de Ourém! Oxalá isto não tarde a succeder! O Norte, queremos

dizer, esta Amazonia precisa muito que o governo da União se interesse mais por ella do que tem feito até hoje. A União sustenta á custa dos cofres federaes tres grandes colonias em S. Paulo, e aqui não quer gastar um vintem com um ao menos d'aquelles tamanhos melhoramentos. Para a Cama:a e para o Senado federaes, d'aqui do Pará madamos sangue novo: cuidem tão illustres senadores e deputados em quem votamos de coração e esperançados, cuidem em conseguir do Governo Federal auxilios para creação de um nucleo colonial, ao menos, n'esse trecho fecundo de nossa terra, que é o municipio de Ourém. Aquellas pingues e fertilissimas terras só pedem o esforço do braço do homem para lhes dar o que ellas promettem e lhe querem dar.

Em nosso poder temos um velho documento, que andava empoeirado lá pelos archivos da Intendencia de Ourem, outrora Camara Municipal. E' um compromisso da Irmandade do Santissimo Sacramento, da villa de Ourem, creada pelo Bispo D. Fr. Miguel de Bulhões, e cujo livro fora rubricado pela lettra e appellido de D. Romualdo de Souza Coelho, então dignitario do Cabido e da Diocese do Pará, no dia 3 de Setembro de 1807. Esta é a data do registro; a da creação remonta a 1754. Todo o compromisso é escripto e lançado no livro competente com penna de *ave* e *tinta de piquiá*, assim como as assignaturas de D. Fr. Miguel de Bulhões e de D. Romualdo de Souza Coelho. Este velho documento, que descobriu em Ourem o nosso am.º investigador illustre das coisas paraenses, dr. Henrique Hurly, actual magistrado alli, e que teve a fineza de nos offerecer, é um achado de certa valia, pois, não só prova a antiguidade da villa de Ourem, como ainda nos faz lembrar os nomes de dois antigos Bispos do Pará, que tanto fizeram pelos nossos progressos e tanto souberam evangelisar as populações confiadas á sua solicitude pastoral. Devemos ainda dizer que, pelo contexto do compromisso, se vê que D. Fr. Miguel de Bulhões achava-se em visita pastoral em Ourem, quando a meza da dita Irmandade lhe solicitou a approvação do compromisso. Ora, trazendo a approvação a data de 1754, é uma prova, de que a villa de Ourem é uma das mais antigas e historicas localidades do interior do Pará.

Mais de uma vez falando d'esta villa, tocamos na etymologia do nome. Ourem, dissemos, é nome derivado de *ouro*, pois, basta mudar o *o* na syllaba *rem*, fica *Ourem*. E não é para admirar visto como no alto rio Guamá, nas proximidades do rio *Piriá*, ha zenas auriferas e não poucas. Mesmo que tal nome nos viesse de Portugal, conforme o falado alvará, que mandara dar os nomes de villas e cidades de Portugal ás novas localidades e fundações no Pará, ainda assim, julgamos que o nome vindo do reino de além-mar não deixa de apresentar a mesma derivação, estudada e observada lá mesmo, d'onde nos veiu. Fica assim legitimada a origem que damos ao nome da villa de Ourem. Os antigos pouco cuidavam do futuro

das localidades, isto é, pouco discortinavam o que haviam de ser no futuro. Nós, porém, que vemos o que nos seus primordios foram Belem, Santarem, Cametá e outras cidades e villas do interior, o que fôram em tempos idos e o que hoje são, temos razão para prophetisar do desenvolvimento e da prosperidade futura, até das minimas aldeias por ahi além espalhadas no vasto territorio do Gram-Pará. Hoje um modesto estabelecimento, amanhã uma povoação, mais tarde uma villa e ainda no correr do tempo uma cidade; tanto mais isto ha de acontecer que o caminho de ferro, onde faz a sua penetração, por ahi vai levando a vida e o progresso. Olhai para as localidades situadas nas margens da Estrada de Ferro de Bragança; quem nos dirá que d'aqui a alguns annos mais não serão *Santa Izabel, Castanhal, Igarapé-Assú, S. Luiz, Capanema* florecentes e importantes cidades paraenses?!

Terminamos fazendo aqui um appello aos filhos de Ourem, para que se animem de acrysolado patriotismo e tudo envidem para os progressos da terra de seu berço. Ha por alli alem uma indifferença que assombra! Parece até que os ourenenses não gostam de quem escreve em prol da sua terra e até aborrecem a leitura do que sobre ella é escripto na imprensa. Infelizmente alli como em muitos logares do interior do Pará, falar bem de taes lugares, encarecer os seus progressos e melhoramentos, é antes um titulo de pouco caso, do que de benemerencia! Não faz mal; iremos sempre por diante, com os olhos da esperança fito na grande Constellação do Cruzeiro!

Da *Conceição* a Ourém póde-se contar umas cinco leguas. A estrada é larga, relativamente bem cuidada, graças á nova administração municipal. No verão, a navegação da lancha *Guamá* pára no sitio *Conceição*, de propriedade do sr. Oliveira, antigo commerciante, hoje lavrador; no inverno, porém, vai até á villa, e, quando há mister, póde ir muito além das fronteiras de *S. José da Cachoeira Grande*. Ourem é uma localidade central e sem communicação frequente com a capital poderia definhar e até desapparecer; mas com boa navegação e meios de transporte, não ha duvida que é destinada á grande prosperidade! Somos de opinião que, com o ser no verão tão penosa a viagem pelo rio até a villa, quer em canôa, quer em pequena lancha, a estrada aliás tão transitada por peões e cavalleiros, que vai da *Conceição á Ourem*, poderia ser melhorada pelo governo do municipio, no intuito de por ella transitar um ou dois caminhões com commodos para passageiros e praça para cargas do commercio e dos particulares.

Actualmente uma lanchinha do Snr. Amadeu Tavares faz o transporte de passageiros e carga, levando a reboque um grande casco ou batelão. Esta viagem, em pleno, verão, é um martyrio! Só a emprehende quem não tem cavallo para ir por terra. Os caminhões de que falamos satisfariam a contento a uma tão urgente necessidade. Tomará a Intendencia a seu car-

go este tão importante serviço e o levará ao cabo? Com a bôa vontade e tino do nosso gestor do municipio cremos que semilhante melhoramento será um dia realidade.

Constou-nos que o Ex.mo Senr. Governador D.r Lauro Sodré, tencionava fazer uma visita á Ourem; fazemos votos para que o eminente homem publico leve por diante esta visita e verá por si de quanta necessidade é a fundação de uma colonia nacional n'aquella zona feracissima, e a creação de uma ou duas escolas para a intrucção dos filhos do povo, no alto rio, e particularmente dos filhos dos indios mansos, que povoam as margens do rio da aldeia *S. José* para cima. Quando por lá andamos em serviço do nosso sagrado ministerio, vimos vultos de indios robustos, bem apessoados, altos, corpulentos, de uma physionomia sympathica, rosto prasenteiro, olhos negros e vivos, côr mais branca que morena, revelando uma raça forte, brazileiros, emfim, dispostos aos trabalhos da vida; e os considerando, vagarosamente, tinhamos o pezar de ainda dar o nome de *indios* aos que melhor coubera o bello appellido de homens civilisados! E pensavamos ainda com Couto de Magalhães, que uma vez instruidos e policiados na vida e nos costumes, que verdadeiros cidadãos da patria não dariam?!

O bravo e illustrado Coronel Rondon é hoje um benemerito e um herói da civilisação dos nossos selvicolas; e o seu genio bondozo, amoravel e caritativo para com elles já tem conseguido muito em prol d'esta grande obra humanitaria! O illustre militar tem estudado a fundo a ethnologia do Tupy e do Tupinambá, e hoje é um convencido do grande resultado que advirá para a nossa patria da instrucção e civilisação dos indios. O rei das florestas, essa raça digna do nosso affecto, da nossa estima e apreço, tem merecido da parte de Rondon o mais carinhoso cuidado. Condemna, com justa razão, todo o máo tracto do indio; não será com a arma do exterminio e da violencia, que se ha de attrahir o selvicola, não; mas com a bondade do coração, com attenções, com finezas e carinhosa bondade. Quem vai civilisar não vai maltratar!... Esta theoria da missão Rondon tem por si os nossos applausos, porque é inspirada no bem da humanidade e no Envangelho, no amor a essas grandes e poderosas populações das selvas, que entraram com seus dotes ethnologicos para a formação do brazileiro e da nação brazileira! Quanto mais profundamos a essencia e natureza da *ethnographia*, e mesmo da *ethnica* dos nossos selvagens, mais nos convencemos de que chamal-os ao gremio da civilisação, da vida social, religiosa e polida, ao direito da cidade, na phrase romana, ha de ser uma das mais ardentes aspirações dos poderes publicos e de todos os homens sensatos do paiz!

Conego Andrade Pinheiro

RESULTADO DO EXAME

procedido nas manchas existentes na

— IGREJA DO CARMO —

Exmo. Sr. Presidente da Sociedade Medico-Cirurgica do Pará

Vimos hoje desobrigar-nos da incumbencia que nos commettestes no sentido de verificar a natureza de certas manchas que se veem na parede da frente da Igreja do Carmo, n'esta cidade.

Consoante a tradição, seriam estas manchas de natureza hematica, *reliquat* duradouro das luctas que neste Estado se feriram em 1835. Em dia previamente combinado, reuniu-se esta Commissão na Igreja do Carmo, onde procedeu á extracção de fragmentos de granito de parede contendo as ditas manchas. Eram estas de côr vermelho-escura, em numero limitado, sendo a maior d'ellas de contornos geographicos. Postos a macerar na agua destilada ou em solução phisiologica, os fragmentos arrancados tingiam de amarello desmaiado estes liquidos.

Destacando ao de léve, com um canivéte esta mancha do seu substracto granitico, obtinha-se um pó vermelho-escuro muito pouco soluvel na agua, constituido por cristaes refringentes, visto ao microscopio.

Para verificar a natureza hematica de taes manchas recorreu esta Commissão aos seguintes processos ou provas:

a) Provas tincturiaes:

A reacção Taylor Van-Deem foi positiva. Pelo contrario a reacção pela phenolphtaleina foi negativa. A carencia de productos chimicos não nos permittiu recorrer a outras provas d'esta cathegoria preconisadas em pericias desta ordem.

b) Provas cristalegraphicas:

Não se poderam obter com a maceração destas manchas cristaes de hemina. O resultado da reacção Teichman foi sempre negativo.

c) Reacções de immunidade:

Tractada por um sôro precipitando a maceração destas manchas, o liquido conservou-se inalteravel, absolutamente limpido. A reacção de Neisses-Sachs (desvio de complemento) deu tambem um resultado negativo.

Do exposto, vê-se que apenas a reacção de Van-Deem foi francamente positiva. Mas esta é das provas de que se soccorreu a Commissão, a que menos fé merece, como todos podemos verificar procedendo a reacções tendentes a demonstrar a sua exactidão. Todas estas provas foram feitas simultaneamente com outras em que se empregaram soluções de sangue humano e cujo exito sempre positivo atestara a eficiencia dos reactivos empregados, e a correcção da technica seguida.

Baseada, pois, no exito negativo da prova pelo reactivo de Taylor (reacção de phenolphtaleina), na não obtenção de cristaes de hemina, no resultado negativo das reacções de immunidade (precipitona-reacção, desvio de complemento), é de parecer esta Commissão que as manchas da Igreja do Carmo não são de natureza hematica, a menos que o tempo e as intempéries não hajam afinal modificado a sua constituição chimica.

Belém, 7 de Novembro de 1917

Jayme Aben-Athar
Porto de Oliveira
J. A. de Magalhães

Instituto Historico e Geographico do Pará

RELATORIO

DA PRESIDENCIA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO PARÁ, APRESENTADO EM SESSÃO SOLENNE DE ASSEMBLÉA GERAL, AO CONCLUIR O ANNO DE SUA FUNDAÇÃO.

Snrs. Consocios:

Agradeço sinceramente a coadjuvação efficaz e solidariedade prestada aos actos da Directoria, da qual sou o mais legitimo interprete.

O Instituto Historico e Geographico do Pará completa hoje o seu primeiro anno de existencia, o que neste meio social, tão escasso á estabilidade de associações congeneres, é uma prova da cultura intellectual, estudando os homens e os acontecimentos da nossa historia e os aspectos e as evoluções da nossa geographia physica e politica.

Começamos por um punhado de espiritos intrepidos, reunidos no salão do Gremio Litterario Portuguez, na noite de 26 de fevereiro do anno passado e, após duas sessões preparatorias, resolvemos fundar o Instituto Historico e Geographico do Pará, na noite de 6 de março, solennisando por essa fórma o primeiro centenario da Revolução Pernambucana de 1817.

S. Exc o Sr. Dr. Lauro Sodré, illustre Governador do Estado, que presidiu aquella commemoração, na sala de espectaculos do Theatro da Paz, foi acclamado presidente honorario do novel Instituto, a que tem prestado o mais valioso apoio, dirigindo quasi todas as nossas sessões e aconselhando-nos a melhor alcançar o nosso desideratum.

A Associação da Imprensa gentilmente nos cedeu a sua séde social, á praça da Republica, n. 34, para ali realisarmos as nossas reuniões, até que possamos tomar conta do predio, á rua Arcipreste

Manuel Theodoro n. 142, de propriedade do Estado, que ficou entregue á nossa disposição para servir de séde social.

Estatutos e corpo administrativo—Na sessão de 9 de junho foi apresentado o projecto dos Estatutos, elaborado por uma commissão composta dos srs. drs. Henrique Santa Rosa, Eladio Lima, Palma Muniz, Luiz Estevam de Oliveira e padre Antonio Candido da Rocha, sob a nossa presidencia. Approvada a Lei Organica procedeu-se em 5 de julho ás eleições para o corpo administrativo, cujo mandato terminará a 6 de março do anno proximo e que ficou assim constituido:

Presidente, dr. Ignacio Baptista de Moura; vice-presidente, dr. Henrique Americo de Santa Rosa; 1.º secretario, dr. João de Palma Muniz; 2.º secretario, dr. Joaquim de Arruda Falcão; orador, dr. Luiz Estevam de Oliveira; thesoureiro, José Joaquim Pereira de Araujo; commissão de geographia e ethnographia, drs. José Ferreira Teixeira, Eladio Lima e major Bento Tenreiro Aranha; commissão de historia e archeologia, drs. Augusto Octaviano Pinto, Theodoro Braga e Ezequiel Antunes; commissão de admissão de socios, desembargador Augusto Borborema, drs. Ophir de Loyola e Antonio Chermont; commissão de redacção da revista do Instituto, drs. Americo Campos, Emmanuel Sodré e Luiz Barreiros; commissão de finanças, Raymundo Martins Bessa, desembargador Napoleão de Oliveira, dr. João Baptista Penna de Carvalho. Com a ausencia de alguns desses membros, têm as suas vagas sido preenchidas pelos mais votados nas diversas commissões.

Conferencias e sessões.—O Instituto tem realisado duas conferencias publicas. A primeira pelo professor Manoel Ornellas sobre o—«Annuario Mechanico»,—invento do nosso malogrado compatriota Severiano Bezerra de Albuquerque, cujo apparelho foi por nós restaurado; a segunda pelo engenheiro Ignacio Moerbeck, sobre a questão de limites com o Estado do Amazonas. Temos o mais vivo empenho que, coadjuvados pelo Instituto Historico do Amazonas, solucionemos scientificamente a secular pendencia, sem quebra das relações de cortesia e amizade, tão necessarias entre os dois mais vastos departamentos do norte.

Temos tido duas sessões de Assembléa Geral e vinte de estudos e de administração, alem de duas solennes, sempre com grande frequencia e maior interesse dos nossos associados. Ahi leram-se varios estudos, entregues ao parecer das commissões respectivas, muitos dos quaes ainda dependem de solução, por falta do juizo competente.

Dos trabalhos apresentados, salientam-se os seguintes: Monographia sobre o ensino livre, creação de uma escola e catechese para os indios do rio Gurupy, pelo conego Raymundo Ulysses Pennafort; Romance Historico D. Barbara, pelo sr. José Carvalho; Limites e noticia historica sobre os municipios do Estado do Pará, pelo dr. Palma Muniz; Diccionario Geographico, historico e estatistico do Pará pelo dr. Theodoro Braga; Diccionario Chronologico do Estado do Pará (Ephemerides), 1.º vol., pelo dr. Firmo Dias Cardoso; Dados dos geologos e hydrographia paraense, pelo dr. Henrique Santa

Rosa; Os contemplados, pelo dr. Palma Muniz; Climatologia da Amazonia, pelo dr. Americo Campos; Ressurreição Historica, pelo dr. Pedro de Almeida Genú, e A fundação da Santa Casa de Misericordia do Pará: uma rectificação historica, pelo dr. Izidoro de Azevedo Ribeiro. Alguns destes trabalhos estão publicados na revista do Instituto; D. Barbara é uma brochura impressa, sobre cujo merecimento já se manifestaram alguns escriptores nacionaes. Os annaes da Bibliotheca fizeram publicar em um dos seus volumes o notavel trabalho do dr. Palma Muniz sobre os limites dos municipios.

A Sociedade Medico Cirurgica desta capital, a quem encarregamos de estudar scientificamente a lenda das manchas de sangue, existentes no adrio da egreja do Carmo, apresentou um criterioso parecer, justificando pela analyse microscopica, não serem ellas de formação sanguinea. Sobre a legendaria sumaumeira de Cametá, provinda de uma das estacas ali enterradas, para servirem de trincheira defensiva á invasão dos cabanos em 1835, o sr. capitão Raymundo Cordeiro de Castro nos enviou um estudo cuidadosamente feito, porém o Intendente daquelle municipio, até hoje, ainda não nos respondeu sobre o pedido que lhe fizemos, de um resguardo commemorativo áquelle arvoredo tão digno da admiração dos seus visitantes.

Recommendo a attenção das respectivas commissões para enviarem com maior diligencia seus pareceres sobre os estudos apresentados pelos drs. Theodoro Braga e Firmo Cardoso, cujas informações poder-se-ão completar, fornecendo subsidios, de que esta associação foi encarregada pelo sr. dr. Lauro Sodré, para o Diccionario Historico-Geographico Brasileiro, que deverá ser publicado em setembro de 1922, para commemorar o 1.º Centenario da nossa emancipação politica. O sr. Bento Aranha foi designado para estudar e já possua documentos historicos de real valor provando que a egreja de N. S. das Mercês faz parte de uma doação realenga ao patrimonio dos orphãos do antigo Collegio do Amparo.

Bibliographia e Bibliotheca.—O Instituto Historico do Pará tem trocado a sua revista com as congeneres do Brasil e do estrangeiro, cujas edições vão sendo guardadas para encadernação ulterior. Temos, entretanto, recebido uma grande copia de obras de real interesse historico e geographico offerecidas por varios consocios e pessoas estranhas, para o cabedal da nossa futura Bibliotheca, cuja fundação é de real e imprescindivel interesse aos nossos estudos. Precisamos para isso de algumas estantes, que já foram encommendadas pelo Secretario do Estado ás officinas do Instituto «Lauro Sodré».

Honrosas visitas.—Este Instituto recebeu, com a maxima distincção, em outubro do anno passado, a visita do notavel historiador nacional dr. José Francisco da Rocha Pombo, que nos captivou com as expressões do seu estimulo pelo proseguimento da nossa tarefa, inaugurando o «Livro dos visitantes illustres», onde exarou um conceito muito lisongeiro á nossa instituição.

Tambem o sr. Raymundo Lopes, da Academia Maranhense,

nos visitou em janeiro ultimo, trazendo-nos as saudações daquella associação irmã, que anteriormente nos havia convidado para nos fazermos representar na solennidade da inauguração da estatua de João Francisco Lisbôa, em uma das praças da cidade de S. Luiz, a 1 do referido mez, cuja honra bastante nos desvaneceu, dando nós essa incumbencia ao proprio presidente daquella Academia.

Revista do Instituto.—Foi geralmente bem acceito pela Imprensa Nacional o 1.º numero da nossa Revista, cujo texto constou do seguinte:— Acta da installação do Instituto Historico e Geographico do Pará; Allocução pronunciada pelo dr. Ignacio Moura na inauguração deste Instituto, a 6 de março de 1917, no Theatro da Paz; Dados dos geologos e hydrographia paraense, H. Santa Rosa; Reflexões sobre os Annaes Historicos de Berredo, Palma Muniz; A ultima execução capital no Pará, João Victor de Campos; Ilha de Marajó, sua origem, Pedro Bezerra; A arte decorativa entre os selvagens da fóz do Amazonas, Theodoro Braga; A terra, as cousas e o homem da Amazonia, Bento Tenreiro Aranha; Os contemplados (Notas inéditas sobre as doações feitas com as terras e fazendas que pertenceram aos religiosos expulsos e sequestrados pela lei pombalina de 1755), Palma Muniz; José Bonifacio e a Independencia do Brasil, Martins Bessa; Diario Abreviado do tenente coronel Valerio Corrêa Botelho, copia de Palma Muniz; Ressurreição Historica, Almeida Genú.

Esse livro, correctamente impresso nas officinas do Instituto Lauro Sodré, dirigido pelo patriotico dr. Antonio Marçal, honra os creditos daquelle estabelecimento e seus operarios artisticos, cujos nomes ficaram historicamente gravados na capa da brochura.

Diplomas de socios.—Podemos garantir ser o nosso diploma social o mais estheticamente symbolico dos seus congeneres da Republica. O seu desenho é da lavra do nosso talentoso consocio dr. Theodoro Braga e a gravura foi feita nas officinas typographicas do sr. Francisco Oliveira, proprietario da casa «Amazonas», que foi parcimonio no custeio das respectivas despesas.

Finanças da Sociedade.—O nosso honrado e estudioso thesoureiro sr. José Joaquim Pereira de Araujo, muito se tem esforçado pela vida financeira desta associação. Cumpre notar que o sr. Araujo não limita-se unicamente ao seu empenho financeiro; já tem apresentado ao estudo das commissões alguns trabalhos attinentes a saber a verdadeira antiguidade da Cathedral de Belem e da egreja de Nossa Senhora das Mercês desta Capital. O balancete do anno passado, por elle apresentado, e approvado pela commissão de finanças consta do seguinte:

Receita em 1917..........................	976$000
Despesa no mesmo anno....................	461$000
Saldo em favor dos cofres sociaes............	515$000

Desse saldo, conforme o preceito regimental, 315$000 foram recolhidos ao Banco do Pará e 200$000 acham-se em poder do thesoureiro.

Uma galeria historica.—Para solennisar o primeiro anniversario do Instituto, a Directoria julgou bem acertada a inauguração da primeira serie de uma galeria historica, composta de retratos de alguns homens notaveis nos diversos e multiplos acontecimentos da vida politica do Pará.

Conseguimos obter, para esse fim, setenta quadros e telas devidas ao lapis e ao pincel de varios artistas e entregues agora ao estudo e á admiração do povo paraense. Essa galeria não é só formada de filhos da nossa terra, mas de varões nacionaes ou estrangeiros, que, com a sua energia, seu patriotismo e talento, trabalharam algures para o desenvolvimento do Estado, que agora lhes presta, pelo nosso intermedio, merecida homenagem ás suas virtudes.

O sr. dr. Lauro Sodré, patriotico Governador do Estado, accedendo ao nosso impulso, ordenou que as officinas do *Diario Official*, com a maior prestesa, imprimissem o respectivo catalogo da nossa exposição, com ligeiros traços biographicos desses illustres representantes da nossa cultura civica e moral, pedindo-nos que acceitassemos qualquer lucro na vendagem dessas brochuras em favor dos nossos cofres sociaes, que sinceramente lhe agradecemos.

Recommendamos a todos os nossos concidadãos que não deixem de visitar demoradamente essa galeria de homens notaveis, procurando estudar-lhes os caracteres e imitar-lhes os exemplos.

Srs. consocios, naturalmente deveis estar satisfeitos, no cumprimento dos vossos deveres. O Instituto Historico e Geographico do Pará, que por um projecto de lei apresentado pelo senador Ferreira Teixeira, está hoje considerado de utilidade publica, destina-se a prestar a toda a Amazonia os mais valiosos serviços para o desenvolvimento do paiz.

Desejamos que o anno a encetar seja repleto de grandes exemplos do nosso utilitarismo patriotico, esperando em Deus que os nossos trabalhos sejam coroados de resultados eloquentes para o nosso futuro e necessario engrandecimento.

Belem, 6 de março de 1918.

Ignacio Baptista de Moura.
Presidente.

Estatutos do Instituto Historico e Geographico do Pará

CAPITULO I — Do Instituto e seus fins

Art. 1.º — O « Instituto Historico e Geographico do Pará » fundado na cidade de Santa Maria de Belém, capital do Estado do Gram-Pará, aos seis dias do mez de Março de 1917, é uma associação scientifica, que, subordinada aos presentes Estatutos, tem por objecto:

1.º Promover o estudo, animar o desenvolvimento e fazer a diffusão do conhecimento da Geographia e da Historia, em todos os seus ramos, e em todas as suas applicações á vida social, politica e economica, especialisando os seus trabalhos no que se refere ao Estado do Pará.

2.º Reunir, concatenar, publicar ou archivar documentos e trabalhos sobre Geographia, Historia, Ethnographia e Archeologia do Brazil e especialmente do Pará

CAPITULO II — Da organização do Instituto

Art. 4.º — O «Instituto Historico e Geographico do Pará» compõe-se de numero illimitado de socios, sem distincção de sexo, nacionalidade, crenças e opiniões, distribuidos nas seguintes classes:

a) socios effectivos;
b) socios correspondentes;
c) socios honorarios;
d) socios benemeritos.

§ unico. Dentre estes socios terão a classificação especial de — «fundadores» — os que assignaram a acta da fundação do Instituto no dia 6 de Março de 1917.

Art. 5.º — socios effectivos e correspondentes serão aquelles que, dedicados ao estudo da Geographia, da Historia, da Ethnographia, da Archeologia e das demais sciencias correlatas, desejem collaborar effectivamente nos trabalhos do Instituto; os «effectivos» residentes no Estado do Pará, e os «correspondentes» fóra d'elle.

Art. 6.º — São requisitos essenciaes e indispensaveis para admissão de socios effectivos e correspondentes:

1.º Ser o candidato proposto por dois ou mais socios effectivos, contendo a proposta a indicação do nome, edade, qualidades, nacionalidade, profissão e domicilio do proposto;

2.º Ser a proposta justificada com a annexação de um ou mais trabalhos publicados ou ineditos, do proposto, sobre Geographia, Historia, Ethnographia ou Archeologia do Brazil, sujeitos a apreciação e juizo do Instituto para a admissão.

3.º Obter da commissão respectiva parecer favoravel á admissão e maioria absoluta de votos presentes ás sessões do Conselho Director, approvando a Assembléa Geral o mesmo parecer.

Art. 7.º — Os socios effectivos que deixarem de residir no Estado do Pará, reverterão para a classe de socios correspondentes; da mesma fórma passarão a ser classificados como «effectivos», os socios correspondentes que provarem perante o Instituto haverem fixado residencia no Estado.

Art. 8.º — Socios honorario serão as pessoas que, por sua elevada posição social ou por distincção notavel no saber, especialmente nos dominios da Geographia, da Historia, da Ethnographia e da Archeologia, principalmente em relação ao Brazil, mereçam da Assembléa Geral do Instituto esta prova de consideração e apreço.

Art. 9.º — Socios benemeritos serão os cidadãos de qualquer cathegoria, associados ou não, que por actos reputados valiosos aos interesses do Instituto, a juizo da Directoria, ou por donativos pecuniarios ao Instituto, de valor superior a 5:000$000, deem causa ao reconhecimento da associação, manifestado por approvação da Assembléa Geral.

Art. 10. — As propostas para socios benemeritos só poderão proceder da Directoria, com justificação plena dos motivos de benemerencia que dão causa á indicação; as propostas para socios honorarios egualmente justificadas, poderão ser apresentadas, não só pela Directoria, como por um grupo de socios effectivos, em numero de 12 pelo menos.

Em um como em outro caso a admissão depende de approvação da Assembléa Geral, por maioria de 2/3 dos socios presentes.

Dr ANTONIO MARÇAL
DIRECTOR

OBRA executada pelos educandos da officina de Typographo, n.os 38, Hildebrando Azevedo; 36, Olavo Silva; 93, Octavio Martins; 32, Djalma Carvalho; 2, Benedicto Genú; 9, Armando Lima; 96, Conceição e Silva; 68, Ulysses Lavareda; 91, Manoel Araujo.

MESTRE DA OFFICINA
VICENTE SILVA

Belém, 19 de Outubro de 1918

A REDACÇÃO

procurou respeitar
o mais possivel o estylo
e a syntaxe dos
collaboradores, aos
quaes, em geral,
ficou o encargo das provas typographicas,
para maior fidelidade da
composição.